

Programa faz mapeamento da agricultura familiar da PB

ParaíbaTec investe no ensino profissionalizante, mas para isso quer compreender a demanda no setor. [Página 15](#)

Entrevista



Foto: Arquivo pessoal

Rodrigo Tavares Psicanalista explica o "adoecimento moral" que está havendo em meio à pandemia. [Página 4](#)

Diversidade

Lei de Segurança Nacional em pleno regime democrático

Especialistas debatem o uso da legislação criada na ditadura militar, adormecida após a queda do regime e despertada pelo governo Bolsonaro. [Página 19](#)

Paraíba

Depressão é uma das sequelas deixadas pela covid-19

São vários os tipos de consequências deixadas pela doença, mesmo naqueles pacientes que apresentaram apenas sintomas leves. [Página 5](#)

Políticas

Número de defensores cai na PB e déficit chega a 112 advogados

Cerca de 80% dos profissionais já passaram dos 60 anos de idade e, até o fim de 2021, 20 irão se aposentar. Defensoria fala em concurso para amenizar a carência. [Página 13](#)

Colunas

// Incapazes de falar ou se unir pela interlocução, para construir bens comuns, pessoas abstraem-se da vida real e lançam seus rancores em estranhas nuvens. // [Página 2](#)

Editorial

// Sintomas do excesso de estímulo. O indivíduo hiperatento, absorvido por múltiplas tarefas, é um retrocesso civilizatório. // [Página 10](#)

Estevam Dedalus



Foto: Marcus Antonius

Brechós ganham espaços modernos e atraentes

Em alta durante a pandemia, o mercado de roupas e acessórios usados ganha atenção do consumidor com produtos de qualidade e preços acessíveis. [Páginas 17 e 18](#)

Esportes

Vôlei de Praia

Atleta em ascensão, a jogadora paraibana Andressa Cavalcanti (em primeiro plano) conta, em entrevista exclusiva, os percalços da temporada 2020 e as conquistas que têm obtido junto à parceira Vitória. [Página 21](#)

Foto: Instagram/Andressa



Foto: Arquivo A União

Almanaque



O terminal da Primavera As lembranças, e histórias, da antiga estação rodoviária de João Pessoa, desativada em 1982. [Página 25](#)

Cuide de si e do próximo

USE ÁLCOOL EM GEL 70%

MANTENHA O DISTÂNCIAMENTO

USE MÁSCARA



Editorial

Origem comum

Nos dias claros, logo após o Sol romper a linha do horizonte, quem adota posturas reflexivas, no mirante de frente para o mar, constata com maior facilidade o quanto os seres humanos estão desiguais. Quão fragmentados estão as ideias e os sentimentos; um contraponto duvidoso do tão criticado maniqueísmo que antes caracterizava a cultura ocidental.

Na capital paraibana, nos lugares, talvez, de maior esplendor da natureza, que são os terraços da orla marítima, a exemplo das falésias do Cabo Branco, observa-se com mais acuidade a segregação que ameaça transformar em colcha de retalhos o tecido social. A intolerância de pequenas e médias tribos fracionando o clã que se pretende afetivo e solidário.

Um contexto marcado por um surto, ainda sem controle, de um vírus letal, transmissor de uma doença, ainda sem cura, que já levou e continua levando milhares de pessoas aos hospitais, cemitérios e crematórios. Milhares de pessoas lutando pela vida, em unidades de tratamento intensivo, aos cuidados de profissionais à beira da exaustão física e psicológica.

E o que fazem outros milhares de pessoas? Correm, caminham ou pedalam, à beira-mar, sem máscaras, respirando com sofreguidão o oxigênio que a natureza oferece de graça. Algumas expiram carbono contaminado, e que é inspirado por quem passa bem ao lado ou que vem logo atrás, disseminando, dessa maneira, não a saúde, mas a doença.

Incapazes de falar ou se unir pela interlocução, para construir bens comuns, pessoas abstraem-se da vida real e lançam seus rancores em estranhas nuvens. Cumulonimbus virtuais, pejudas de maledicências, que flutuam pela Terra, regando, com águas infectas, outros cérebros estéreis de discernimento, nos quais rebentam apenas as flores do mal.

Enigmático, isso de se residir em um espaço de amplidão, mistério e beleza imensuráveis – não se habita a Terra, simplesmente, mas o universo, a se dar crédito ao conceito da unidade cósmica - e possuir mentalidade tão limitada. O não pensar no outro é um estágio de treva; de negação da luz, que tudo revela para que se compreenda o mútuo pertencimento.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

As discussões políticas na internet

As redes sociais deveriam ser um importante instrumento para o exercício de reflexão, troca de ideias divergentes e estímulo à pluralidade democrática. Na prática, o que vemos é exatamente o contrário, principalmente quando o debate (melhor classificar de discussão) acontece no trato de questões políticas. Há uma flagrante prevalência da hostilidade, com expressões precipitadas de opiniões, fugindo ao discurso racional.

A internet está cheia de piro-maníacos, aqueles que sentem prazer em jogar gasolina no fogo para aumentar o incêndio. Normalmente, são debatedores despreparados, que não aceitam contestação ao que pensam e defendem. Oferecem status de manchetes aos boatos que satisfazem seu pensamento político. Desconhecem o que sejam regras de polidez. Assumem um engajamento político belicoso, produzindo comentários carregados de sarcasmos, desqualificando os que se opõem às suas ideias, utilizando-se de ofensas pessoais já que não se apresentam com capacidade para argumentação contrária.

O pior é que são pessoas que não aprenderam a pensar. Falam, raciocinam e agem, na conformidade do que seus líderes definem. Falta-lhes consciência crítica. É como se participassem de torcidas organizadas em torno de disputas partidárias e questões polêmicas.

so. A discussão é pautada por brigas, desavenças, xingamentos.

Atingir, de forma depressiva, a dignidade de outrem é afrontar o direito alheio de assumir sua individualidade. Não se pode confundir o discurso do ódio com a liberdade de expressão. Os embates políticos não devem ser alimentados pela ferocidade, e sim pelo equilíbrio de manifestação das opiniões.

Isso se aplica aos dois lados da disputa: direita ou esquerda, bolsonaristas ou lulistas, socialistas ou neoliberais. É necessário que se desarmem os espíritos para que busquemos a paz que este país tanto precisa. Muito triste ver que amigos fraternos se atacam por causa de política e as divergências contaminem os ambientes familiares a ponto de suscitar brigas entre parentes.

Já fui vítima disso, por amigos-irmãos e por familiares. E, lamentavelmente, entrei no jogo da discussão inflamada. Passado o abrasamento do bate-boca, dos desentendimentos, é que observamos o quanto estamos sendo tolos nesse tipo de comportamento. Façamos, portanto, das redes sociais, não um campo de batalha, mas um espaço de conversa civilizada, mesmo que no confronto de teses e convicções. Que as brincadeiras nunca deixem de ser apenas uma forma irônica, no bom sentido, de defesa de suas posições, sem o interesse em achincalhar, menosprezar ou humilhar alguém. Assim, preservaremos e fortaleceremos a democracia que deu tanto trabalho para reconquistar.

É como se participassem de torcidas organizadas em torno de disputas partidárias e questões polêmicas

Artigo

Sitônio Pinto

sitonipinto@gmail.com | Colaborador

Manifesto da música III

Louvo seu esforço, somado ao de Morelembaum e de uma plêiade de instrumentistas, na realização de *Transparente*, disco que vem atender à necessidade de identidade, de expressão e de comunicação entre os povos luso-tropicais e desses povos para com o mundo. Confesso minha esperança, como mestiço luso-tropical, e admirador da sua arte, que seus próximos trabalhos deem continuidade a essa tendência tão bem manifesta em *Transparente*, pois Você, seus compositores, instrumentistas e o grande Maestro estão no rumo certo — inclusive no que diz respeito à nossa necessidade político-cultural de expressão a quem, além ou intra-mares.

A música tradicional portuguesa também deve e pode ser apresentada nas suas próximas gravações, como vem sendo feita. Ela é o banco genético de onde se extraem os elementos relativamente puros para a formação da mestiçagem musical.

sileiras; é um trabalho necessário, mas, não são *músicas mestiças*. Você faz as duas coisas.

Em consequência do que já falei, permita-me, Mariza, pedir que Você execute, numa só peça, e grave numa só faixa, a versão original de *Mãe Preta* (Caco Velho e Piratini), e, em seguida, após um efeito orquestral, continue com a segunda versão, que é *Barco negro* (Caco Velho, Piratini, David Jesus Mourão-Ferreira). Até hoje, as duas peças têm sido executadas apenas numa versão ou noutra; mas nunca foram reunidas.

Acredito que, na sua voz, a reunião das duas versões, arranjadas por Morelembaum, será um sucesso.

Lembre-se que locações para possíveis *clips* também podem abranger a paisagem luso-tropical. Aqui mesmo, em minha cidade (a terceira mais antiga do Brasil, a mais próxima de Portugal e da África, o ponto

mais oriental das Américas, junto ao Cabo Branco — onde o sol nasce primeiro), há excelentes locações para um *clip* luso-tropical, por sua natureza e seu parque barroco — esse com características próprias, o barroco paraibano. Já propus às autoridades locais a realização de um grande festival internacional de música afro-americana no Cabo Branco, por ser ele o ponto das Américas mais próximo da África; é visível nos mapas, destacando-se na proeminência da América do Sul em direção ao continente africano.

Ela é o banco genético de onde se extraem os elementos relativamente puros para a formação da mestiçagem musical

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA: 99143-6762

Contra o vírus, solidariedade

Com crise sanitária e econômica, trabalho de voluntários torna-se essencial na vida de pessoas com baixa renda

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

O período de pandemia em que vivemos, há já mais que 12 meses, agravou a crise econômica que já atingia boa parte dos brasileiros. Em cada rincão do país, cresce o número de pessoas em situação de vulnerabilidade. E, para amenizar as dificuldades das famílias causadas pelo desemprego e desamparo institucional, muitas pessoas tem usado parte do seu tempo, e até de sua renda, para ajudar quem está precisando de alimento, roupas e até mesmo um cobertor para vencer o frio das madrugadas pelas ruas das cidades.

Mesmo com as restrições do isolamento social, como medida para conter a

covid-19, o voluntariado tem se tornado presente na vida de muita gente que busca de alguma maneira ajudar o próximo. A enfermeira e pastora Linda Meira, de 42 anos, é um exemplo dessas pessoas que se dedicam em cuidar dos que, muitas das vezes, são invisíveis à sociedade. Ela é idealizadora do Projeto Compaixão, que atende crianças carentes e seus familiares na comunidade do Jacaré, em Cabedelo, e faz parte do Projeto Comunhão nas Ruas, que distribui refeições aos moradores de ruas e famílias de baixa renda na Grande João Pessoa.

“Eu aprendi que, nos dias difíceis, posso ser o alívio para alguém. Penso muito sobre a lei da sementeira: o que planto irei colher. Desde 2006, partici-

po do ‘Compaixão’ – que realiza atividades como: apoio escolar, recreação, atividade esportiva, como o jiu-jitsu, princípios cristãos e a valorização da vida, bem como conscientização a respeito da sexualidade e drogas, como um meio preventivo”, comentou Linda Meira.

A enfermeira destacou ainda a importância da distribuição de alimentos para quem precisa, e não está conseguindo, colocar comida na mesa dos seus lares. “Nesta pandemia, já distribuímos mais de duas toneladas de alimentos às famílias das crianças do projeto, como também moradores de rua, em duas comunidades de venezuelanos e a dezenas de famílias da Igreja que faço parte”, relata Linda.



Grupos dedicam-se a ajudar pessoas necessitadas na Paraíba, doando alimentos e, principalmente, atenção

Pequenas ações para mudar o mundo

Ao verem as dificuldades que alguns colegas passavam na universidade, duas amigas e mestrandas da UFPB, Marcella Melo, de 27 anos, e Bárbara Dias, de 36 anos, decidiram sair da zona de conforto e ‘arregaçaram as mangas para ajudar’, com doação de alimentos, os estudantes que não eram assistidos por qualquer tipo de auxílio estudantil. Em abril do ano passado, diante da pandemia elas começaram a se preocupar com a realidade fora da UFPB, como a fome, falta de moradia e o desemprego em diversos bairros de João Pessoa. Então, criaram o ‘Coletivo Clareô’ para alcançar as pessoas que precisam de urgência suprir as necessidades básicas do ser humano, como se alimentar.

“Começamos nossas ações em meados de 2015, quando ainda estávamos na graduação, com o projeto que intitulamos APENAS 1, e atendia de forma muito discreta os colegas universitários, a maioria do interior da Paraíba. O objetivo maior era conectar um grupo de amigos e amigos que pudessem contribuir com ‘apenas um’ quilo que alimento por mês. Sendo assim, conseguiríamos ajudar esses estudantes. Mas, aí chegou a covid-19 e resolvemos ressignificar nosso propósito, criando o ‘coletivo Clareô’, fazendo a diferença na vida de quem está precisando. Somos nordestinas e ouvimos muito que quando a ajuda chega é como se acendesse uma luz no fim do túnel, esse túnel é a fome e a luz pra muita gente durante esse período é a solidariedade”, conta a voluntária Marcella.

“Nos comprometemos a fazer nosso parte para alcançar aqueles que têm demandas emergenciais e que não podem esperar pela burocracia das políticas públicas. Mudar o mundo começa com pequenas ações. Começa por nós, pela nossa cidade. Acreditamos nessa mudança, ela nos move e é urgente. Nos últimos meses, a fome não amenizou, pelo contrário, tem se agravado em todo o país e aqui em João Pessoa não seria diferente e atendemos de forma pontual famílias das comunidades do Aratú, So-

nho Verde, São Rafael, Timbó, São José, São Luiz, Boa Esperança e Ocupação São José (no centro da cidade). Para além das ações emergenciais como a distribuição de cestas básicas e outros itens alimentícios, também doamos roupas, lençóis e calçados. Quando fazemos as doações do que arrecadamos a sensação é de alívio, em saber que pelo menos para naquele dia a preocupação não vai ser de fome. É isso que alimentamos, uma esperança por dia”, explica Bárbara.

Além da dupla, o coletivo conta com o apoio de uma motorista de aplicativo que aproveita das viagens para arrecadar as doações, a Cinthya Costa, e o do Lucas Mendes que auxilia nas redes sociais do Clareô. “Somos só duas e fazemos 99% de tudo, desde a parte burocrática quanto a parte prática, mas agora contamos com esses dois parceiros que tem nos ajudado muito. Inclusive, aproveitamos o espaço para divulgar que estamos precisando de mãos para somar com a gente nessa caminhada. Precisamos de você que acredita ser possível um mundo mais justo e igualitário, que valoriza as pequenas ações como o começo para algo maior. Se assim como para nós, isso te move, entra em contato com a gente”, finaliza a mestranda Marcella.

Quem quiser participar pode entrar em contato através no perfil no Instagram @coletivoclario ou pelo e-mail: coletivoclario@gmail.com. As doações podem ser feitas pelo PIX (CPF): 700.663.944-14.



Voluntários visitam bairros para prestar assistência

Projetos amparam desabrigados

Outro projeto de que a voluntária Linda Meira faz parte é o “Comunhão das Ruas”, que intensificou as ações pelos bairros da capital e região metropolitana desde o início da pandemia, em 2020. “Semanalmente, a gente distribui mais de 100 quentinhas com refeição do jantar aos moradores de rua da nossa grande João Pessoa. Dividimos a equipe em duas, uma prepara os alimentos toda quinta-feira de tarde e os outros voluntários fazem entrega às pessoas que vivem nas ruas”, destacou. Atualmente, cerca de 15 pessoas participam efetivamente das ações, mas quem quiser participar da iniciativa, pode mandar mensagem para o perfil @comunhaonasruas, no Instagram.

A pastora reconhece que as pessoas que fazem a doação sentem tanta ou mais alegria em dar do que aquelas que recebem. “Então, convido todos a experimentar essa alegria que a gente não consegue nem explicar, apenas sentimos. Que tal você compartilhar uma peça de roupa do seu guarda roupa com alguém que precise, que não terá como retribuir, ou mesmo, compartilhar alimentos que você tenha na sua dispensa com um necessitado? Comece com as pessoas mais próxima de você,

com certeza encontrará alguém clamando por ajuda”, comenta Linda.

A massoterapeuta Helena Cristina Oliveira, de 43 anos, também é uma das pessoas que dedicam algumas horas do seu fim de semana para cozinhar e fazer entrega de alimentos a pessoas sem teto. As quentinhas são distribuídas todos os sábados e domingos, no Mercado Central, Terminal Rodoviária e Mercado do Peixe de Tambaú, em João Pessoa. “Há uns 10 anos faço esse trabalho, desde que passei a fazer parte do grupo espírita Ave Luz e nessa pandemia o número de pessoas nas ruas triplicaram e com isso aumentaram nossas ações”, destacou.

O Grupo Espírita Ave Luz conta com 3 postos de assistência a moradores de rua, segundo Helena Cristina. Eles são realizados no Mercado Central, Rodoviária e Mercado de Peixe de Tambaú, com a distribuição de sopa. Além do local de assistência na comunidade Vitória, no bairro Altiplano, no qual realizamos palestras, Evangelho no Lar, distribuição de sopa, grupo de assistência à gestante, brechó com doação de roupas e artesanato, entre outros. As pessoas que quiserem contribuir com o Grupo, podem acessar, no Instagram, o perfil @ge_aveluz.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

HOUVE OMISSÃO DO PRESIDENTE DO SENADO NO CASO DA CPI DA COVID? A RESPOSTA É UM ALTISSONANTE SIM!



Foto: Comunicação/STF

A polêmica envolvendo a instalação da ‘CPI da Covid’ – ou ‘CPI da Pandemia’, como nominam alguns –, que ocorrerá por força de decisão monocrática do ministro Luís Roberto Barroso (foto), do STF, que deferiu liminar favorável a esta finalidade, atendendo a ação dos senadores Jorge Cajuru e Alessandro Vieira, ambos do Cidadania, impõe um questionamento: houve omissão do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (Democratas) em não determinar que a comissão fosse instalada? A resposta é um altissonante sim! Ora, se o Regimento da casa determina que uma CPI deve ser instalada caso o requerimento de solicitação tenha um terço de assinaturas do total de integrantes do Senado, o que impediria que o rito fosse seguido à risca? Há que se ressaltar que o pedido, de autoria de Randolfe Rodrigues (Rede-AP) tem a anuência de 32 parlamentares, cinco a mais que as 27 assinaturas necessárias. O que temia Pacheco ao protelar a instalação do colegiado? A propósito, o senador do Democratas foi o candidato apoiado pelo presidente Jair Bolsonaro (sem partido), quando da eleição para a Presidência da casa, fato este que gera desconfiança quanto à suas justificativas para não deflagrar o processo em questão: não teria instalado a comissão por receio de transformar a CPI em palanque político para a corrida presidencial de 2022. Contra Bolsonaro? Ora, senador, já diz a máxima: ‘quem não deve, não teme!’

“DESFECHOS INEVITÁVEIS”

Do senador Fabiano Contarato (REDE), via Twitter, reportando-se à polêmica da instalação da CPI da Covid: “É lamentável que o Senado, se omitindo, tenha que ser obrigado a cumprir com seus deveres básicos. A responsabilização de Bolsonaro está próxima e, se a Justiça for feita, seu impeachment e sua prisão serão desfechos inevitáveis desta CPI!”

CONTRADIÇÃO EVANGÉLICA

Vereador de primeiro mandato, Júnior Leandro (PDT) enxerga ‘dois pesos e duas medidas’ na postura de vereadores calejados da bancada evangélica na Câmara Municipal de João Pessoa: defendem o retorno de cultos com a participação dos fiéis “para dar dinheiro ao pastor”, mas são contra as atividades presenciais em plenário.

DE VENTO EM POPA

Os ventos favoráveis da articulação política dão celeridade ao barco de Efraim Filho (DEM) em sua intenção de ser candidato a senador. Após receber apoio do senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB) à sua postulação, assim como do deputado Wilson Filho (PTB), os próximos apoios vêm de Patos: Hugo Motta, deputado, e Nabor Wanderley, prefeito, ambos do Republicanos.

PRÉ-CAMPANHA ARTICULADA

Em mais de uma década atuando na cobertura política, posso afirmar que as articulações dessa pré-campanha de Efraim Filho é uma das mais organizadas e eficazes, do ponto de vista de angariar, prematuramente, apoios de agentes políticos importantes no cenário político – ou seja, apoio declarado de quem tem capital eleitoral a oferecer.

EM SITUAÇÃO PRIVILEGIADA

Líder do Democratas na Câmara Federal e coordenador da bancada federal paraibana, Efraim Filho está, podemos assim dizer, em situação privilegiada para colocar seu ‘bloco na rua’: passou por ele, por exemplo, as articulações para a destinação de emendas parlamentares à Paraíba. Afora isso, integra um grupo político hegemônico na Paraíba.

O PREFEITO QUE ACORDA COM OS PASSARINHOS

Workaholic, o prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena (PP), acorda às 4h30 todos os dias para fazer caminhada matinal, antes de iniciar suas atividades à frente da prefeitura. Aos seus comandados mais próximos, costuma dizer: “Passarinho que não deve nada a ninguém, nessa hora já está trabalhando. Vamos lá turma!”

Rodrigo Tavares,
Psicanalista e psicólogo clínico

“As pessoas estão morrendo por conta de nossas escolhas e atitudes”

Rodrigo Tavares explica, à luz da psicologia e da medicina, o adoecimento moral em meio à pandemia: o esquecimento de nomes e histórias em detrimento dos números trágicos da covid-19

Para o psicanalista, as redes sociais criam bolhas de realidade que muitas vezes não condizem com o que é real o que, segundo ele, nos coloca no aspecto do nosso microuniverso como único e detentor de toda a verdade, o que não corresponde à realidade. “Então, é muito difícil sair dessa bolha para uma realidade onde as pessoas estão morrendo por conta de atitudes e escolhas nossas”, avalia



Foto: Divulgação

Ana Flávia Nóbrega
ananflavia@epc.pb.gov.br

Com mais de seis mil mortos em decorrência da covid-19, média de 40 óbitos diários na Paraíba e o

Brasil alcançando quatro mil mortes em um único dia pela doença, a banalização da morte está, cada dia mais, em evidência. Diante de tantos números, muitos se esquecem dos nomes e

histórias que constituem tais números. O comportamento pode ser descrito através da ótica do esquecimento ou aversão à dor do outro, do próximo, em detrimento da supervalo-

“Enquanto o ser subjetivo não for afetado, a coletividade passa a ser o segundo plano”

rização do “eu”. Enquanto o ser subjetivo não for afetado, a coletividade passa a ser o segundo plano.

O comportamento descrito é cotidiano na vida de muitos brasileiros e podem ser explicados e analisados através da psicologia. O psicanalista e psicólogo clínico, Rodrigo Tavares, falou sobre o momento para o Jornal A União.

A entrevista

Compadecer-se pela dor da perda do outro tem sido cada vez mais raro durante a pandemia. Relativizar a morte de outros com uma frequência cada vez maior pode ser explicado pela Psicologia?

As pessoas que não estão se identificando com os outros, nesse processo de luto, são explicadas pela psicologia. Porque é um fenômeno que já aconteceu e recentemente acontece por questões da sociedade e a forma como vemos hoje. Penso que situações como redes sociais criam bolhas de realidade que muitas vezes não condizem com o que é real. Isso nos coloca no aspecto do nosso microuniverso como sendo ele singularmente, único e detentor de toda a verdade. O que não acontece. Então, é muito difícil sair dessa bolha para uma realidade onde as pessoas estão morrendo por conta de atitudes e escolhas nossas. Desse modo a gente evita se conectar com essa dor e com essa responsabilidade porque pelo ego nós temos que ser o supracumulado de tudo que é de bom. Criamos essas bolhas onde nós não identificamos ou conhecemos a dor do outro, como é o caso de gerador de frases como vimos recentemente

no Big Brother Brasil, uma moça falando que ia para festas e baladas porque isso [pandemia] era uma besteira. E isso certamente porque ninguém perto dela foi atingida, ela não passou por uma dor, por uma perda, então se minimiza.

Vem se tornando natural, também, que a dor pela perda diante da covid-19 só seja sentida quando ela se aproxima de familiares, amigos e pessoas queridas. Existe explicação para isso na sociedade em que vivemos?

As pessoas só vêm se dar conta quando acontece próximo e ainda assim existe a relativização do tipo “aconteceu porque era velho, obeso...” e isso é uma relativização. Quando eu relativizo e coloco essas condições eu afasto isso dessa condição, dessa possibilidade da morte. Outro ponto é a questão da diferença entre a realização da morte e identificação com a morte. Como postula Bauman, hoje nada é feito para durar e, nesse ponto de vista, eu coloco que isso vai criando a despersonalização da nossa identificação com o outro. Deixamos de nos identificar com o outro e nosso universo se torna singular mediante as nossas

necessidades. E Freud também mostra a necessidade do ego. Junta a modernidade líquida e juntamos com a necessidade do nosso ego de sempre ser alimentado, a gente entra em uma sociedade em que o outro se torna um coadjuvante que tem que concordar com a nossa vida e se não, ele se torna descartável. Acredito que essa descaracterização do luto passa pelo não reconhecer e identificar o outro. O outro é algo útil pra mim que logo logo pode deixar de ser. Tudo é muito superficial, então acredito que isso também tem influenciado nessas relações.

Durante a pandemia presenciamos festas clandestinas e um grande número de jovens relativizando a situação, por que isso acontece?

O jovem tem a sensação de onipotência, de que ele pode tudo e que nada vai atingi-lo. Tanto por isso eles se colocam em situações de risco. As pessoas relativizaram a morte. Elas falam “eu tenho 30 anos, 25 anos, 35 anos e essa doença não pega em mim, só mata velho”. Nisso, a pessoa relativiza a morte e coloca as dores longe dela, como uma forma de fugir do medo da morte.

É uma forma de não encarar o que te assusta e pode até chegar a ser uma fobia. Você passar moléstia a outro é crime. Quando você tem uma pessoa despreocupada com a vida do outro, eu queria saber o que ela acharia se os outros pensassem que estão nem aí para ela. É uma situação em que vejo ao estudar psicopatas e assassinos, alguns deles entram em um processo em que, para afastar a morte deles, eles causam a morte de outro. Assim eles afastam a morte deles. Eu não diferencio muito o comportamento de uma pessoa que para afastar a morte dela, porque ela precisa manter a saúde mental dela, precise sair e não se arrepende do que causar ao outro. Podemos colocar isso como o medo da morte ao afastar a morte de si, através da morte do outro.

É bastante frequente o uso do “card” pelo bem da saúde mental para poder não respeitar as medidas restritivas e de isolamento. Você observa esse movimento como uma constante?

Muitos, muitos. Várias pessoas usaram desse argumento da saúde mental, muitas pessoas usaram de argumentos políticos e

ainda hoje utilizam, infelizmente. O que sempre digo a eles, que falam sobre saúde mental, é saber se adaptar a um novo normal. Porque se você ficar buscando esse processo de busca de maneira infantil como a gente tem visto, você vai tanto se colocar em risco como colocar outros. Mas as pessoas, muitas vezes, entram em relativizações. As pessoas precisam compreender que o novo normal não necessariamente é ruim. Apenas temos que ter cuidado para saber lidar com as coisas. Só que a gente vive em uma situação em que as pessoas se sentem muito poderosas em poder dizer “ah, eu estou pagando cem reais para estar aqui nesse bar e eu sou poderoso por conta disso” e aí “eu posso sair, eu posso beber, eu posso colocar o meu sonzinho e incomodar o outro, posso colocar o outro em risco porque eu estou no meu direito, é minha opinião. Nossa, esse termo hoje, o “minha opinião” é, para mim, chega a causar náusea.

A discussão sobre o direito de ir e vir, mesmo na pandemia, tem estado cada vez mais em voga para justificar imprudências também. Como você avalia esse momento?

As pessoas são muito cheias de direito. É aquela história do “eu tenho direito de agredir você”, como o caso do deputado que foi preso por exigir o AI-5, mas o outro não pode ter direitos. É uma sensação de poder. A gente vê muito disso trabalhando com o autor Byung-Chul Han, ele tem uma obra chamada “A sociedade do cansaço” e ele vem trazer o tema de como a gente vive em uma sociedade onde se pode tudo. E isso acaba nos trazendo figuras que podem ser um tanto quanto abusivas. A gente tem uma sociedade em que as pessoas valorizam a posse. É sempre “o que eu tenho, o que eu posso, eu paguei por isso, eu posso fazer aquilo” o produto é mais valioso do que a vida do outro e isso é um adoecimento da sociedade. É uma sociedade que não trabalha com a empatia, o respeito ao próximo e até mesmo a responsabilidade afetiva. Por exemplo o Tinder, era um aplicativo inicialmente para criar amizades e virou um cardápio, as pessoas escolhem o que querem e não se importam com o outro, não possuem responsabilidade afetiva. Zygmund Bauman trabalha isso em Amor Líquido.

Na Paraíba 1,6 mil pessoas são monitoradas através de tornozeleiras eletrônicas por determinação judicial. Aparelhos são rastreados por GPS. [Página 7](#)



Foto: Reprodução

Covid-19 pode provocar estresse pós-traumático e depressão

Muitos pacientes que tiveram a doença, mesmo aqueles com sintomas mais leves, apresentam sequelas variadas



José Alves
zavieira2@gmail.com

Uma em cada três pessoas que superam a covid-19 são diagnosticadas com problemas neurológicos ou psiquiátricos nos seis meses posteriores à infecção, de acordo com estudo publicado pela revista *The Lancet Psychiatry*, uma das publicações mais respeitadas do mundo no segmento. Em João Pessoa, a psicóloga Ludmila Rodrigues afirmou que já atendeu diversas pessoas que venceram o vírus, mas ficaram com estresse pós-traumático e depressão. "Para esses casos, o tratamento psicológico consiste em ajudar o paciente a retornar ao seu eu. A resgatar o sentido para a vida, que muitas vezes se perde provocando a depressão".

Ela disse que no dia a dia de sua profissão, os casos mais co-

/// A depressão é mais forte nesses pacientes devido ao medo da morte, o medo de ter infectado algum ente querido... Atendi pacientes que tinham o humor bem estável e que nunca tinham apresentado episódios depressivos durante a vida.. ///

muns pós-covid-19 são exatamente estresse, depressão e perda do humor. "A depressão é mais forte nesses pacientes, devido ao medo da morte, o medo de ter infectado algum ente querido, e nesse período, o paciente perde o humor e fica deprimido. Atendi pacientes que tinham o humor super estável e que nunca tinham apresentado episódios depressivos durante a

vida. Mas depois de serem infectados pelo coronavírus, mudaram o comportamento. O medo tomou conta, e eles precisaram de atendimento psicológico".

A psicóloga revelou que esse tipo de sequela não acomete apenas os pacientes que tiveram covid-19 grave. Os que foram infectados com o vírus de forma leve, ou seja, mesmo sem precisarem ter ido a hospitais, também precisaram da ajuda de um profissional para se livrarem da depressão.

"Eu tive pacientes que passaram um mês no hospital e deram depoimentos que, durante a internação, viviam numa 'briga psicológica' o tempo inteiro. Eles falaram que viviam em uma luta diária para se manter estáveis emocionalmente. O maior medo era da morte. Eles se veem bem próximos da morte nessas situações", lamentou Ludmila.

Dúvidas se sequelas são temporárias

São inúmeras as sequelas que o coronavírus pode deixar nas pessoas que foram infectadas e que conseguiram vencer o vírus. O problema que os médicos ainda não podem afirmar se essas decorrências, como danos nos pulmões, coração, rins, intestino, sistema vascular, cansaço, falta de ar e cérebro, são temporárias ou não.

Segundo o neurologista João Batista dos Santos, o comprometimento do sistema nervoso central acontece de muitas formas para quem teve coronavírus. Ele afirmou que mais de 60% dos pacientes recuperados da covid-19, sem internação, apresentam algum sintoma neurológico persistente: fadiga crônica, problemas de memória, perda de olfato, dores de cabeça ou perda de paladar. Já entre os pacientes graves, ou seja, os que precisaram ser intubados, a situação é agravante e boa parte pode necessitar de cuidados médicos por um longo período.

A bancária Adriana Lucena, que foi vítima da covid-19 e con-

seguiu se curar da doença, disse que um mês depois sentiu fortes dores nas pernas. "Foi uma dor como se minhas pernas estivessem pesando mais que o corpo".

Ela contou que uma semana depois procurou um médico que pediu um exame para ver a coagulação no seu sangue. "Como eu sentia muita dor de cabeça, precisei fazer uma ressonância e identificaram uma trombose". Depois do exame, Adriana Lucena ficou sobre os cuidados de um neurologista que lhe passou um anticoagulante para que ela fosse curada da sequela adquirida pelo coronavírus.

Conforme a revista *The Lancet Psychiatry*, os pacientes pós-covid-19 são afetados por ansiedade e alterações de humor, hemorragias cerebrais, a c i -

dentos vasculares cerebrais e demência. A pesquisa que foi realizado em Londres, mostrou o resultado do maior estudo já realizado até agora sobre o assunto.



Pacientes e familiares

Ela enfatizou que esse problema passou a ser vivenciado não só entre os pacientes da covid-19, mas também pelos familiares das pessoas infectadas. "É um problema que vem agredindo todos os familiares do paciente quando ele volta para casa", disse a psicóloga, acrescentando que a questão da ansiedade e da depressão é muito mais comum do que se possa imaginar.

Nos pacientes que já tiveram covid-19, o humor também é bastante afetado por causa do medo real da morte. "Eu já escutei pacientes relatarem o medo de morrer e de deixar esposa e filhos sozinhos. A maior dúvida deles é a seguinte: será que minha esposa e filhos também foram infectados pelo vírus? Isso é muito pesado, e na verdade são traumas", explicou a psicóloga.

"Nessa situação, o paciente perde o humor e a vontade de fazer as coisas que antes davam prazer. O pior é que isso continua até ele se recompor. Até ele se reconectar a vida. A sua rotina de vida. E quando isso acontece, a pessoa entra em um processo de gratidão e passa a enfrentar a vida sem traumas", pontuou a psicóloga afirmando que esse retorno a vida varia de pessoa para pessoa.

Ela afirmou que cada caso é um caso, e tem pessoas que tem mais facilidade do que outras, de voltar a seu estado de equilíbrio emocional. Por outro lado, existem pessoas que demoram a sair da depressão que muitas vezes ativam histórias e traumas do passado. "Tudo depende do poder de resiliência que essas pessoas têm para retornar a vida normal".

Ludmila Rodrigues disse ainda, que muitas das pessoas que venceram a covid-19, voltam ao trabalho, como se nada tivesse acontecido. Mas na verdade, continuam com o humor repressivo e com depressão. "Na verdade, elas precisam de um tempo para se recompor totalmente. Em alguns casos, os pacientes precisam de um acompanhamento psiquiátrico com o uso de medicamentos para ajudar no processo de retorno a vida normal", admitiu.

A orientação aos pacientes é que eles procurem não parar. Que eles busquem sempre o retorno a rotina e ao trabalho, mesmo com todo humor rebaixado. O esforço é para que a pessoa retorne aos poucos, ao que nós chamamos de vida normal. "Eu sempre digo que essa é uma volta ao meu eu. Porque quanto mais eu fico parado, mais aumenta o meu estado depressivo e aí fica mais difícil da gente retornar a vida normal", concluiu.

Check-up de rotina é importante para garantir a saúde do corpo

Homens e mulheres devem realizar exames médicos específicos em determinados períodos de tempo para garantir o bem-estar

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Ainda na adolescência, quando começam as mudanças no corpo, as meninas aprendem que é preciso se cuidar, realizar exames e saber como anda a saúde. Para elas, as consultas fazem parte do curso natural da vida e não são um incômodo. Para os meninos, porém, são outros quinhentos e há muita resistência quando se trata de ir ao médico. A explicação, normalmente, é "não preciso porque não sinto nada". É aí que mora o perigo.

Muitas doenças são assintomáticas e, quando não ocorrem visitas regulares a um especialista e nem são feitos exames de rotina, algumas podem se agravar e causar danos irreversíveis, como a infertilidade, ou necessitar de tratamentos complicados e nem sempre eficazes, a exemplo do câncer.

A costureira Nery Silva, 57 anos, não costumava ir ao médico para fazer os exames de rotina. Resultado: descobriu um nódulo na mamografia. "Foi um susto. Nunca imaginei que isso iria acontecer comigo. O tumor estava avançado e eu perdi uma mama. Uma situação difícil, mas serviu para que eu aprendesse a importância de me cuidar. Sempre alerta minha filha sobre isso", relatou.

Assim como um tumor na mama, outras doenças podem ser identificadas durante um exame de rotina e tratadas precocemente. A ginecologista Anita Brito ensina que o cuidado com a mulher começa na infância e prossegue quando começam as mudanças com aparecimentos dos seios, pelos, menstruação, a primeira visita ao ginecologista, a descoberta da sexualidade e aí vêm

“É importante se cuidar desde cedo, manter a visita regular ao pediatra, ginecologista e outros especialistas, caso haja necessidade. Esse cuidado ajuda no diagnóstico precoce, tratamento e promove um envelhecimento com saúde e qualidade de vida.”

Anita Brito
Ginecologista

os riscos da contaminação. “Por isso, os especialistas estão tratando de forma precoce a questão do HPV, com a vacina, que é o que mais leva ao câncer de colo uterino”, ressaltou. Após os 70 anos, o risco de câncer começa a mudar, passando a ser maior para intestino, ovário, mama.

Conforme a especialista, cólicas são uma razão para investigar. Uma endometriose, por exemplo, pode ser descoberta durante o exame de ultrassom. “Existem doenças que a paciente já nasce com elas e, com os hormônios da adolescência, tendem a se desenvolver como os teratomas (tumores nos ovários), cistos ovarianos hormônio-dependentes. É preciso que haja uma interação entre família, pediatra e ginecologista, e nunca achar que um problema é normal porque alguém da família teve”, ressaltou. De uma forma geral, os exames de rotina são anuais e os específicos são indicados se houver necessidade.



Urologista não é médico só de homem

Embora os homens também passem pela fase de transformações, a ida ao médico só acontece quando há algo diferente do normal. Se não há sintoma, não há necessidade de procurar doença. Certo? Errado. Não sabem eles – ou sabem? – que é bem melhor prevenir uma doença grave do que remediar. A orientação médica é deixar a resistência de lado e realizar os exames indicados para cada fase da vida.

De acordo com o urologista George Guedes Pereira, os homens devem procurar essa especialidade a partir da puberdade para esclarecer questões relacionadas a problemas que possam trazer prejuízos no futuro, e para uma orientação a respeito de questões relacionadas à atividades sexual, que começa cada vez mais cedo.

O urologista trata os problemas urinários em homens e mulheres. Na mulher, há questões relacionadas a infecções urinárias, cálculos urinários, tumores no trato urinário, problemas ginecológicos que causam repercussões no trato urinário – que podem ocorrer, inclusive, durante a gravidez –, incontinências urinárias, disfunções

da micção, algumas decorrentes de causas neurológicas ou infecciosas.

Ele explicou que a mulher não precisa fazer uma visita regular, mas quando apresentar algum problema

“A mulher sabe se cuidar. O homem não, ele limita essa busca. E nós, urologistas, que cuidamos mormente de homens, temos que ter, por obrigação, a noção de que a oportunidade com o paciente deve ser explorada o máximo possível para que consigamos, naquele momento, identificar algum problema.”

George Guedes Pereira
Urologista

nos órgãos que compõem o trato urinário. No homem, além do trato urinário, o urologista trata o aparelho reprodutor, seja quando há problemas urológicos em

qualquer idade, para a visita regular pré-nupcial ou quando o homem adulto entra numa fase de transição de parceira e queira fazer uma avaliação.

“A partir da fase do adulto maduro, os problemas relacionados à próstata começam a surgir. Recomendo que, a partir dos 45 anos, seja feita a primeira visita para receber orientações e possam ser feitos exames preliminares para acompanhar o paciente no decorrer de sua vida adulta e terceira idade”, disse George Guedes. Ele ressaltou que todos os tipos de câncer, na fase inicial, não provocam sintomas. Por isso, é importante prevenir através dos exames de rotina.

“Na puberdade, existe uma patologia, a varicocele, que pode trazer prejuízos à fertilidade, um comprometimento progressivo. Quanto mais cedo tratar, melhor a reversão do quadro. Como o problema não causa sintomas, na maioria das vezes, só é descoberto quando já existe o problema da infertilidade ou dificuldade de engravidar a parceira”, ressaltou. A partir dos 45 anos, a frequência para procurar o urologista vai depender do resultado dos exames.

De olho na máquina humana

Ardor ao urinar pode denunciar DST

No homem, o canal por onde passa o sêmen, que é a uretra, é o mesmo por onde passa a urina. Se houver uma contaminação desse canal num ato sexual, ele será evidenciado por ardor todas as vezes que o paciente for urinar. A mulher tem um canal sexual diverso do canal urinário. Assim, ela pode adquirir uma DST no seu canal sexual sem que seja denunciada por ardor na micção. A visita ao urologista pode identificar alguma anormalidade não só no aparelho urinário, mas na próstata e outros órgãos do aparelho genito-urinário.

A saúde do coração

Para saber como está a saúde do coração é necessária uma avaliação clínica, cardiológica e exames laboratoriais de rotina que vão sinalizar se há alteração de entupimento de câmaras cardíacas ou sinal de isquemia do coração. A partir daí, o médico vai pedir os exames complementares mais aprofundados para cada caso. O tempo para iniciar a avaliação cardíaca é individualizado. “Para se ter ideia, a doença aterosclerótica começa a partir dos dez anos de idade. Então, uma criança com menos de 12 anos merece fazer um perfil lipídico para ver como está o colesterol. Às vezes, a situação é hereditária e pode estar precocemente se instalando”, explicou o cardiologista Helman Martins, chefe da Cardiologia do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW). Para o adulto, a avaliação é anual, com exames básicos, mas em alguns casos especiais a avaliação tem que ser precoce. O paciente muito idoso merece uma avaliação a cada quatro meses porque sua situação se modifica rapidamente.

Check-up deles

Ultrassom – Exame capaz de identificar, por exemplo, um câncer de rim ou de bexiga em estágio inicial.
Exame de próstata e PSA – O toque retal mostra como está a saúde da próstata. O PSA, feito a partir de uma amostra de sangue, pode diagnosticar problemas graves, como o câncer.
Taxas elevadas da proteína antígeno prostático específico (PSA) são um mau sinal.
Autoexame – O testículo, por estar numa bolsa fora do corpo, pode ser palpável, facilitando um autoexame, inclusive no pênis.
Ultrassom abdominal – Verifica como estão órgãos como fígado, rins, bexiga, baço, vesícula.
Radiografia do tórax – Indicada principalmente para quem é fumante, já que avalia a saúde do pulmão. Mulheres também podem fazer.
Dosagem de testosterona – Verifica como está o nível da testosterona, o hormônio sexual masculino.
Pesquisa de sangue oculto nas fezes – Indicada a partir dos 50 anos em homens e mulheres. Pode identificar tumores e câncer de cólon e reto.

Check-up delas

Papanicolau – Detectar infecções por HPV (papilomavírus humano), que podem causar câncer de colo de útero. É realizado anualmente a partir dos 25 anos.
Colposcopia – É realizado quando há alguma alteração no citológico, mas pode ser solicitado na avaliação.
Mamografia – Identifica nódulos nas mamas e ajuda na prevenção do câncer de mama. A indicação é que seja feito uma vez por ano a partir dos 40 anos. Se a mãe, tias, avós, primas diretas, principalmente por parte materna, tiveram câncer, o exame é feito mais cedo.
Ultrassom de mama – Complementa a mamografia e ajuda a detectar nódulos mamários.
Ultrassom de abdômen – É indicada para verificar se há tumores ou cistos em estados iniciais no útero, ovários, bexiga, rins, vesícula, fígado.
Ultrassom transvaginal – Exame que rastreia miomas, endometriose, pólipos e câncer nos ovários e no útero.
Consulta odontológica – É indicada a visita ao dentista para avaliar se há lesões sugestivas de HPV decorrentes do sexo oral. Vale também para os homens.

Exames para todos

Hemograma – Identifica anemias, problemas de coagulação, infecções e até suspeitas de alguns tipos de câncer.
Glicemia em jejum – Verifica o nível de glicose (açúcar) no sangue e pode apontar a diabetes ou pré-diabetes, condição que exige mudança de hábitos alimentares para evitar que a doença se desenvolva.
Colesterol e triglicerídeos – A análise das dosagens de hormônios HDL, LDL, VLDL, além dos triglicerídeos vai apontar se há risco de desenvolver problema cardíaco.
Dosagem de hormônios da tireoide – Ajuda a diagnosticar, através da dosagem dos hormônios T3, T4 e TSH, o hipertireoidismo e hipotireoidismo.
TGP e TGP – A análise dessas enzimas ajuda a identificar se há problemas na função hepática, entre eles, hepatite e câncer.
Creatinina e ureia – Quando há alteração nesses exames, significa que algo não vai bem com a função renal.
Urina – Através do exame de urina é possível avaliar como anda o sistema urinário, podendo identificar, por exemplo, infecções.
Sorologia para DSTs – Se houve relação sexual desprotegida, a sorologia é indicada para identificar ou descartar a presença de alguma doença sexualmente transmissível.
Eletrocardiograma e ecocardiograma, teste ergométrico, cintilografia do miocárdio – exame que alia esforço físico a medicina nuclear e identifica isquemia, extensões de isquemia, tomografia que quantifica a quantidade de cálcio nas placas ateroscleróticas - são exames que não devem ser pedidos de maneira sistemática para todos os casos.



* Fontes: Anita Brito, ginecologista/
George Guedes Pereira, urologista/
Helman Martins, cardiologista.



Fotos: Reprodução

Monitoração eletrônica de detentos pode ser realizada de várias formas, existindo tecnologias que fazem a identificação facial do preso de forma instantânea, através de pulseira de controle de aparelhos celulares ou tornozeleiras

Paraíba tem 1,6 mil presos com tornozeleira eletrônica

Uso de aparelhos monitorados através de GPS facilita o controle de medidas judiciais que limitam a circulação do condenado

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Mais de 1,6 mil pessoas são monitoradas por tornozeleiras eletrônicas na Paraíba. A informação é do chefe da Gerência Executiva do Sistema Penitenciário (Gesipe) da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap), Ronaldo Porfírio. Segundo ele, a monitoração eletrônica foi criada através de modificação no Código Penal Brasileiro, colocando mais uma medida cautelar diferente da prisão, além de outras existentes como a limitação de finais de semana ou prestação de serviço público.

No estado, caso seja necessário pode ser ampliado o uso para 2,5 mil equipamentos. Esses equipamentos permitem a fiscalização a distância acerca do cumprimento da pena. “A ferramenta é usada pelo juiz tanto nos casos de presos provisórios como nos casos dos condenados em regimes, aberto e semiaberto”, explicou o coordenador.

Conforme o advogado e especialista em Direito Criminal, Waldemar Farias, “os presos que cumprem o regime prisional aberto, na falta de estabelecimento adequado (Casa de Albergado), ele cumpre pena em prisão domiciliar, ou seja, em sua própria residência. Atualmente, os que estão em prisão domiciliar podem ser monitorados por tornozeleira eletrônica”.

A Lei Nº 12.258, de 15 de junho de 2010 altera o Decreto-Lei Nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), e a Lei Nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal), para prever a possibilidade de utilização de equipamento de vigilância indireta pelo condenado em casos específicos. Conforme a norma, o juiz poderá definir a fiscalização por meio da monitoração eletrônica quando autorizar a saída temporária de presos que cumprem pena no regime semiaberto ou determinar a prisão domiciliar. A lei também estabelece os cuidados necessários ao usar o equipamento, bem como os deveres a serem cumpridos.

Com isso, o condenado deve receber visitas do servidor responsável pela monitoração eletrônica, responder aos seus contatos e cumprir suas orientações, além de não remover, violar, modificar ou danificar de qualquer forma o dispositivo de monitoração ou permitir que outra pessoa faça

“Com a monitoração eletrônica, uma parte desses presos segue sendo monitorada 24 horas. Não impede, mas inibe e dá mais controle ao estado sobre o fiel cumprimento da pena sob pena de regressão para o regime fechado”

isso. “É uma ferramenta de controle efetivo, monitorando a localização 24 horas do custodiado, sendo, mais efetivo o controle das medidas impostas pelo Poder Judiciário, tanto do provisório como do condenado”, acrescentou o gerente do sistema prisional.

A monitoração eletrônica pode ocorrer de várias formas e, conforme o representante da Seap, hoje existem tecnologias que fazem a identificação facial do preso de forma instantânea, através de pulseira de controle, aparelhos celulares ou tornozeleiras. “Na Paraíba, foi adquirido um sistema de monitoração eletrônica através de tornozeleira eletrônica, usando um sistema de geolocalização através de GPS do equipamento, usando até três canais diferentes (no caso, operadoras), usadas nos telefones convencionais, adaptados ao equipamento eletrônico de vigilância: a tornozeleira”, informou Ronaldo Porfírio.

Waldemar Farias esclarece que a utilização da tornozeleira de certo modo é algo bom para a relação advogado/cliente uma vez que, em regra, quando há a decretação da prisão preventiva do acusado, uma das medidas cautelares do Código de Processo Penal é justamente a monitoração eletrônica. “Em regra, o cliente tem uma limitação de locomoção quando se está fazendo uso da tornozeleira, o que é determinado por decisão judicial inclusive com hora de retorno a sua residência, tudo isso monitorado pela Seap e pelo Gesipe. Existe a possibilidade de monitoração eletrônica por parte do Judiciário ao preso que progride do regime fechado para o semiaberto ou aberto”, completou.



Como funciona o monitoramento

A população carcerária da Paraíba hoje ultrapassa 12,5 mil reeducandos. Para garantir o cumprimento da lei, o estado conta com diversos grupos operacionais e administrativos, entre eles, a Central de Monitoramento de Tornozeleira Eletrônica (CMTE) que faz a instalação das tornozeleiras eletrônicas, monitorando o preso que utiliza o equipamento, repassando periodicamente informações para o Poder Judiciário.

Ao serem cadastrados pelo CMTE, os presos são incluídos na Central de Monitoramento Eletrônico e após a determinação judicial, passam a ser observados 24h por dia, a partir das chamadas áreas de inclusão, onde devem se manter, e áreas de exclusão, onde o reeducando não pode estar.

Essas informações são definidas por determinação judicial e, caso ocorra quebra das medidas impostas, será remetido automaticamente um alerta à central, que logo comunica ao juiz processante. A partir daí, dependendo do caso, haverá uma audiência de justificativa e, diante do que for apresentado, o preso pode ter sua condicional ou direito retirado e até ser recolhido

ao regime fechado. Em caso de rompimento, este é considerado foragido.

“A monitoração eletrônica é uma ferramenta praticamente sem imperfeições já que informa fielmente a localização do beneficiado por meio de um GPS, onde na central de monitoramento da Gesipe a equipe responsável averigua se o preso está no perímetro e raio de locomoção permitidos”, observa o especialista em Direito Criminal.

Inclusive, a Lei Nº 12.258 prevê que, caso haja violação dos deveres estabelecidos para o uso das tornozeleiras, a pessoa poderá ser punida com a regressão de regime, revogação das autorizações de saídas temporárias ou da prisão domiciliar e advertência.

Além disso, a monitoração eletrônica pode ser revogada se tornar inadequada ou desnecessária e se o acusado ou condenado violar seus deveres durante a sua vigência ou cometer falta grave. Lembrando que a ausência de vigilância direta não impede a utilização de equipamento de monitoração eletrônica pelo condenado, se o juiz determinar.



Condenados que utilizam as tornozeleiras eletrônicas precisam seguir várias regras, como receber visitas de servidor responsável pela monitoração eletrônica



Belém: terra de forte presença indígena e muita religiosidade

Município teve os primeiros povoadamentos registrados no século 16 e foi distrito de Caiçara antes de ser emancipado

Lucilene Meireles
ucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O município de Belém, localizado a 123 km de João Pessoa, faz parte da Microrregião de Guarabira, no Agreste paraibano. A pequena localidade, que tem pouco mais de 17 mil habitantes, conforme o Censo Demográfico 2010, foi distrito de Caiçara até meados do século 20 e, por isso, tinha pouca relevância como cidade. Naquela época, existiam ali apenas quatro vias públicas, a Rua do Sossego, Rua Paraguai, Rua Gameleira e Rua da Empresa, que se cruzavam entre si formando uma cruz. A religiosidade, inclusive, é uma das principais características do povo belenense.

“Para começar a falar de Belém, temos que incluir o padre José Tavares, que viveu nas terras onde os índios eram catequizadores. As terras que eram do padre foram doadas em 1918. Nesse ano, foi iniciada a capela que só foi concluída em 1939. Era uma grande preocupação porque

toda cidade do interior tinha que ter uma igreja. O povo era muito crédulo”, observou a historiadora Ana Leal.

Historicamente, assim como a religião, a presença indígena sempre muito forte, em especial, na fundação da cidade. No século 16, as tribos dos Tabajaras e dos Potiguaras viviam nas terras. Os caciques Potiguaras Pao-Secco e Zorobabé resistiram aos ataques dos colonizadores e dos Tabajaras nas batalhas que aconteceram na Serra da Copaoba. Os Potiguaras eram aliados aos franceses que exploravam o pau-brasil da região, e os portugueses, aliados com os Tabajaras. Na batalha, os Tabajaras saíram vitoriosos.

Território onde está o município de Belém foi habitado no século 16 pelas tribos Tabajaras e Potiguaras.

A partir de 1945, com o surgimento da rodovia PB-073 ligando a Paraíba ao Rio Grande do Norte pela Microrregião de Guarabira, Belém tornou-se base de apoio para viajantes. Nessa época, começaram a surgir casas comerciais, postos de gasolina, hotéis. Na seca de 1953, no governo de José Américo de Almeida, Belém recebeu verbas emergenciais para a construção do Açude Tribofe. O Grupo Escolar Felinto Elísio foi outro benefício.

O crescimento de Belém fez com que alguns moradores iniciassem um movimento pró-emancipação. Contribuíram os senhores de engenho Tomás Emiliano, José Brasilino da Costa, Henrique Rodrigues, Manoel Miguel de Azevedo e o próprio padre José Tavares. O projeto foi encaminhado para a Assembleia Legislativa em 1956, foi derrotado e retirado de pauta por seis vezes, até ser aprovado em 6 de setembro de 1957, no governo de Flávio Ribeiro Coutinho.



A cidade e suas peculiaridades

“Belém é uma das menores cidades da região, mas com características próprias, como a formação rochosa, a questão das dificuldades de água. A presença indígena foi fazendo trilhas, e Belém foi apresentando suas diferenças em relação às outras cidades”, observou a historiadora Ana Leal.

Entre os destaques no relevo belenense estão as serras Camucá, Jenipapo, Lagoa da Serra, Suspiro, Angelim e Baiano. Seu território faz parte da Bacia hidrográfica do Rio Curimataú, pelas regiões Norte/Oeste do município, e da Bacia hidrográfica do Rio Manguape pelas regiões Sul/Leste.

“Se observarmos a geografia, os limites oficiais de Belém são Bananeiras, Caiçara, Pirpirituba, Serra da Raiz, Campo de Santana e Sertãozinho. É uma região bem dividida. Na característica desse território, vemos muito mais homem do que mulher. A área é 102,4 km quadrados, a altitude em relação ao nível do mar é de 149 metros”, destacou a historiadora.

A localização geográfica perite

acesso através das rodovias estaduais PB-073, sentido João Pessoa-Guarabira; PB-105, sentido Campina Grande-Bananeiras; e PB-089, sentido Caiçara, com ligação ao Estado do Rio Grande do Norte.

A agricultura familiar, a pecuária, o comércio, o funcionalismo público e os aposentados são a base da economia da Belém que, durante muito tempo teve o agave como grande destaque. No aspecto econômico, segundo ela, o município já produziu algodão, pecuária de corte e, durante muito tempo, sediou uma empresa que explorava o agave. A planta, também conhecida como sisal, alimentava os animais.

“O clima de lá é abrejado. Para o lado de Guarabira é quente, e para o lado de Bananeiras é frio. A presença do rio é muito forte, tem cachoeiras, tem alagados. Essa multiplicidade de clima é comum. É um temperado variando muito. Costuma-se dizer que é oscilante, mas, na linguagem de época, clima é temperado variando entre 20 e 30 graus”, comentou.

Curiosidades e atrações turísticas

Quando o padre José Tavares Bezerra doou, em 1871, parte de terras para a Capela Nossa Senhora da Conceição do povoado de Belém, na época a cidade se chamava Gengibre. No início do século 20, os frades capuchinhos Frei Herculano e Frei Martinho, que pregavam as Santas Missões no povoado, notaram que havia muitas brigas entre os habitantes e sugeriram a mudança do nome. De Gengibre, uma raiz ardente, o município passaria a ser chamado de Belém, nome suave que poderia contribuir para amenizar o comportamento

EVENTOS EM BELÉM

■ **Sexta Cultural e Feira da Arte, Artesanato e Gastronomia** – Evento mensal que tem como cenário a praça central da cidade. Envolve atividades culturais, shows musicais, apresentações de violões e repentistas, barracas de artesanato, gastronomia regional.

■ **Circuito Junino do Brejo: Festa de São Pedro** O São Pedro de Belém é uma das maiores festas juninas do interior da Paraíba e está incluído no Circuito Junino do Brejo. Acontece no primeiro final de semana do mês de julho.

■ **Festival de Quadrilhas Juninas** O Festival de Quadrilhas Juninas de Belém é realizado durante três dias, antes da tradicional Festa de São Pedro de Belém.

■ **São João do Sítio Serraria** O São João do Sítio Serraria, na zona rural do município, foi criado em 2003. O evento, que conta com apresentações culturais, quadrilhas juninas, comida típica, abre os festejos juninos de Belém.

■ **Rota Cultural Raízes do Brejo** Belém abre anualmente, no mês de outubro, a programação da Rota Cultural Raízes do Brejo, proporcionando aos turistas e moradores uma diversificada programação gratuita.

■ **Trilha Ecológica “Pedra do Cordeiro”** A Pedra do Cordeiro é uma formação rochosa

agressiva das pessoas. “Belém significa ‘casa de pão’, manso e pacificador, por ser o nome da cidade de Deus”, afirmou a historiadora Ana Leal.

O primeiro prefeito do município de Belém foi Manuel Miguel de Azevedo, em 1957, através de nomeação do governador Flávio Ribeiro Coutinho. Por voto direto da população belenense, o primeiro foi Manuel Xavier de Carvalho, em 1959, cuja eleição acabou sendo cassada por problemas no registro da candidatura, assumindo, então, João Gomes de Lima.

localizada na região oeste de Belém, a cerca de 1 km do centro da cidade. No topo, há um cruzeiro de onde se tem vista panorâmica da cidade e das montanhas características do Brejo paraibano.

■ **Trilha Ecológica “Parque São Luís”** Parque construído com materiais recicláveis por um idoso octogenário. Ele aproveitou sua propriedade rural, no topo de uma serra, e criou o parque, que fica a 2 km do centro de Belém. No caminho, o visitante pode contemplar a bela paisagem rural.

■ **Rampa de Voo Livre** A Rampa de Voo Livre de Belém é um excelente atrativo para os praticantes de esportes radicais nas modalidades de parapente e asa-delta. Fica próxima ao Assentamento Nossa Senhora de Fátima, a 9 km do centro de Belém.

■ **Igreja Nossa Senhora da Conceição** Inaugurada oficialmente no ano de 1934, a bela Igreja Nossa Senhora da Conceição é o principal monumento arquitetônico do município. Tem estilo artístico Neoclássico e fica no marco zero da cidade.

■ **Engenho da Cachaça D’dil** Situado em uma região rural de natureza exuberante, o Engenho Retiro foi fundado no início do século XX. Está localizado na Fazenda Retiro, distante 13 km do centro de Belém. A casa principal, também chamada de casa grande, foi construída em 1920 e aberta à visitação.

Fonte: Prefeitura Municipal de Belém



Igreja Matriz Sagrada Família reflete a religiosidade da população local; povoado de Belém surgiu a partir da construção de uma capela

Belém é procurada pelos praticantes de esportes radicais, como parapente e asa-delta, e de contato com a natureza, por possuir várias trilhas





Foto: Divulgação

Festival 'Rupturas Necessárias' traz novas linguagens urbanas

Contemplado pelo edital Chiquinha Mourão, evento virtual reúne hoje apresentações gratuitas de artistas independentes da PB

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Acontece hoje e no próximo domingo (dia 18) o web-festival Rupturas Necessárias. O evento reúne apresentações gratuitas de bandas independentes da cena contemporânea da Paraíba e discussões com acadêmicos e artistas sobre a política cultural, as dificuldades do setor e as estratégias de sobrevivência de quem faz da arte uma plataforma de questionamento da realidade social e das desigualdades de oportunidades.

A iniciativa tem duas frentes: a primeira acontece neste domingo, a partir das 17h, com apresentações ao vivo de Bixarte, Furmiga Dub e Sinta a Liga Crew. Os shows ocorrem na Vila do Porto, no Centro Histórico de João Pessoa, até as 22h, mas o público terá acesso apenas através do canal no YouTube do *Artistas da Paraíba*.

"Todos esses artistas possuem uma preocupação política por estética. São artistas realmente engajados. Essas bandas falam por uma classe, e é muito interessante colocá-los para dialogar, pois juntas elas têm mais força", destaca José Mauro, que é produtor e curador do Rupturas Necessárias, além de ser professor e cientista político da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Essa é a primeira vez que o festival é realizado e a ideia é que ele ocorra de forma semestral no calendário de eventos da cidade, sempre misturando discussões sobre o ofício de quem produz e promove a arte e os acadêmicos estudiosos sobre o tema. O festival quer dar visibilidade para as novas linguagens urbanas. "A arte está se segmentando para nichos de representatividade e por vezes não dialogam umas com as outras. A ideia é congregar os diversos setores sociais e culturais para promover um diálogo e construção de identidades autônomas", pontua José Mauro.

Com a responsabilidade de abrir o evento, Bixarte promete levar seu rap e sua poesia para o palco do festival. "Estamos preparando uma apresentação bem performática. A gente vai trazer

o repertório do EP *Revolução* e de *Faces Remix*. Vamos levar muitas poesias novas que ainda vão entrar no meu livro e que eu vou proclamar pela primeira vez. Vai ser um show de muita resistência, de muitas rupturas mesmo, de romper nossas relações com a colônia, e de conexão com nossa ancestralidade", declara a artista, que aproveita para anunciar que usará um figurino da Casa da Baixa Costura, produzido apenas por travestis, com exclusividade para o festival.

Em seguida, quem se apresenta é o Furmiga Dub. O músico e produtor paraibano Fabiano Formiga deve levar sua mistura de ritmos como o coco de embolada, maracatu rural e baião com as batidas da música eletrônica. Ele deve trazer suas composições próprias e de mestres da música popular, a exemplo de Mario Beserra da Silva, conhecido como Marinho, e Edite José da Silva, a Dona Edite, que lidera o grupo de coco da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos.

"Vou apresentar músicas do disco novo chamado *Planeta Cura*, que têm uma pegada mais em cima da pesquisa que estou fazendo sobre música de cura, sons binaurais e música xamânica dos povos tradicionais; além de músicas consagradas como 'Rabeca Nervosa' e 'Saudade Dela'", detalha o Furmiga Dub.

Já a Sinta a Liga Crew apresenta seu hip hop com as músicas dos álbuns *Campo Minado* e *Lamb3*, além de três faixas inéditas do novo trabalho que o grupo está produzindo em parceria com Pedro Regada. Formado por Kalyne Lima (que será também a mestre de cerimônias do evento de hoje), Camila Rocha e Preta Langy, demonstram ansiedade e a melhor das expectativas para esse encontro, tão raro neste período de pandemia. "Nos identificamos demais com esse festival, principalmente devido ao objetivo de fortalecer a cultura nordestina, o hip hop e a música eletrônica, dando esse olhar à cultura urbana de rua, de gueto, de luta", destaca Camila Rocha.

José Moura pontua que ficou especialmente grato por ter sido selecionado pela Lei

Aldir Blanc, através do edital Chiquinha Mourão. "O Estado da Paraíba tem formado uma nova fisionomia de ação política. Aqui se constrói uma realidade muito mais democrática que no restante do país. O edital abria espaço para a visibilidade de determinados grupos sociais (marginalizados), e isso é importante de se ressaltar", celebra o organizador.

Diálogo com artistas

A segunda frente do festival que ocorre no dia 18 é denominada 'Bate-Papo Necessário' e tem a ambição de colocar a academia para dialogar com os artistas. Para isso, serão apresentadas três mesas de discussão (veja quais são no box abaixo).

O encerramento contará ainda com apresentações do músico Das Neves e do artista maranhense Negro Leo. Das Neves deve trazer seu ritmo que mistura cultura popular brasileira, krautrock e space-punk, adiantando músicas que estarão em seu álbum denominado *Cosmobairrismo ou Ex-futuro*, a ser lançado ainda no segundo semestre.

Já Negro Leo realizará uma performance em vídeo inédita e exclusiva para o festival Rupturas Necessárias, com a parceria de Machado Plim - baterista do Metá Metá, Crioulo e Tulipa Raiz. O maranhense de 33 anos radicado em São Paulo já possui 10 discos lançados desde 2012, tem tocado em palcos prestigiados no mundo, como Cafe Oto (Londres), Counterflows Festival (Glasgow), Festival NRMAL (CDMX), Virada Cultural Paulista (SP), Aniversário da Cidade de São Paulo (SP), Festival Novas Frequências (RJ), entre outros.

Essas apresentações finais, assim como as mesas, serão gravadas previamente e disponibilizadas a partir das 17h do próximo dia 18.



Através do QR Code acima, acesse o canal 'Artistas da Paraíba' no YouTube



Foto: Luigi Apolinário/Divulgação



Foto: Rafael Passos/Divulgação



Foto: Divulgação

De cima para baixo: neste domingo, o público confere os shows da rapper e poetisa Bixarte; o repertório de música xamânica do instrumentista Furmiga Dub; e o hip-hop com regionalismo da banda Cinta Liga Crew

Foto: Divulgação



Cantor, compositor e violonista maranhense Negro Leo participará do debate e se apresentará no encerramento

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO DE DEBATES PARA O PRÓXIMO DOMINGO (DIA 18, ÀS 17H):

■ Mesa 1:

"Artes, precariedade e tecnologias"
- Aécio Amaral (professor do departamento de sociologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB);
- Andrés Knob (artista visual, performance e pedagogo da arte, Universidad Nacional de Las Artes);
Mediação de Lucia Ariza (socióloga, pesquisadora visitante do Instituto de Investigaciones Gino Germani, Universidad de Buenos Aires, Argentina).

■ Mesa 2: "Os impactos da covid-19 no setor cultural brasileiro"

- Rayan Lins (Espaço Mundo, João Pessoa, PB);
- Pedro Azevedo (Audio Rebel, Rio de Janeiro, RJ);
Mediação de Bruno Carneiro (Funesc-PB).

■ Mesa 3:

"Canções de ninar o fim do mundo"
- Acauã Oliveira (professor de Teoria Literária da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE);
- Negro Leo (artista maranhense);
Mediação de Adriana Vieira (professora de Direito da Universidade Federal Fluminense - UFF).

Artigo **Estevam Dedalus**
Sociólogo | colaborador

Byng-Chul Han, tédio e contemplação

A atitude contemplativa é uma das coisas raras na contemporaneidade. As pessoas quase sempre estão interessadas em atividades lucrativas. O que não poderia ser diferente no capitalismo.

Somos uma sociedade dirigida pela racionalidade do dinheiro, o excesso de informações e um ritmo pra lá de frenético. Mas, contraditoriamente, as grandes criações humanas estão diretamente ligadas à contemplação.

A arte, a filosofia e a ciência necessitam de um descolamento dos valores utilitaristas para existir, por mais que possam ser transformadas em fontes de riqueza material. Isso só é possível, é claro, através da imaginação criativa e da atenção profunda.

Penso que estamos perdendo a capacidade dessa atenção profunda. A atenção foi pulverizada nos smartphones, redes sociais, programas de TV e no trabalho.

Vivemos hoje o fenômeno social da hiperatenção, das multitarefas e multijanelas que convergem para o mesmo

lugar. Não é por acaso que o filósofo sul-coreano Byng-Chul Han viu uma associação entre a hiperatenção e a intolerância ao tédio.

Um fenômeno comum entre os jovens que nasceram sob o signo da revolução digital. Poucos deles têm a capacidade de se concentrar durante a leitura de um livro ou de assistir a uma aula expositiva prolongada, sem desviar a atenção.

Sintomas do excesso de estímulo. O indivíduo hiperatento, absorvido por múltiplas tarefas, é um retrocesso civilizatório. Ao menos pensa Byng-Chul Han.

Os animais precisam estar alertas para não serem surpreendidos por seus predadores. Um coelho, por exemplo, enquanto come, tem que dividir a atenção entre a comida e a observação do território para evitar ser surpreendido por um gavião.

Assim como a vida selvagem obriga os animais à hiperatenção, distanciando-os da vida contemplativa, o mundo pós-moderno faz o mesmo com os seres humanos.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Foto: Divulgação



Autores da chamada Terceira Geração Romântica do Brasil poetizaram a hombridade não dita

A dignidade indizível

*“Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus!”*

A poesia de Castro Alves (1847-1871) citada acima apresenta a crítica aos problemas sociais e defende as causas da liberdade e da justiça. Nesse contexto, Castro Alves denunciou a crueldade da escravidão e deu ao romantismo – daquela época – um sentido social e revolucionário que o associou ao Realismo. A sua poesia foi contra toda forma de crueldade à dignidade humana, que priorizou em criminalizar os horrores da escravidão, sendo por isso nomeado-lo “O Poeta dos Escravos”.

Na infância, Castro Alves chegou a morar numa fazenda. Isso lhe permitiu conviver e relacionar-se com as condições de miséria e de loucura dos escravos nas senzalas e assumir atitudes revolucionárias contra as perversidades da escravidão. A poesia de Castro Alves é construída também de forma épica e dramática, que são apresentados nos poemas: *Vozes d’África* e *Navios Negreiros*, da obra *Os Escravos* (1883), que ficou inacabada. Temos outras obras que são *Espumas Flutuantes* (1870), *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876). Castro Alves participou da Terceira Geração Romântica no Brasil, de 1870 a 1880. Essa geração recebeu a influência do escritor francês Victor-Marie Hugo (1802-1885), conhecida por “Geração Hugoana”. Essa geração romântica tem como principais temas: erotismo; pecado; liberdade; abolicionismo; realidade social e negação do amor platônico. Também existiu, nessa fase, a busca e a construção da identidade nacional através dos pertencimentos do Brasil, encontrados no indígena, no negro e no branco.

Os principais autores daquela Terceira Geração Romântica do Brasil são:

■ Joaquim de Sousa Andrade (1833-1902) – O maranhense, da cidade de Alcântara, foi um escritor e poeta do seu estado. Em 1857, publicou o livro de poesia *Harpas Selvagens* (1857). Sua obra mais destacada é o poema narrativo: *O Guesa* (1871) baseado na lenda indígena da Guesa Errante;

■ Tobias Barreto de Meneses (1839-1889) – O sergipano foi poe-

ta, filósofo e crítico. Os seus poemas românticos receberam a forte influência do escritor Victor-Marie Hugo (1802-1885). As suas obras são: *Glosa* (1864), *Amar* (1866), *O Gênio da Humanidade* (1866) e *A Escravidão* (1868);

■ Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910) – O recifense foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, além de ter sido poeta, jornalista, diplomata, orador, político e historiador. Os principais temas de sua obra: abolição da escravatura e liberdade religiosa. Suas obras: *Abolicionismo* (1883), *Escravos* (1886) e *Minha formação* (1900);

■ Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914) – O sergipano foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Romero foi crítico literário, poeta, ensaísta, historiador, filósofo, professor e político. Escreveu livros de filosofia, política, sociologia, literatura, folclore, etnologia, direito, poesia, cultura popular e história. Entre esses temas: *A poesia contemporânea* (1869), *Cantos do fim do século* (1878) e *Últimos harpejos* (1883).

Castro Alves, no poema *O Navio Negreiros*, publicado em 1869, relata as condições de terror dos navios, os quais traziam escravos africanos para o Brasil. É um poema épico dramático. Esse livro é dividido em seis partes e se encontra dentro da obra *Os Escravos*. Sua metrificacão é variada e acompanha o tema que se segue no texto. Isso dá um efeito para a poesia de unidade entre a forma e o conteúdo. *O Navio Negreiros* apresenta o sentimento de liberdade, de denúncia social e prioriza a busca de uma identidade nacional. Essas são algumas das características da poesia abolicionista de Castro Alves. Nessa obra, Castro Alves descreve e poetiza a insuportável dor indizível – seja física e psíquica – que a natureza humana não possa suportar. Através de uma linguagem expressiva, ele denuncia as perversidades e as condições de loucura impostas ao ser humano, dessa forma, ele cria o processo revolucionário contra esse sistema cruel e de morte. Castro Alves também apresenta ao poema a descrição do mar, do céu e o luar. Nessa união, ele utiliza metáforas, compara-

ções, personificação, anáforas, dentre outras. Ele é patrono da cadeira n.º 7 da Academia Brasileira de Letras.

Vejam os versos do seu livro *O Navio Negreiro*:

IV
Era um sonho dantesco... o tombadilho / Que das luzernas avermelha o brilho. / Em sangue a se banhar. / Tinir de ferros... estalar de açoite... / Legiões de homens negros como a noite, / Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas / Magras crianças, cujas bocas pretas / Rega o sangue das mães: / Outras moças, mas nuas e espantadas, / No turbilhão de espectros arrastadas, / Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente... / E da ronda fantástica a serpente / Faz doudas espirais... / Se o velho arqueja, se no chão resvala, / Ouvem-se gritos... o chicote estala. / E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia, / A multidão faminta cambaleia, / E chora e dança ali! / Um de raiva delira, outro enlouquece, / Outro, que mártir em brutoce, / Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra, / E após fitando o céu que se desdobra, / Tão puro sobre o mar, / Diz do fumo entre os densos nevoeiros: / “Vibrai rijo o chicote, marinheiros! / Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica, estridente... / E da ronda fantástica a serpente / Faz doudas espirais...

Qual um sonho dantesco as sombras voam!... / Gritos, ais, maldições, preces ressoam! / E ri-se Satanás!...

■ Sinta-se convidado a audição do 313º Domingo Sinfônico, deste dia 11, das 22h às 0h. Em João Pessoa/PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças eruditas do nacionalismo brasileiro de Jose Siqueira (1907-1985), Villa-Lobos (1887-1959) e outros.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

De um ano dourado

Por que temos medo do óbvio? Antes da pandemia, nas caminhadas pelo mar, voltando para casa, na calçada da Igreja Nossa Senhora de Guadalupe, vi uma fotografia no chão. Acho que a foto refletia um casal, que existiu em outra pandemia, creio.

Eu poderia ter encontrado a foto aos pés de Guadalupe ou junto aos mendigos, que moravam nas imediações.

Trouxe para casa como uma moldura ou tudo que carece as memórias que não conhecemos e coloquei dentro do livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, sem buscar uma resposta. Nem sou o gato, nem sou Alice. Aquilo que se vê melhor quando deixamos de olhar, imaginei.

A fotografia mostra um casal que acabara de casar e está assinada no canto inferior direito por A. Miranda. Além da imagem, outra informação: de um estúdio 147 de reportagens fotográficas. Se a morte ainda não os tiver separado (essa imagem é o eterno juramento que veio parar no mar do Cabo Branco, a um ponto de renascer). Difícil.

Um doido do Sertão dizia que nada salva o casamento, quem sabe, a fotografia, o álbum, os netos. Ou já terão festejado as bodas de brilhantes?

Ele, um gentleman segura as luvas brancas na mão esquerda, o simétrico buquê de flores na mão direita dela. Olhei, pensei, mas não vi nada além de uma ilusão.

O chapéu preto junto às luvas lembra um mágico longe de Oz. Existe magia entre nubentes? Não sei, nunca casei na igreja.

Um lenço espreita por cima do coração impossível de dobrar no bolso. Uma cena triste. O vermelho das estradas e artérias tingiria o branco desse lenço que apaga uma lágrima de felicidade transparente dela. Um homem também chora. Afinal, do que estou escrevendo?

O longo véu da noiva já mulher tapa os pés do noivo, agora marido e esconde também parte do tapete que indica o caminho, feito de passos de adeus. Tanta cerimônia. Onde estará Simone de Beauvoir?

Uma calma suspensa, semelhante àquela que se sente antes de uma hecatombes, invade a imagem. Devia ser domingo. Devia ser verão. Deviam ser os anos dourados. Deviam ser felizes. As fotografias são janelas sobre a vida dos outros.

Há sempre um elo que acompanha o movimento da desocultação. Vejo a cortina da entrada na igreja, que faz de pano de fundo. Teatro? Uma cabeça espreita curiosa e tímida, talvez para descobrir o segredo de um casamento feliz, de costas. Eu vejo, eu sinto.

Esse casal é um segredo visual imaginário com zonas de sombra, mesmo para eles próprios. A proximidade dá a ilusão, aumenta o efeito de foco. Será que alguma vez se conheceram? Uma sensação que não se pode dividir em dois, como uma maçã.

Nem uma dor ou Nenhuma Dor? Ou o prazer de estar feliz na fotografia, sobre si próprios, entre o sim e não. Quem somos? As palavras também podem nos dividir. Conversar é tomar conta do tempo e o casamento é um longo diálogo. Um longo caminho.

Quando o espanto desaparece, até os adjetivos morrem. Ou ficam gastos. Eu te amo calado, eu te amo exagerado. Ou nunca de ti, sempre te amei. Confusão mental.

O casamento é um amor obrigatório, Ana Adelaide? O casamento é coisa séria, Givaldo Medeiros? O casamento é só na fotografia Hidelberto Barbosa? O casamento é a continuação de outras vidas, Milton Marques Júnior?

É um dia feliz? Um dia triste? O sino ainda toca para promover algo sonoro naquele momento? São tantas as perguntas numa (in)felicidade antecipada, que os personagens me pedem para parar esse texto.

Vale tudo? Alguém aí se esqueceu completamente de casar? Por que guardei essa fotografia? Na fotografia, estamos felizes, te ligo afobada, e deixo confissões, no gravador...

Silêncio, os noivos estão dormindo.

Kapetadas

- 1 - A vida não só te dá limões: tem pepinos e abacaxis.
- 2 - Será que queremos a volta do fax?
- 3 - Som na caixa: “Não fazes favor nenhum / Em gostar de alguém”, Caymmi.

Foto: Acervo Pessoal



Fotografia de um casal encontrada na calçada da Igreja N. S. de Guadalupe

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Esculápio com literatura às vezes abonam o cinema

Existe na sabedoria popular a expressão que diz: “Nem só do pão vive o homem”. Um aforismo bastante conhecido, mas que deixa implícito um outro não menos conhecido, essencialmente onisciente e bastante essencial, que é o conhecimento; seja esse erudito ou não, mas que deva ser elementar para a existência de todos.

Só não basta recorrer aos grandes filósofos e sociólogos, ao cientificismo de suas gnoses, leituras e feitos, para que se possa construir maiores saberes. Eles foram e ainda são importantes, sem dúvida alguma, como parâmetro ao que podemos ser atualmente. Mas que tenhamos de buscar em nós mesmos, de quando em vez, as aptidões que seriam muitas, nem sempre vistas como devem, a partir de nossas próprias memórias e heranças genéticas.

Fazer da leitura a busca constante, ouvir bem e ver sempre, questionar quando necessário, são formas indispensáveis do conviver. Uma necessidade que deve se espelhar naquela máxima de Sócrates, que diz: “Só sei que nada sei”; vindo corroborar, em lógica, com o escritor paraibano José Américo de Almeida: “Ver bem não é ver tudo: é ver o que os outros não veem”. Ainda no campo das letras e no sentido das palavras, evocaria um outro pensador que afirma: “Quem não vê bem uma palavra, não pode ver bem uma alma”, expressão que ficou gravada por Fernando Pessoa em suas gnoses.

Entretentes, ainda no plano das cognições até aqui presumidas, e para utilizar um jargão corriqueiro e estritamente médico, “auscultando” em meus alfarrábios



Foto: Divulgação

Médico, escritor e cineasta acadêmico da APC, Manoel Jaime Xavier Filho é autor do conto ‘A visita médica’

a curiosa e singular narrativa do ilustre médico e parceiro da cena cinematográfica, o amigo Dr. Manoel Jaime Xavier Filho, constato que a sua capacidade de medicar se coaduna e muito bem, tanto quanto possível, à sua verve literária. Digo isso, justamente para lembrar de seu conto, que tem por título *A visita médica*, publicado em agosto de 2018 na *Revista da Academia Paraibana de Medicina*. O que nos dá a certeza de um verdadeiro casamento entre o esculápio e a literatura.

E para quem vive se encantando com o *movie theater*, e já tem trabalhos realizados, as ideias de Jaime são como “estimulantes medicamentosos”, para “piorar” ainda mais

quem já está acometido do mal de uma grave “cinefilia”. Por esta razão, vimos seguindo e palmilhando os remotos caminhos da nossa Capital das Acácias, buscando resgatar memórias culturais e seus vultos não menos significantes. Sagas essas que nos têm levado aos tempos em que o cinema ainda não tinha aprendido a “falar”.

Assim, metaforizando sobre propositura acima (inclusive, sobre um dos clássicos dirigido por Victor Flaming: *O Médico e o Monstro*, de 1941) diria que, de médico e de “monstro”, o amigo Jaime tem ainda muito a nos revelar... – Mais “coisas de cinema”, acessem nosso blog: www.alexantos.com.br.



APC reúne sua diretoria

A diretoria da Academia Paraibana de Cinema (APC) se reuniu na quarta-feira passada (dia 7), de forma virtual, quando foram discutidos vários assuntos de ordem administrativa. Do encontro, participaram a presidente da APC, a atriz Zezita Matos, os professores João de Lima e Alex Santos, além dos acadêmicos João Carlos Beltrão e Heleno Bernardo.

Dentre os assuntos discutidos, foram lembradas algumas ações do Núcleo de Documentação Cinematográfica da Universidade Federal da Paraíba (Nudoc-UFPB) e sua parceria em 1981 com o Ateliers Varan, uma associação de cineastas de Paris, na França. Ocasão em que foi citado também o nome da cineasta e acadêmica paraibana Vânia Perazzo, Cadeira 35 da APC, beneficiada naquele acordo.

Editores lembram que preço do livro caiu 40% e não é apenas rico que lê no Brasil

M^a Fernanda Rodrigues

Agência Estado

Não é só rico que lê no Brasil e o preço médio do livro caiu 40% desde 2004. A informação do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel), com base em levantamentos realizados para o setor por renomados institutos de pesquisa, como a Fipe, rebate dados de um documento da Receita Federal com perguntas e respostas sobre o projeto de fusão da PIS/Cofins em um único tributo. Dentro desse projeto, está a proposta da taxa do livro.

O livro é um produto isento de impostos desde a Constituição de 1946, proteção que foi mantida pela atual carta, de 1988. Em 2004, o mercado editorial foi desonerado também do PIS e Cofins, que, pela proposta do governo, seria substituído pela Contribuição Social sobre Operações com Bens e Serviços (CBS), que tornaria os livros sujeitos à tributação mais uma vez, sob alíquota de 12%. Vale lembrar que embora o produto livro seja isento, as editoras pagam outras taxas. No caso de uma empresa de lucro presumido, esse valor fica em cerca de 2%.



Munido de informação, Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) rebateu dados da Receita Federal

O documento “Perguntas e Respostas” da Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) foi atualizado nesta semana, pela Receita, que cuida da reforma tributária. Em nota enviada ao *Estadão*, o Snel, que é presidido por Marcos da Veiga Pereira, comenta três pontos do projeto que vem gerando crítica, debate, apreensão e mobilização do mercado editorial e de leitores desde o ano passado e voltaram à tona agora.

O documento diz que “não existem indicativos que confirmem a redução do preço dos livros após a concessão de PIS/Cofins”. O

Snel responde: “A Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, produzida pela Fipe entre os anos 2004 e 2019, e agora pela Nielsen, indica uma queda do preço médio dos livros de 40% no período”.

Segundo o governo, que cita a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2019, do IBGE, famílias com renda de até dois salários mínimos não consomem livros não didáticos e a maior parte desses livros é consumida pelas famílias com renda superior a 10 salários mínimos. “Analisando o quadro 1.1.1 da POF de 2017-2018, o consumo de

livros não didáticos é dividido 50% entre as famílias com renda acima e abaixo de 10 salários mínimos. Mas a tese da receita confirma a profecia autorrealizável, de que o livro no Brasil é para os ricos”, rebate o Snel.

Por fim, no que diz respeito à afirmação “a tributação dos livros permitirá que o dinheiro arrecadado possa ser objeto de políticas focalizadas no âmbito da CBS”, o Snel duvida. “Até parece. Nunca o Brasil investiu em Cultura e Educação, o resultado está refletido nas posições vergonhosas que ocupamos no IDH e no Pisa”.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

O que leio no momento

Se você me permite, caro leitor, gostaria de falar um pouco sobre os livros que ando lendo. Isto mesmo, livros! Porque não consigo ler apenas um só livro, pois, além de leitor circular, com todos os riscos e falhas da classificação, sou um leitor de pouco fôlego, a despeito de passar meus dias e minhas noites com os olhos pregados numa página qualquer.

Alguns assuntos me atraem sempre, e, dentro desses assuntos, certos tópicos recorrem na pauta indisciplinada de meus hábitos e de minhas paixões.

Agora mesmo estou às voltas com algumas obras literárias, alguma coisa de história e outra, de filosofia, como se estivesse me preparando, a mim mesmo, numa inquietante experiência autodidática, para um rigoroso, porém prazeroso, curso de humanidades.

Na literatura, alterno a leitura de dois romances. Um, de Henry James, *Pelos olhos de Maisie*, em tradução do poeta Paulo Henriques Britto; outro, de Plínio Bastos, *Um crime*.

Henry James é anglo-americano e certamente um dos escritores mais refinados da literatura de língua inglesa. Gilberto Freyre, por exemplo, num cotejo com o nosso Machado de Assis, considera-o um artista mais completo, se pensarmos na sutileza da ironia levada ao máximo grau de potência.

Plínio Bastos, paraibano, desde a mocidade viveu para os lados de São Paulo, chegando a gozar alguma notoriedade como romancista e historiador. Escreveu romances interessantes, como *A estrela e o professor*, *Talvez alguém se salve* e *Justiça triste*. Vivendo a maior parte de sua vida fora da Paraíba, não é muito conhecido dos leitores daqui.

Nunca deixo de estar lendo autores da Paraíba ou temas à Paraíba relacionados. Sou dos que acreditam que o conhecimento de sua casa é essencial, mesmo que se elejam fronteiras outras como objeto de estudo e de pesquisa.

Por isto mesmo, divido, no campo da história, o segundo volume de *Ascensão e queda do terceiro Reich*, de William L. Shirer, com *Três homens chamados João: uma tragédia em 1930*, de Ana Maria César.

A propósito, tenho fixação por esses dois momentos da história contemporânea. Leio tudo que posso atinente à chamada Revolução de 30, com interesse especial na ação de seus grandes personagens, assim como tudo que diz respeito ao Nazismo, sempre impactado pelo clima de terror e pelo flagelo do holocausto.

Fazendo a ponte entre literatura e história, repasso as páginas de *Uma breve história da poesia brasileira*, de Alexei Bueno, manual indispensável a todo aquele que quer acompanhar a trajetórias da poesia no Brasil. Destaco especialmente os capítulos sobre o romantismo e o simbolismo, e, dentro deste último, o soberbo texto a respeito da poesia de Augusto dos Anjos.

Em filosofia, que juntamente com a história, forma a base mais sólida de qualquer formação, não me afasto dos *Ensaio*, de Montaigne, ao mesmo tempo em que me divirto, mas me divirto seriamente, com o professor de filosofia Frédéric Schiffer, lendo o seu delicioso, crítico, irônico, sarcástico *Sobre o blábláblá e o mas-mas dos filósofos*.

Se Montaigne faz a leitura do mundo numa perspectiva cética, trazendo à tona, não somente a paideiagregco-latina no viés típico de uma subjetividade renascentista, Frédéric Schiffer como que confronta, valendo-se sobremaneira das armas de uma inteligência cáustica, certos paradigmas do pensamento canônico da tradição filosófica.

Clément Rosset, no prefácio, resume bem o percurso deste demolidor pós-moderno, anotando: “Contra Platão, os sofistas; contra os metafísicos e os ontologistas, Maquiavel e Baltasar Gracián; contra a realidade irreal, baseada na Ideia ou no Ser, a realidade real, que é a dos fenômenos e das aparências”.

Parece uma mistura meio caótica, não, caro leitor? Assumo, sem constrangimento, a minha falta de método. Suspeito, no entanto, que não dá para ler alguma coisa sem que se leia outra. Afinal, existe uma mágica conexão entre tudo e entre todos. Quem me ensinou esta verdade foi a leitura.

Foto: Daniel Assis/Divulgação



Foto: Divulgação



Foto: Henrique Grandi/Divulgação



Da esq. para dir.: mineiro Djonga, a maior potência do gênero neste início de década; o fluminense Thiago Elniño, um pensador de discurso sociorracial e de afeto perturbador; e o paulistano Rico Dalasam, o primeiro rapper a assumir sua sexualidade

Novas caras do rap nacional mudam os discursos do gênero

Lançados recentemente, três álbuns apresentam linguagens diferentes que vão além de um reflexo das injustiças sociais

Julio Maria
Agência Estado

Único mediador pop de mundos que não se comunicariam de outra forma, nem pelas TVs, nem pelas bolhas de iguais das redes sociais, o termômetro do rap, um instrumento que esteve nas mãos do samba até os anos de 1990, diz muito dos tempos. Sua exuberância na origem da segunda metade dos anos 80 está relacionada com os índices de desenvolvimento social sofríveis na mesma época assim como sua aceitação como música de baile e sua transferência de campo, das franjas periféricas para os bairros mais nobres, nos anos 2000, refletindo dias de estabilização e ascensão social da era Lula. Ou seja, o rap, como nenhuma outra expressão, responde de imediato às crises, tornando-se mais duro em solos áridos.

Mas o rap de 2021, ou o que se tem de relevante até o momento produzido por alguns de seus quadros mais criativos e respeitados, pode não atender às expectativas de quem o procura esperando pelo clássico combate da “vítima contra o sistema”, um discurso que ainda perdura, mas de forma diluída. Ao serem lançados praticamente ao mesmo tempo, três grandes álbuns de rappers com linguagens diferentes – o

“Nós precisamos saber o que fizemos ou o que não fizemos para que esses caras (os políticos) chegassem lá. E agora, em vez de irmos pra cima deles, precisamos antes irmos para cima de nós mesmos”

mineiro Djonga, a maior potência do gênero neste início de década; o paulistano Rico Dalasam, o primeiro rapper a assumir sua sexualidade em um meio sem histórico de aberturas à diversidade de gênero; e o fluminense Thiago Elniño, um pensador de discurso sociorracial e de afeto perturbador – mostram que, para além de um reflexo das injustiças que existem do lado de fora, o isolamento social também tem transformado seus discursos.

Djonga, de Belo Horizonte, 26 anos, dispara com a mesma precisão que mostra nos outros quatro discos de sua carreira iniciada em 2017 com o álbum *Heresia*. Mas seu novo disco, chamado não por acaso *Nu*, começa com a música ‘Nós’ apontando para si mesmo. “Outro dia eu me vi perdido / Chorando por algo que outro alguém me causou / Em minha direção, veio um mano e disse / A

gente nasce sozinho e morre sozinho / A gente nasce sozinho e morre sozinho / Eu não quis acreditar.” A reflexão atravessa o disco e, depois de muitos versos, ‘Nós’ termina assim: “Quanto mais sucesso, menos divertido / E eu não era assim, eu sou fruto do meio / Meu coração parece um balde furado / Acho que o vazio me pegou em cheio”.

Nu segue com ‘Ó Quem Chega’ de forma explosiva, mostrando que o mal de fora segue na mira, mas que os nomes e sobrenomes colocados nos ataques mais nas primeiras fases do rap são substituídos por códigos e frases que dispensam detalhes para revelar quem é o destinatário. Não precisa, todo mundo sabe: “Peguei um racista no soco / Então pisa devagar no terreiro / Se tá vivo, eu não sei te falar / Mas é como eles dizem: eu não sou covão”.

Ao *Estadão*, Djonga fala do que o moveu ao compor as letras de *Nu*. “Eu estava sentindo a necessidade de falar mais de mim, desse sentimento de achar que poderia ter feito mais. Já havia falado muito de política. Estar em casa (na pandemia) me mostrou que, para todo mundo, eu sou esse cara (o rapper), mas, para os moleques que estão onde vivo, sou só mais um”.

Outra música, ‘Me dá a Mão’, mostra Djonga em uma

autocrítica mais forte: “Sou falso, sincero, um profeta / Um nada, um alguém, um qualquer / Tremi diante da tempestade / Fui Pedro, homem de pouca fé / Imóveis no meu nome, mano / Achei que tava dominando / E fui dominado pelo efeito dominó / Que derruba peça preta há mais de quinhentos anos.” A palavra seria culpa? Djonga responde: “Culpa é algo cristão, ela o impossibilita de agir. Gosto mais de pensar em responsabilidade, que te coloca no seu lugar. A culpa precisa de um perdão, a responsabilidade não”.

O sistema, então, é trocado pelo eu, e Djonga diz o seguinte quando questionado sobre uma possível mudança de atitude: “Nós precisamos saber o que fizemos ou o que não fizemos para que esses caras (os políticos) chegassem lá. E agora, em vez de irmos pra cima deles, precisamos antes irmos para cima de nós mesmos. Precisamos nos fortalecer para voltarmos a bater de frente. Eles nem ligam para nossos clichês. Tem gente (no rap) mais preocupado com frases de efeito do que em estudar para compor”.

Tudo parece se encontrar com o pensamento de Thiago Elniño. Nascido em Volta Redonda, sul fluminense, mas criado em Ibirité, interior de Minas, até os 11 anos, Elniño cria sobre uma

base sonora mais melodiosa e ritmicamente influenciada pelo afrobeat, o samba e os pontos de terreiro. Seu álbum *Correnteza* fala do afeto e da luta racial, mas, como Djonga, ele traz o olhar para si e chama seus iguais para fazerem o mesmo com uma impetuosidade que já parece marca geracional. Guerra nenhuma será vencida, no pensamento de Elniño, se os discriminados não forem compreensivos e afetuosos entre eles.

O samba rap ‘Dia de Saída’ traz outra marca forte de sua geração: “Eu vim pra ser bem mais do que você espera / Me diz que imagem você faz de um homem preto / Você me vê distante do reino dos céus / Enquanto eu tô me aproximando do reino de Ketu”.

Os novos rappers, com mais informação, sabem de onde vieram e descobrem na ancestralidade as armas mais fortes. “A gente segue falando as mesmas coisas, mas sinto que antes havia pouco acesso a material científico que nos levassem às pautas aprofundadas. A agressividade exagerada não funciona mais.” Elniño compara a primeira geração com a mais recente: “A primeira geração saiu do quilombo para enfrentar o inimigo. Já a nossa volta ao quilombo para repensar as estratégias e não cometer os mesmos equívocos”.

Rico Dalasam teve a primeira matéria de sua vida artística publicada no *Estadão*, em 2015. Sobre a laje de uma casa em Taboão da Serra, ele contava dos desafios que significava assumir-se gay no meio rap. Seis anos depois, ele tem o álbum *Dolores Dala, O Guardião do Alívio* como um disco conceitual, com uma bela história a contar, mas sem bandeiras de aceitação de gênero em um primeiro plano. Apenas uma das faixas, ‘Braille’, já foi ouvida 2.913.804 vezes no Spotify. Em um texto do álbum, ele diz: “Os enredos e narrativas das canções passam por situações que inevitavelmente são contextos de dor ou de conflito, principalmente na área dos afetos, que acho o lugar que mais me importa discutir neste momento”. O afeto, a compreensão, a autocrítica, a história de seu povo. O rap ensina crescer em pleno combate.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial de Djonga no YouTube

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

‘E o vento levou’ e a escravatura nos EUA

A plataforma HBO Max retirou o filme *E o vento levou* (reprodução do cartaz à direita) do seu catálogo nos Estados Unidos, bem depois da película de 1939 ser criticada durante muitos anos por transmitir uma visão idílica da escravatura e perpetuar estereótipos racistas.

O longa ganhou 10 prêmios do Oscar, incluindo Melhor Filme. Entretanto, conta com uma representação pouco sensível e irreal da época da escravidão. Baseado no romance de Margaret Mitchell, apresenta ex-escravizados aparentemente satisfeitos e leais após a abolição.

A retirada do catálogo coincide com a decisão de outras empresas, como a Disney, que evitaram incluir na sua nova plataforma *A canção do sul*, um filme polêmico desde que estreou, em 1946.

O *Los Angeles Times* publicou uma coluna, de John Ridley, na qual o escritor solicitava a medida, alegando que a história “glorifica” a escravatura durante a Guerra da Secessão. “Ignora os seus horrores e perpetua os estereótipos mais dolorosos das pessoas de cor”, escreveu.

O período histórico no qual se baseia o filme e o romance original é um capítulo ainda controverso na sociedade norte-americana, já que os Estados do Sul queriam proclamar a independência, negando-se a abolir



a escravatura. *E o vento levou* já foi criticado na sua época por ativistas como o roteirista afro-americano Carlton Moss, que protestou contra as estereotipadas caracterizações das personagens negras como “preguiçosas, torpes e irresponsáveis” e também pelo fato de mostrar “uma radiante aceitação da escravatura”.

Quando a atriz afroamericana Hattie McDaniel ganhou o Oscar pela interpretação de uma escrava, teve de sentar-se separada dos companheiros no fundo na sala, devido às leis de segregação racial.

Outro filme sinalizado de forma semelhante é *O nascimento de uma nação*, de 1915, apagado do catálogo da Disney e alvo de protestos desde o dia da estreia, sob acusações de ridicularizar a população negra e justificar a escravatura.

Em plena onda de protestos contra o racismo e a brutalidade policial, o canal de televisão Paramount Network confirmou que não emitirá mais entregas do *reality show* policial *Cops*, estreado em 1989 com um formato que gravava agentes em operações reais. A emissão tem sido acompanhada de polémicas por “glorificar” o trabalho dos policiais, além de “estereotipar” os perfis da criminalidade, segundo grupos civis.

Os canais de televisão e *streaming* começaram a revisar os próprios conteúdos. Em comunicado à imprensa, a HBO disse que não concorda com os ideais mostrados

na obra cinematográfica e que ela retornará à plataforma com uma discussão do contexto histórico, sem nenhuma parte cortada.

E o vento levou é um produto de seu tempo e descreve alguns dos preconceitos étnicos e raciais que, infelizmente, têm sido comuns na sociedade americana. Essas representações racistas estavam erradas na época e estão erradas hoje.

Essas representações são contrárias aos valores da Warner Media; portanto, quando o filme retornar à HBO Max, será com uma discussão do contexto histórico e uma denúncia dessa mesmas representações, mas será apresentado como foi originalmente criado. “Caso contrário, seria o mesmo que alegar que esses preconceitos nunca existiram. Se queremos criar um futuro mais justo, equitativo e inclusivo, precisamos primeiro reconhecer e entender nossa história”, segundo a Warner.

O comunicado veio após o artigo de John Ridley, autor do roteiro do filme *12 anos de escravidão*, dizendo que *E o vento levou* romantiza e “ignora os horrores da escravidão”.

“O filme tinha os melhores talentos da época em Hollywood para sentimentalizar uma história que nunca existiu”, escreveu Ridley. Hattie McDaniel se tornou a primeira mulher negra a ser nomeada e receber um Oscar com o papel da empregada doméstica Mammy, que muitos analisam de forma crítica.

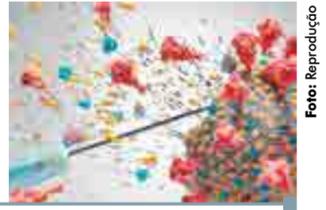


Foto: Reprodução

Número de defensores encolhe e déficit chega a 112 profissionais



Pandemia já causou três mortes e cerca de 80% deles têm mais de 60 anos e, até o fim de 2021, pelo menos 20 vão se aposentar

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

A Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB) atende desde casos de família, do consumidor, até causas criminais. Toda a população vulnerável financeiramente do país que precisa de orientações jurídicas tem o direito a ter acesso aos defensores públicos. Apesar de ter um importante papel no sistema de Justiça, nem sempre a demanda é compatível com a quantidade de servidores disponíveis. Atualmente, a DPE-PB conta com um déficit de 112 vagas para defensores públicos.

Segundo legislação estadual, a Defensoria deveria ter 328 defensores. No entanto, o quadro atual é de 217. Além disso, cerca de 80% deles têm mais de 60 anos. A previsão é de que, até o fim de 2021, pelo menos 20 deles se aposentem.

De acordo com o defensor público-geral da Paraíba, Ricardo Barros, o próximo concurso público deve ocorrer ainda neste ano para suprir o déficit que, na prática, é ainda maior. "Prendemos suprir este ano ainda. Não temos orçamento para preencher as mais de cem vagas que faltam, mas vamos preencher algumas.

Porque todo mês morre ou se aposenta, além das férias. Quando a gente coloca na ativa são cerca de 180. Apenas na pandemia perdemos três defensores públicos. A classe fica muito imprensada, muito pequena".

O último e único concurso público foi realizado em 2014, quando 25 defensores foram chamados. De acordo com o defensor público-geral, a maioria dos defensores atuais foi contratada em 1988, quando a Advocacia de Ofício do Estado (AOE) se transformou na Defensoria Pública do Estado da Paraíba, através da Constituição. Os chamados advogados de

ofício na época foram realocados para a DPE-PB, onde permanecem até hoje.

Segundo Ricardo Barros, as consequências do déficit no número de defensores no estado é uma grande sobrecarga de trabalho. Ele também atribui isso à própria Constituição. "A Constituição colocou nos ombros da Defensoria Pública todo tipo de procedimento de defesa e reivindicação de direitos. Fica uma carga muito pesada. Têm áreas como a de família, por exemplo, que é uma grande demanda, são causas de divórcio, pensão, revisão, guarda, há muitos processos. A Defen-

soria é responsável por mais de 80% dos processos que tramitam nessa área", comentou.

Para atender a todas as 223 cidades da Paraíba, a alternativa foi o acúmulo de funções. Cerca de 80% dos defensores estão nessa situação. "Como a deficiência é grande, os defensores têm carga dobrada, ganhando um adicional evidentemente, porque estão trabalhando acima das funções", explicou o defensor-geral.

Além disso, a instituição conta com o programa 'Defensoria Itinerante'. Uma equipe de defensores faz, em rodízio, mutirões nas comar-

cas sem defensores públicos. "Agora em fevereiro fizemos um mutirão na comarca que estava sem defensor há muito tempo, em Brejo do Cruz e Catolé do Rocha. Vamos com um caminhão equipado com wi-fi, quatro gabinetes e elevador para o cadeirante subir", disse.

A equipe é composta por dois defensores e quatro assistentes jurídicos. "A gente passa a semana atendendo as pessoas e os defensores vão para o Fórum local colocar em dia as audiências. São realizadas cerca de 50 audiências por dia, porque a gente não tem como colocar ninguém fixo lá".

+ Núcleos específicos para atender a demanda

Dentro da Defensoria Pública da Paraíba há núcleos específicos para atender a determinados temas. Como o Núcleo de Defesa do Consumidor, que é procurado especialmente por quem enfrenta problema com planos e seguros privados de assistência médica à saúde, contas de cartão de crédito ou se sentiu ludibriado em alguma operação no comércio.

Além do Núcleo Especial de Direitos Humanos e da Cidadania (Necid), que atua na promoção da defesa dos direitos humanos. Ele é subdividido em coordenadorias: Coordenadoria

de Defesa dos Direitos Humanos, da Cidadania e de Ações Coletivas; Coordenadoria de Promoção dos Direitos das Pessoas Idosas e das Pessoas com Deficiência; Coordenadoria de Defesa e Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente; Coordenadoria de Defesa da Mulher; Coordenadoria de Mediação Sanitária (atua na judicialização do SUS); e a Coordenadoria da Diversidade Sexual e dos Direitos Homoafetivos.

O defensor público-geral, Ricardo Barros,

explicou que cada núcleo ou coordenadoria tem um defensor responsável. Ele comentou que durante a pandemia alguns tiveram uma demanda ainda maior. Como no caso de demandas do Núcleo do Consumidor, envolvendo tratamentos médicos, contra planos de saúde, e a Coordenadoria em Defesa da Mulher.

Além disso, a defensoria dispõe de núcleos de atendimento em oito comarcas da Paraíba. Esses núcleos fazem um atendimento geral à população, dando orientações jurídicas nas mais diversas áreas.

Auxílio à população vulnerável

No último ano antes da pandemia, a Defensoria Pública do Estado da Paraíba terminou 2019 com 187,7 mil procedimentos judiciais para todo o estado. A instituição tem o objetivo de auxiliar a todos aqueles em situação de vulnerabilidade, dando auxílio político e jurídico. O serviço é público e gratuito.

Para ter acesso ao serviço é necessário que a renda familiar não ultrapasse R\$ 5 mil. A população pode buscar atendimento para orientações jurídicas em geral.

A Defensoria Pública do Estado da Paraíba atende diversos tipos de causas: família, consumidor, criminal, cível, fazenda pública, saúde, entre outras. Por outro lado, não atende questões trabalhistas ou questões ligadas a órgãos federais, como causas envolvendo a Caixa Econômica Federal (CEF), benefícios previdenciários do INSS ou auxílio emergencial.

Devido ao período de pandemia, a DPE-PB está atendendo por meio de chat online, no site www.defensoria.pb.def.br.

Defensor público-geral, Ricardo Barros, diz que defensores têm acumulado atividades para dar conta do trabalho



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

As vacinas contra a covid-19 que são pesquisadas na USP

Conheça os projetos desenvolvidos no Instituto de Ciências Biomédicas da instituição em busca de uma vacina brasileira

As vacinas CoronaVac e AstraZeneca/Oxford foram aprovadas para uso emergencial no Brasil no final de janeiro, e em fevereiro a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) concedeu o registro definitivo à vacina da Pfizer/BioNTech. Considerando a dependência de importação de insumos, cientistas brasileiros continuam na busca por uma vacina 100% nacional contra covid-19. No Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo (ICB-USP) há quatro projetos em andamento: de vacinas genéticas (DNA e RNA) a vacinas de subunidades (feitas com fragmentos de proteínas do vírus).

Os trabalhos são fruto de uma parceria entre quatro laboratórios do Instituto: Laboratório de Desenvolvimento de Vacinas, coordenado pelo professor Luís Carlos de Souza Ferreira, diretor do ICB; Laboratório de Virologia Clínica e Molecular, coordenado por Edison Durigon; Laboratório de Estrutura e Evolução de Proteínas, coordenado pela pesquisadora Cristiane Rodrigues Guzzo; e o Laboratório de Pesquisa Aplicada a Micobactérias, coordenado por Ana Marcia de Sá Guimarães.

Nanovacinas

Em um estudo apoiado pela Fapesp, a equipe de Luís Carlos Ferreira busca desenvolver uma vacina de nanopartículas formadas por proteínas autoestruturadas. "Modificamos gene-

“A pandemia tornou clara a necessidade do Brasil desenvolver tecnologias próprias e gerar os insumos básicos, de maneira a não nos limitarmos a envasar as vacinas que já chegam prontas ou semiacabadas, mas também desenvolvê-las em território nacional”

ticamente as proteínas do vírus SARS-CoV-2 para que se comportem como nanopartículas, que mimetizam características de tamanho e comportamento da partícula viral, o que pode favorecer a produção de anticorpos que neutralizam o vírus e a imunidade celular”, diz Ferreira. A responsável por esse estudo é a pós-doutoranda Marianna Favaro.

Inicialmente, a equipe usou bactérias *E. coli* para expressar as proteínas e, no final de 2020, passou a expressá-las em células humanas, de maneira a aumentar a produção de anticorpos neutralizantes. Os ensaios estão sendo feitos em animais e a pesquisa experimental deverá ser concluída até o final de 2021.

Recombinantes

A pesquisadora Cristiane Guzzo é responsável pela

produção e purificação das proteínas do coronavírus, que podem ser utilizadas tanto como candidatos vacinais como para o desenvolvimento de testes de diagnóstico. O grupo já produziu diversos fragmentos das proteínas spike e do nucleocapsídeo, por exemplo, e segue produzindo outras proteínas do vírus para verificar qual pode oferecer maior proteção contra a doença.

“Nós recebemos amostras de DNA do vírus do professor Edison Durigon, que nos fornece a sequência genética já processada. Então, selecionamos os fragmentos de interesse, clonamos as proteínas e as expressamos em bactérias *E. coli*. Depois, purificamos utilizando cromatografia”, explica Guzzo.

Em colaboração com a professora Ana Marcia Guimarães, que desenvolveu um modelo animal suscetível à infecção por SARS-CoV-2, o grupo irá testar se as proteínas induzem resposta imune. Ambos os estudos são financiados pela Fapesp.

Como o camundongo tradicional é resistente à infecção pelo coronavírus, Guimarães desenvolveu um modelo de hamster para mimetizar a covid-19 observada em pacientes. Esse modelo servirá não apenas para testes pré-clínicos de vacinas, mas também para testar a eficácia de medicamentos contra a doença. Todo esse trabalho é desenvolvido em um Laboratório de Nível de Biossegurança 3.

Vacinas genéticas

Além das nanovacinas, o laboratório de Luís Carlos Ferreira tem se dedicado ao desenvolvimento de vacinas de DNA e RNA mensageiro, em projeto financiado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. “Usamos uma estratégia diferente de outras vacinas. Em vez de focar na produção de anticorpos pelos linfócitos B, nossa tecnologia é direcionada para a ativação dos linfócitos T com atividade citotóxica. São células que, uma vez programadas pelo sistema imune, reconhecem e destroem as células infectadas pelo vírus”.

Segundo o professor, es-

O Brasil carece de instituições credenciadas para realizar testes pré-clínicos e de biotérios com modelos animais

sas vacinas foram desenhadas para conter fragmentos da sequência genética do coronavírus que ativam linfócitos T. Os resultados em camundongos foram promissores e devem ser publicados até o meio do ano. Os pesquisadores utilizaram, até o momento, vacinas de DNA que codificam para peptídeos do vírus e agora pretendem aplicar o mesmo método em vacinas baseadas em RNA mensageiro. “Nosso maior objetivo é dominar tecnologias, estabelecer provas de conceito e novas estratégias

vacinais capazes de funcionar contra esse vírus e outros patógenos que gerem ameaça para nossa saúde”, destaca.

Desafios

Apesar de o Brasil ser exemplo mundial na campanha de vacinação, não existe uma tradição de desenvolvimento de vacinas e produção em escala industrial. De acordo com o professor Luís Carlos Ferreira, a grande maioria das vacinas produzidas por instituições como Fiocruz e Instituto Butantan é fruto de acordos de transferência tecnológica que, além dos custos elevados, limita a autonomia do país em fazer inovação e definir estratégias de comercialização. “A pandemia tornou clara a necessidade do Brasil desenvolver tecnologias próprias e gerar os insumos básicos, de maneira a não nos limitarmos a envasar as vacinas que já chegam prontas ou semiacabadas, mas também desenvolvê-las em território nacional”.

Passo a passo

Segundo o pesquisador, essa autonomia começa com a pesquisa básica - como os projetos em andamento no ICB, por exemplo -, pedidos de patente e a transferência do conhecimento produzido na universidade para uma empresa, que produziria a vacina em escala industrial, de acordo com boas práticas de laboratório e fabricação. Em seguida, são feitos testes pré-clínicos de segurança, em animais, para monitorar efeitos tóxicos. Após essa

etapa, iniciam-se os testes clínicos, divididos em fases 1, 2 e 3.

No entanto, esse caminho é dificultado por uma série de fatores. O Brasil carece de instituições credenciadas para realizar testes pré-clínicos e de biotérios com modelos animais já estabelecidos. Além disso, falta uma comunicação eficaz entre universidades, hospitais e empresas para a realização de testes clínicos, sobretudo os de fase 1 e 2, que ocorrem apenas em locais onde é feito o desenvolvimento inicial das vacinas. “Essa interação depende de uma estratégia de governo, para que os estudos brasileiros de vacinas possam de fato avançar”, afirma a pesquisadora Cristiane Guzzo.

Para Ana Marcia Guimarães, outra questão importante é a escassez de laboratórios de nível de biossegurança 3 e equipes capacitadas para trabalhar nesse ambiente, necessário para estudos com coronavírus e outros vírus potencialmente pandêmicos. “O ICB possui dois laboratórios deste nível e tem possibilitado o treinamento de muitos profissionais para atuar nestes locais de biocontenção”.

“Nós temos uma base científica muito boa, mas ela precisa estar integrada com outros setores da sociedade que farão com que as demais etapas possam ocorrer no Brasil. O cientista sozinho não faz isso; precisamos de parcerias”, completa Luís Carlos Ferreira.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Hosana ao meu compadre e editor Bento Júnior

A literatura da pandemia ganha mais uma composição impressa. Trata-se do meu livro “Retrato molhado – crônicas da Toca do Leão”, coletânea das crônicas que venho publicando neste jornal. A compilação saiu graças ao zelo do meu compadre, poeta cordelista e dramaturgo Bento Júnior. Ele tratou da edição, escreveu o prefácio e ajudou a meditar comigo sobre essas vivências aterradoras e desestruturantes de nossa base emocional no mundo contemporâneo. Encontros e desencontros, solidões e poesias do cotidiano, desorganizações mentais e financeiras, conflitos íntimos e coletivos, tudo que vem sendo reprimido nesses tempos de isolamento social sob meu ponto de vista, ou quase tudo das quase insignificantes psiconeuroses causadas pela angústia da solidão, com fartas quantidades de humor libertador. É assim que eu tento vender o livrinho de 115 páginas, em edição limitadíssima.

Bento Júnior fez a seleção dos textos, mandou imprimir, coordenou todo o processo e ainda exerceu um papel social nesses tempos de crise, contratando o web design Sérgio

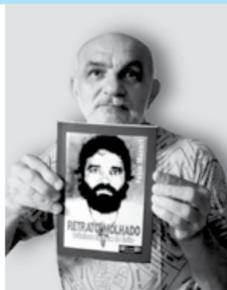
Ricardo Piaba para fazer a capa do livro, garantindo o líquido sagrado da cana-de-açúcar ao glorioso e talentoso Piaba, sujeito com aptidão incomum para as artes e os líquidos inebriantes, sem moderação. É claro que o estimado colega Sérgio Ricardo há de compreender que nada tem de insultuoso neste comentário. É escárnio comum, a galhofa dos iguais, conversa de pingüço, caçadas a que costumamos recorrer em nossa mesa de bar virtual, a “Rádio barata”, podcast produzido por Serjão e estrelado por este que ora prosea, bate-papo transmitido diariamente pela Rádio DiárioPB.

Sobre o “Retrato molhado”, Bento Júnior ressalta que “é preciso ter olhos de artista para ver e entender a vida em suas várias nuances. E saber falar do tudo e do nada. Cada crônica remete aos detalhes e às coisas invisíveis que o escritor talentoso não explica, ou mal explica, ou então propositalmente inverte e confunde. E encanta. Livro arretado pra gente ler de peito aberto à beleza e deleitação da palavra escrita. Peito aberto, ainda que de rosto coberto com a máscara desses tempos tenebrosos, para se comprazer com as histórias e

imagens de real interesse humano, repletas de fina poesia”.

Compadre Bento também foi o primeiro leitor do meu livro da Toca do Leão. É que o trabalho saiu por uma dessas editoras especializadas em imprimir pequenas tiragens, convertendo o impresso também em e-book, além da versão em papel. Se eu quiser adquirir meu livro, terei que comprar na plataforma, com o devido desconto do royalty. Esse gentil cidadão comprou dois exemplares, oferecendo-me um deles. Gentilezas próprias do jeito de ser do meu compadre, merecedor do meu respeito e estima.

É por essas condutas que Mozart se comporta conforme diz o próprio Bento em seu prefácio: “o velho ferroviário fundou seu sindicato de classe, constituiu bases de guerrilha cultural em Itabaiana e outros interiores paraibanos e combateu o bom combate, mas não guardou a fé. Pelo menos a fé nas divindades, porque ainda acredita no homem como redentor de si mesmo”.



Agricultura familiar precisa implantar profissionalização

ParaíbaTec prepara edital com mais de 30 cursos nas mais diversas áreas abrangendo todo o estado

Renato Félix
Especial para A União

Em dezembro de 2017, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou que o período de 2019 a 2028 seria o Decênio para a Agricultura Familiar. O documento foi aprovado por unanimidade por 104 países. A ideia é que em todo o mundo haja ações para o apoio a esse modelo de produção, que pode ser fundamental para o combate à fome e à pobreza. Uma dessas ações pode ser o ensino profissionalizante, foco do programa ParaíbaTec, executado pelo Governo do Estado, através da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. Em parceria com a Secretaria de Estado da Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido, o programa está realizando um grande mapeamento da Paraíba para compreender a demanda e, a partir dela, oferecer os cursos certos aos agricultores.

O ParaíbaTec aposta numa metodologia ambiciosa para a preparação de seu edital para este ano. A apresentação aconteceu esta semana, em uma live no canal da Secretaria de Educação no YouTube (https://www.youtube.com/watch?v=AD_Q4L4xeH4). O ParaíbaTec executa no Estado o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico

co e Emprego (Pronatec). “A ideia é ser mais amplo e audacioso”, afirmou na live Heberthy Vieira, coordenador do ParaíbaTec, antes de enumerar alguns dos cursos que podem ser oferecidos: cursos de apicultor, caprinocultor, horticultor orgânico, produtor de queijo, produtor de cachaça, piscicultura, agroecologia, controle e processo industriais, gestão de negócios, gestão de resíduos sólidos, entre outros, totalizando 37.

Na prática, esta versão 2021 do programa é uma retomada do ParaíbaTec Agricultura Familiar lançado no final de 2019 para ser executado em 2020 – mas interrompido por causa da pandemia. “Foi um piloto que começamos a fazer naquela época”, conta Vieira. “Naquele momento, a gente optou por uma outra metodologia: a gente tentou identificar apenas um curso que pudesse ajudar os agricultores. E encontrou o curso de energias renováveis”.

Foram oferecidas, na ocasião, em torno de 300 vagas. Mas a pandemia inviabilizou o projeto logo na saída. O projeto cresceu para esta versão, mas o público original não foi esquecido. “A ideia é que a gente consiga, nessa oferta agora, priorizar o público daquela primeira oferta. Essa em termos práticos seria a primeira oferta”,



Foto: Arquivo

A agricultura familiar é modelo de produção fundamental para o combate à fome e à pobreza. Na Paraíba, programa pretende levar profissionalização ao setor

afirma. “Estou trabalhando com uma margem de 500 matrículas. Mas isso depende muito da abrangência do mapeamento”.

A perspectiva é bem positiva. O mapeamento não é só da demanda de cursos para os agricultores, mas

também das parcerias que podem viabilizar sua realização e também de locais que podem abrigar as aulas, quando a pandemia arrefecer. “A gente já conseguiu ter mais de 60 respostas identificando que há ambiente para fazer a prática e

insumos”, diz o coordenador. “Minha hipótese estava certa: a gente pode contar com uma parceria com entes privados e públicos que têm as instalações e a gente acaba não sabendo”.

As vagas serão definidas no edital que será lançado

pelo Governo do Estado. O formulário para sugestões que ajuda a definir a demanda está disponível online (<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQL-SeskLoPVP3XZWLr3Qth8r-JRj00EN7SGId1uIRHeZAdZIEdeQw/viewform>).

Colaboração entre as secretarias vai fazer a sintonia fina do projeto

Uma das apostas do ParaíbaTec Agricultura Familiar 2021 é a integração entre as secretarias de Educação e de Agricultura Familiar. “A parceria é, pra resumir, inovadora”, celebra Heberthy

Vieira. “Por um lado, você tem uma expertise do ParaíbaTec em fazer a formação, em construir toda a parte pedagógica, possibilitar a logística, a contratação de professores. E por outro, a

Secretaria de Agricultura Familiar já tem uma demanda recorrente”.

Essa colaboração entre as secretarias vai fazer a sintonia fina do projeto. “Desta forma, estamos estabelecen-

do uma metodologia também inovadora porque vamos mapear em todo o território a demanda, falando com todos os atores que representam o campo”, explica. “E também vamos encontrar oportuni-

dades de parceria para estabelecer uma formação ainda mais efetiva do ponto de vista prático. Isso, para a gente, é bem importante para formar profissionais cada vez mais capacitados”.

Agricultor é agente importante na prestação de apoio à iniciativa

Nesse momento, em que a necessidade particular de cada região por um específico apoio profissionalizante está sendo detectada, a participação dos agricultores é fundamental. “Isso é o ponto de partida para que possamos, olhando

para todo o território, verificar de onde saem as maiores demandas”, conta o coordenador do ParaíbaTec. “Para que possa – a gente encontrando as possibilidades, as logísticas, a possibilidade de fazer aulas práticas, as parcerias – ficar

mais fácil de ter uma boa oferta do curso”.

Para esta participação, o agricultor pode fazer parte de alguma associação ou cooperativa ou ser um produtor pessoal. “Ele pode nos enviar essa demanda, de maneira muito democrá-

tica”, diz Vieira. “A gente vai estabelecer articulação com todos os setores: secretarias municipais, instituições públicas e privadas associadas à agricultura. Essa é nossa intenção: fazer esse mapa de maneira democrática, levantar toda

essa demanda, identificar as potencialidades, estabelecer as parcerias, para que possamos fazer a nossa oferta de ensino profissionalizante da melhor maneira possível, com melhor engajamento e melhor impacto no território”.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé, Campina Grande.

Apoio de mais de uma centena de países

Segundo o Censo Agropecuário de 2017, 77% dos estabelecimentos ligados à agricultura no país são classificados como agricultura familiar (3,9 milhões de estabelecimentos, na ocasião). Isso implica em 67% do pessoal ocupado com essa atividade (10,1 milhões de pessoas), com protagonismo do Nordeste (46,6% - ou seja, quase a metade). A Paraíba era, então, o sexto estado em área ocupada pela agricultura familiar (45%).

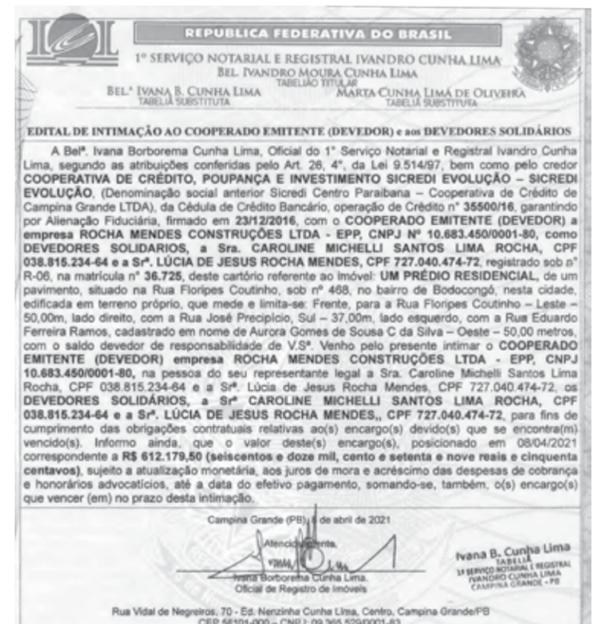
Essa presença firme reforça o protagonismo que a ONU dá

a esse modelo neste década de 2019 a 2028, com o apoio de mais de uma centena de países que entendem a importância da agricultura familiar. O processo vem de longa data: começou em 2008, com a Campanha para a Declaração do ano Internacional da Agricultura Familiar (AIAF-2014), coordenada pelo Foro Rural Mundial e impulsionada principalmente por organizações da agricultura familiar.

A função do modelo tem se mostrado fundamental para o desenvolvimento sustentável,

influindo na garantia da segurança alimentar e na melhoria da nutrição. A capacitação de seus produtores é um investimento de política pública que pode ter um retorno muito importante e a curto prazo.

A função do modelo tem se mostrado fundamental para o desenvolvimento sustentável, influenciando na garantia da segurança alimentar e na melhoria da nutrição



Aos domingos com
**Messina
Palmeira**



1. O diretor de Relacionamento da Plataforma Onze, Fabrício Dora (foto), informando que esta empresa de captação de recursos na capital está disponibilizando seu corpo técnico, de forma gratuita, aos artistas que precisem acessar o auxílio financeiro disponibilizado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, no valor de R\$ 780 mil. Todos os detalhes desta ação podem ser obtidos por meio de suas contas no Instagram, @papoelevado ou @plataformaonze.
2. Ednaldo Rodrigues do Nascimento, com formação em Ciências Econômicas pela FMU (São Paulo), professor de Matemática e Ciências da Natureza, com atuação no comércio da capital paraibana, palestrante motivacional, já colocou no prelo (Mídia Gráfica e Editora) o seu mais recente livro "Prosperidade e Vida Plena", com abordagens no mundo da Física Quântica. A revisão é Prof. Francelino Soares.
3. O programa Thereza Madalena, durante todo o mês de março, prestou homenagem a mulheres que se destacaram em vários segmentos de nossa sociedade. Como idealizadora do Troféu Maria da Penha, foi recebida com todo o carinho e ainda ganhou agenda da apresentadora e brinde com produtos da São Braz. Na foto, estou entre o palhaço Pipi, Thereza Madalena, Alan Macedo e Madalena Lira Braga.
4. A professora Ana Flávia, na foto com a sobrinha e diretora do Arquivo Afonso Pereira, Daniella Pereira, recebeu convite para prestar consultoria em importante empresa em Geneve, na Suíça.
5. Uma decisão liminar do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro proibiu que o juiz da Quarta Vara Empresarial do Rio de Janeiro a emitir a carta de arrematação para o Grupo Gaspar, até então arrematante do Hotel Tamboú (foto), muda os rumos de quem realmente arrematou o hotel no leilão que aconteceu no dia 4 de fevereiro deste ano. Dessa maneira, a decisão caracteriza uma provável vitória do paraibano Rui Galdino, um dos participantes do leilão.
6. O novo presidente da Fundação Casa de Napoleão Laureano, Marcelo Pinheiro de Lucena Filho (na foto entre o diretor financeiro, Antônio Carneiro Amaid; os conselheiros Fernando Pessoa de Aquino, Everaldo Nóbrega e Vinícius Barreto e o suplente de diretor, José Pereira da Costa) é neto do saudoso casal de educadores Nerival e Salete Lucena.
7. A prefeita de Conde, Karla Pimentel (na foto com investidores de grande porte e com o secretário Saulo Barreto) tem captado grandes investimentos para o desenvolvimento econômico do município com a instalação de unidade da clínica Maurílio de Almeida, com a implementação da empresa Limpa Tudo e com a instalação de uma unidade fabril de calçados, a Democrata.
8. O credenciamento para Expo Franquias Nordeste 2021 (foto) já está oficialmente aberto. A feira, que vai acontecer no Shopping Rio Mar, em Recife, de 3 a 5 de junho, vai funcionar seguindo protocolos especiais de segurança e distanciamento social, prezando, acima de tudo, pela plena saúde e bem-estar dos expositores.
9. Onaldo Mendes, Anna Raphaella Palmeira, Luby Baltar, Jurandir Maciel, Ceres Leão, Leda Almeida, Leda Almeida, Valéria Cabral, Carol Palmeira Catão, Socorro Ribeiro (com as amigas Cristina Guedes e Gigi Rolim), Marília Guedes Pereira, Gustavo Gaudêncio, Napoleão Casado, Socorro Motta, Iraê Lucena, Renata Câmara e Raul Córdula são os aniversariantes da semana.
10. O Enotel Porto de Galinhas, complexo hoteleiro localizado à beira-mar da praia de Porto de Galinhas, no Litoral Sul de Pernambuco, alia inovação e competitividade para oferecer ao hóspede mais exigente itens indispensáveis, como excelência no atendimento, conforto, lazer, gastronomia e plataforma de ponta para e-commerce.



Compro, chegou

Briga de titãs no e-commerce

Gigantes do setor passam a oferecer entrega de mercadorias no mesmo dia para conquistar clientes

Juliana Estigarribia
Agência Estado

No e-commerce, as empresas estão investindo cada vez mais em eficiência logística para conquistar o cliente. Nessa disputa acirrada, a Amazon anunciou a possibilidade de entrega de pedidos no mesmo dia a partir do dia 1º de abril, em um nicho já ocupado pelas concorrentes Americanas e Mercado Livre.

A modalidade de entrega no mesmo dia da Amazon será oferecida, inicialmente, para os clientes do centro expandido de São Paulo que fizerem o pedido até o meio-dia. O preço do frete será de R\$ 18,90 e, para assinantes do serviço Amazon Prime, R\$ 14,90.

"Temos certeza de que o cliente vai aderir à entrega no mesmo dia. A busca por conveniência cresce cada vez mais e nós estamos preparados para essa tendência", afirma a líder de Prime e experiência de entrega da Amazon Brasil, Mariana Roth.

A empresa informa que a modalidade de entrega no mesmo dia contempla mais de 30 categorias de produtos, mas segundo a executiva, os itens de maior valor agregado como celulares e videogames devem ter mais demanda.

Os produtos sairão dos quatro centros de distribuição (CDs) do polo da empresa no município de Cajamar (SP). Além de transportadoras parceiras, as entregas também serão realizadas pela Amazon Logistics.

A companhia não abre investimentos nem projeções de mix de vendas para cada modalidade de entrega. No entanto, Roth afirma que a Amazon quer garantir o sucesso do lançamento em São Paulo para avaliar, posteriormente, a expansão do serviço.

"Preparamos uma gama de itens robusta, com disponibilidade nos centros de distribuição para não decepcionar o cliente

com falta de opções. Quando nos sentirmos confortáveis, vamos discutir a ampliação do serviço para outras regiões", diz a executiva.

Rapidez e eficiência

Em uma disputa de gigantes, quem não investir em rapidez e conveniência pode perder espaço. O Mercado Livre, por exemplo, reforça que o foco em logística é decisivo para a competitividade. Segundo a plataforma, atualmente 90% das compras realizadas na modalidade "fullfilment" (gestão de estoques pelo Mercado Livre) são entregues em até 48 horas e, desse volume, 75% chegam em até 24 horas.

"Acreditamos que a ampliação consistente e robusta da nossa malha logística é decisiva para a manutenção da excelência do atendimento e satisfação dos mais de 74 milhões de usuários ativos em nossa plataforma na América Latina", disse em nota o vice-presidente do Mercado Envios, braço de logística do Mercado Livre, Leandro Bassoi.

Ele afirma que grande parte do transporte das mercadorias é feita por rodovias e a frota própria é composta por carretas, dezenas de milhares de vans e carros elétricos, além de quatro aviões. A empresa deve investir, neste ano, R\$ 10 bilhões no país.

"Grande parte deste montante será aplicado em nossa logística, com o objetivo de atingirmos mais regiões com entregas rápidas", acrescenta Bassoi. Hoje, as regiões de Salvador (BA) e São Paulo já contam com entregas do Mercado Livre no mesmo dia e Florianópolis (SC) deve ser a próxima localidade a contar com o serviço de "fullfilment".

A Americanas também vem promovendo campanhas para falar sobre o sistema de entrega "em até três horas" (com condições), o que só mostra que os competidores deste mercado não estão para brincadeira.



Foto: Pixabay

No conforto de suas casas, os clientes querem realizar a compra on-line e receber o produto o mais rápido possível

Temos certeza de que o cliente vai aderir à entrega no mesmo dia. A busca por conveniência cresce cada vez mais

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAIBA
Avenida João Cabão da Silva, 221
ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP 54046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999

LATAM TRAVEL

Para esclarecimento, a foto da Praia do Mutá, em Porto Seguro (BA), presente à época nas redes sociais da TAM Viagens Campo Grande, é de autoria do fotógrafo **Clio Robespierre Camargo Luconi** e não foi devidamente creditada. A LATAM lamenta o ocorrido e informa que já se retratou legalmente com o proprietário da imagem.



Empresária Carline Melo decidiu que o período de pandemia, no ano passado, foi o momento ideal para expandir o negócio, baseado na sustentabilidade e no reaproveitamento

Brechós renovam aparência, mas mantêm viés sustentável

Mercado de roupas usadas na Paraíba vem ganhando espaços modernos sem esquecer das questões ambientais

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

O mercado de usados é uma possibilidade de negócio que atualmente vem ganhando destaque. No entanto, eles agora são empreendimentos que, além de sustentáveis, prezam pela elegância do ambiente, qualidade dos produtos, atendimento aos consumidores e a aparência de “loja de itens novos”. Estes fatores são responsáveis pela movimentação da economia através da conservação de objetos para venda a outros interessados.

Em João Pessoa, é possível encontrar lojas que compram e vendem mercadorias usadas para crianças e adultos. Geralmente, os objetos são obtidos por consi-

gnação, ou seja, o proprietário não compra o produto do fornecedor, mas o deixa na loja e, ao ser vendido, parte do valor fica para a pessoa que entregou.

Entre estes empresários está Carline Melo, que propõe um novo tipo de brechó, no bairro de Manáfra. A loja iniciou on-line em maio de 2019 e o espaço físico foi aberto em setembro de 2020. A pandemia a impulsionou a ampliar o negócio, pois ela percebeu que as roupas novas podiam aumentar de preço, enquanto ela possuía algumas usadas que poderiam ser repassadas.

A empresária se baseou nas mudanças de estilo e no tamanho de manequim das pessoas ao longo do tempo, além das alterações estéticas das mulheres (engravidar,

emagrecer ou engordar). “Eu comecei a perceber que era a hora, pois eu não tinha espaço para receber as pessoas, guardava tudo na minha casa e recebia alguns conhecidos. A questão da segurança sanitária, de ter um espaço adequado, fez toda a diferença”, justificou.

A empreendedora observou ainda que existiam muitas possibilidades para a moda feminina, pois o público quer sempre vestir uma roupa diferente e os espaços disponíveis em casa estão reduzindo. “Todas essas questões eu coloquei no papel e decidi abrir a loja com a minha cara. Apesar de ser um brechó, eu mesma faço toda a seleção, eu mesma quem olho todas as pequenos detalhes. Eu não trabalho com peças imperfeitas, tenho o cui-

dado e tenho um estilo: eu trabalho com peças mais atuais”, explicou.

Carline é advogada e mestrande pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Foi através de sua experiência em escritórios de advocacia que desenvolveu a aptidão em negócios. Ela sempre quis trabalhar com o público e, foi ao ficar desempregada, que percebeu nas roupas da mãe a oportunidade de encerrar um novo desafio. Seu pai, por sua vez, fez alguns móveis e auxiliou na reforma e decoração da loja física.

“No meio da pós-graduação, minha bolsa encerrou e minha mãe trabalhava em banco e se vestia muito bem. Ela tinha peças boas e já tinha levado pra outros brechós, mas a avaliação tinha sido péssi-

“Ter um espaço adequado para receber as clientes na crise sanitária fez diferença para o desenvolvimento do negócio, até então, virtual”

ma. Eu precisando de dinheiro, a gente com peças bacanas em casa; aí falei pra minha mãe que ia tentar on-line. As pessoas começaram a gostar da qualidade das peças, começaram a se identificar com o estilo que ofereço”, conta.

Continua na página 18

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

A cooperação melhora a eficácia da gestão

A prática da cooperação existe desde os primórdios da raça humana. Os nossos irmãos primitivos (Homem de Neanderthal) já entendiam a importância de unir forças quando em suas atividades de caça necessitavam abater grandes animais e isso só seria possível se agissem em grupo. Certamente, não conheciam o significado da palavra “cooperar”, mas compreendiam, na prática, que somente unidos encontravam a força capaz de vencer os desafios a que estavam submetidos.

Diz-se que dificuldades são as principais indutoras das práticas de cooperação. As pessoas se dispõem mais facilmente a cooperarem quando vivenciam grandes problemas. Quando tudo está indo muito bem, o individualismo se torna predominante. Claro que as exceções existem e espero que algum dia consigam ser tão numerosas a ponto de virarem regras.

Steve Jobs, um dos mais renomados CEO do mundo, disse certa vez: “Coisas incríveis no mundo dos negócios nunca são feitas por uma única pessoa, e sim por uma equipe.” Em que pese a afirmação ter um endereçamento para a iniciativa privada, sou da opinião de que essa afirmação também se aplica ao mundo da gestão pública.

A cooperação é uma filosofia, uma forma de pensar e agir, que pressupõe a crença em valores

e princípios humanísticos, de colaboração, em que a união promove uma maior eficácia em torno dos resultados alcançados. Ela só se instala se forem desenvolvidas a confiança, a solidariedade, o senso colaborativo entre as pessoas, em que todos unem suas energias empreendedoras para ganharem juntos.

Vivemos hoje uma fase em que países se agrupam em torno de comunidades e pactos. Os estados e municípios formam consórcios. As empresas se unem em fusões, associações, cooperativas, consórcios, redes e centrais de negócios. Numa organização piramidal, temos os sindicatos, as federações e as confederações. A sociedade civil reúne uma imensidão de entes associativos nos segmentos religiosos, comunitários, culturais, clubes de serviços, política partidária, enfim, são muitos exemplos.

Todas estas iniciativas cooperadas, instituídas ou informais, possuem um objetivo em comum, que é o de conseguir realizar algo que seria muito difícil ou impossível de se alcançar individualmente. Para direcionar o foco desta abordagem, farei doravante uma reflexão envolvendo apenas dois campos, sejam eles: eficácia da cooperação no meio empresarial e na gestão pública.

No mundo dos negócios privados, tenho o privilégio de conviver com cerca de 15 redes e centrais de negócios empresariais, com as

quais pude contribuir para suas implantações e/ou reestruturações nos segmentos do varejo alimentar, material de construção, móveis e eletrodomésticos, farmácia, pet shop, magazine, indústria de móveis e indústria de calçados. A maioria delas é paraibana.

Da vivência com tão exitosas organizações empresariais, pude comprovar as inúmeras vantagens de se optar por estas práticas associativas, tais como: maior poder de barganha na compra de produtos e serviços, aumento nas vendas em função de preços mais competitivos, acesso a novos fornecedores e mercados, menores custos em promoções e mídias, contratação de serviços a custos mais baixos, maior poder de barganha nas reivindicações de naturezas diversas, combinar competências e práticas de gestão, compartilhar e otimizar o uso de vários recursos.

As vantagens desta prática de gestão a tornam mais interessante pelo seu poder de abrangência na geração de benefícios que englobam também fornecedores e consumidores finais. Para os fornecedores, os ganhos são proporcionados pelos maiores volumes de vendas realizadas, pela otimização de custos operacionais em função da concentração de vários clientes em uma única rede e pela redução de custos promocionais. Já os consumidores finais lucram por comprarem a preços mais

baixos, por terem acesso a um maior mix de produtos, por serem atendidos com mais qualidade, além de participarem de promoções com direito a prêmios.

No campo da gestão pública, temos exemplos no Brasil e no resto do mundo. Uma das práticas mais usadas neste setor são os consórcios envolvendo municípios e estados, no caso brasileiro. Ainda há muito o que avançar no exercício da cooperação envolvendo estes entes públicos. A maioria dos consórcios existentes hoje é na área da saúde e mais recentemente no tratamento dos resíduos sólidos. Conheço algumas experiências interessantes, principalmente na região Centro Oeste do Brasil, envolvendo consórcios municipais de desenvolvimento econômico. Existe uma legislação específica para disciplinar o funcionamento dos consórcios públicos intermunicipais e são muitas as possibilidades e vantagens de se optar por este caminho: seguro, legal e eficaz.

Para avançarmos ainda precisamos quebrar muitos paradigmas. Na tomada de decisão conjunta nem sempre haverá um acordo que agrade a todos e será preciso abrir mão da posição e interesse pessoal em favor de um propósito comum. Isso é saber ceder e sinal de maturidade. Isto gera eficácia tanto na gestão pública, quanto nos negócios privados.



Lojas oferecem produtos de qualidade com preço acessível

Mercadorias expostas nas vitrines dos novos brechós passam por seleção criteriosa antes de serem colocadas à venda

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Existem brechós que trabalham com peças vintage, outros que vendem apenas roupas de grife. A empresária Carline Melo, por sua vez, expõe desde as marcas mais sofisticadas até as mais populares, apostando na perfeição. “Sempre

imaginei um espaço que não tivesse cara de brechó, tivesse cara de loja porque o que eu ofereço não é roupa usada. Ofereço novas possibilidades. Ofereço, por exemplo, para uma pessoa que ganha um salário mínimo por mês, ter acesso a uma peça original de uma marca conhecida por 50 reais, o que ela provavelmente não teria em um shopping”, relatou.

Com mais de 50 fornecedores ativos, a empresária recebe as roupas, analisa, vê o que está dentro do seu perfil (se está em boas condições, o que tem saída, etc). Depois, manda a relação das peças aprovadas para a fornecedora e decidem o que vai ser colocado para venda. “Eu gosto que a cliente sempre encontre alguma coisa boa para ela.

Uma coisa é você ver na foto a peça bonita e outra chegar perto e encontrá-la desgastada, mal cuidada”, acrescenta.

Os novos fornecedores chegam pelo Instagram, como clientes, por indicação, dentre outras formas. Ela afirma que a pontualidade no pagamento dessas pessoas é essencial, pois sabe que isso faz a diferença.

“Uma das minhas fornecedoras vivia uma realidade e hoje não vive mais. O dinheiro faz a diferença na vida dela. Têm todas essas questões sociais por trás do meu trabalho também”, argumentou. A lojista acredita que o fato dos consumidores se identificarem com o perfil de seu negócio tem sido fundamental. “Peças boas atraem peças boas”, declarou.

+ Artigos infantis também são aproveitados

As roupas já são itens conhecidos nos brechós há muitos anos. Porém, o comércio de artigos infantis usados ainda é recente, em especial na Paraíba. Neste contexto, Mariana Castro e Francisco Júnior estão entre os sócios de lojas especializadas na venda e aluguel destes produtos.

Na Paraíba, são três bazares (dois em João Pessoa e um em Sousa) e três espaços para aluguéis (um em João Pessoa, um em Campina Grande e um em Patos). Na Capital, as unidades funcionam nos Bancários e Bairro dos Estados. Cerca de 90% dos itens expostos são de segunda mão que passaram por rigorosa análise antes da exposição, principalmente os sapatos. A maioria dos fornecedores são clientes antigos ou que vieram através das redes sociais.

O negócio, pioneiro em João Pessoa na modalidade “aluguel de brinquedos para diversão em casa”, nasceu em 2016. Com a maternidade, as sócias perceberam a necessidade de ter produtos que facilitassem o dia a dia de pais de recém-nascidos, como também que estimulassem os bebês de forma contínua. “Sabendo o quão caros são brinquedos mais sofisticados, resolvemos adquiri-los e fazer do uso compartilhado e consciente o nosso mais novo propósito de vida. E a receptividade do público foi simplesmente incrível!”, comemora Mariana.

Assim, os pais interessados podem alugar pelo site ou aplicativo cadeiras de balanço tecnológicas, babás eletrônicas, mini berços, jumperos, camas elásticas, dentre outros itens entregues em casa para serem usufruídos por trinta dias. A cada mês, os produtos podem ser trocados para melhor acompanhamento de cada fase evolutiva da criança.

Além desta opção, a loja também atende na modalidade sustentável, que, por sua vez, é um bazar infantil. Segundo o casal, esta é uma reprodução refinada de empresas norte-americanas que prezam pela “treasure hunt experience”, isto é, pela “experiência de caça ao tesouro”. “O bazar nasceu no ano de 2019 e foi uma consequência do aluguel de brinquedos, por fomentar, de igual forma, a economia circular, estendendo a vida útil de produtos e gerando menos impacto no meio ambiente”, defendeu Francisco.

A dinâmica funciona da seguinte forma: os pais deixam na loja roupas/sapatos em perfeito estado de conservação, mas que não cabem mais nos filhos ou brinquedos e qualquer acessório do universo infantil que perderam o sentido naquele momento (com exceção de mamadeiras e chupetas). Com a venda das peças, novos produtos podem ser adquiridos em loja ou até mesmo retirado o valor em espécie. O percentual é de 50% fornecedor e 50% do empreendimento. O objetivo, conforme o casal, é incentivar a reutilização, demonstrando as crianças que é possível usar, brincar e conservar, promovendo a educação pela sustentabilidade.

O mesmo objetivo da empresária Carline Melo que, antes de começar o negócio, pesquisou o cenário econômico e social do mercado, em especial a temática da sustentabilidade. “Em 2030 dois terços da população mundial terá pelo menos uma peça de segundo uso no guarda-roupa. Consumir coisas que não são essencialmente novas está na nossa sociedade em vários aspectos: se vai a um hotel, as roupas de cama estão higienizadas, mas não são novas e tem carros usados que são vendidos pelas lojas”, defendeu a comerciante de roupas.

///Empresas que comercializam produtos usados contribuem para a chamada economia circular, estendendo o prazo de utilização dos bens e gerando menos impacto ambiental///

Mercado vence preconceitos

O mercado de usados ainda atrai muitos preconceitos, conforme observa Carline Melo. No entanto, considera que a imagem negativa vem reduzindo principalmente quando o cliente é recebido em um ambiente agradável. Outra coisa importante para ela é a triagem de cada peça, valorizando o que vende. “Se encontrar uma manchinha, eu prefiro não dar desconto. Prefiro que devolva, para eu devolver a fornecedora, porque não é aquilo que eu quero. Cada cabide meu é precioso: para uma peça estar exposta é porque ela é muito valiosa pra mim”, descreveu.

Apesar das dificuldades, a empresária acredita que está ajudando o meio ambiente e fomentando a economia local. “Existe muito preconceito ainda, quando eu não tinha loja física eu percebia no olhar das pessoas. Hoje nem tanto porque a loja me ajuda. A percepção das pessoas quando entram e dizem que não parece um brechó, eu fiz justamente pra desconstruir essa ideia de coisa antiga. As roupas têm a percepção de que estão novas. As pessoas hoje em dia falam muito bem”, destacou.

O mesmo ponto de vista é citado pelos empresários de artigos infantis. Ambos acreditam que a empresa veio quebrar o tabu de que brechó é algo retrô, pois percebem a admiração e aceitação dos consumidores ao entrarem nas lojas. “Nosso bazar surpreende pela variedade e qualidade dos produtos, ambiente acolhedor, preços acessíveis e justos, aliado sempre a um atendimento de excelência com humor e amor. A aceitação do público tem sido entusiasmante”, declarou Mariana Castro. Para seu sócio, Francisco Júnior, o negócio favorece um ambiente economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente correto.

CUIDADO COM O PLANETA

■ Entre as peças mais vendidas estão itens grandes como bebê conforto, carrinho, banheira e berço. Alguns produtos são novos, mas para os que não são os vendedores informam aos clientes se tem alguma falha. Por isso, entendem que cada vez mais o público vem aderindo a essa nova proposta de negócio. “Acreditamos que o mundo caminha nesse sentido: de cuidado com o próximo e com o planeta, afinal, o que seria de nós sem um lugarzinho saudável para morar?”, ressaltou Mariana Castro.

Criada durante a ditadura, LSN volta a causar polêmica

Procedimentos abertos somente pela PF para apurar supostos delitos aumentam 285% no governo Bolsonaro

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

A Lei de Segurança Nacional (LSN, nº 7.170/83), teve origem na Ditadura Militar e ainda hoje vigora na legislação brasileira. Usada com certo comedimento após a redemocratização do país, o que chama a atenção hoje em dia é que ela voltou com força no período do governo Bolsonaro. Além da maior frequência de seu uso, o maior debate, entre especialistas é sobre sua adoção em pleno regime democrático e também aplicabilidade para incriminar pessoas ou grupos que emitam críticas mais agressivas contra os poderes federais, configurando-se como uma possível censura à liberdade de expressão.

Criticada por muitos, esse dispositivo está sendo evocado por várias esferas da Polícia, Justiça e pelo chefe do Executivo nacional. O número de procedimentos abertos somente pela Polícia Federal para apurar supostos delitos contra a segurança nacional, segundo publicação de o Estadão, aumentou 285% nos dois primeiros anos do governo Bolsonaro, comparado ao mesmo período das gestões dos presidentes Dilma Rousseff

e Michel Temer. Entre 2015 e 2016, houve um total de 20 inquéritos. Na primeira metade da administração Bolsonaro, o número saltou para 77 investigações.

Depois de já ter sido alvo de fracassados pedidos de revisão e até mesmo extinção em anos anteriores no Congresso Nacional, a LSN está na pauta do dia e já há ações no Supremo Tribunal Federal (STF) pedindo que sua constitucionalidade seja analisada. O que não falta é discussão sobre o uso deste dispositivo para criminalizar opositores políticos.

Na semana passada, por exemplo, o ministro Gilmar Mendes determinou que o Ministério da Justiça apresentasse esclarecimento sobre o uso da LSN contra críticos do presidente Jair Bolsonaro. O ministro ainda cobrou explicações da Polícia Militar do Distrito Federal e da Polícia Civil do Rio de Janeiro pela aplicação da mesma lei.

Já o ministro Luís Roberto Barroso, também do STF, afirmou que a Lei de Segurança Nacional tem 'inconstitucionalidades variadas' e precisa de revisão. Partidos de diferentes viés políticos têm acionado a Corte para derrubar essa ferramenta jurídica.



Para a historiadora Olga Veiga, a lei sofreu modificações; já o advogado Haruanã Cardoso destaca proteção aos Poderes



Tentativas para revogar texto

Nas últimas três décadas, houve várias tentativas de revogar a LSN no Congresso Nacional. Uns dos exemplos foram os

projetos dos deputados Hélio Biscudo (em 1991) e do ex-ministro da Justiça Miguel Reale Júnior (2002). Em 2014, o relatório

final da Comissão Nacional da Verdade (CNV), que investigou os crimes da ditadura, recomendou a revogação da legislação.

VEJA ALGUNS CASOS RECENTES DO USO DA LSN NO BRASIL

■ O ministro do STF Alexandre de Moraes baseou-se na LSN para determinar a prisão do deputado Daniel Silveira (PSL-RJ), após ele ameaçar os ministros da Suprema Corte e fazer apologia ao AI-5. Silveira ficou detido alguns dias, mas foi encaminhado para prisão domiciliar, usando tornozeleira eletrônica.

■ No dia 18 de março, cinco manifestantes que abriram uma faixa com os dizeres "Bolsonaro genocida", na frente do Palácio do Planalto, chegaram a ser detidos pela Polícia Militar, com base na LSN, mas foram liberados quando o delegado da Polícia Federal concluiu que eles não haviam cometido crime. Apenas um integrante do grupo que tinha passagem pela polícia seguiu detido.

■ Após se referir ao presidente Bolsonaro como "genocida", o youtuber Felipe Neto foi ameaçado de ser enquadrado na legislação de exceção. O procedimento havia sido aberto pela Polícia Civil do Rio de Janeiro, a partir de queixa feita pelo vereador Carlos Bolsonaro, filho do presidente da República.

■ O ex-ministro da Justiça, André Mendonça, também já solicitou a abertura de inquéritos com base na LSN contra diversas pessoas que criticaram Bolsonaro. Uns dos exemplos foram o advogado Marcelo Feller, o escritor Ruy Castro e os jornalistas Ricardo Noblat e Hélio Schwartsman.

■ Após o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva sair da prisão, em novembro de 2019, e fazer um discurso crítico ao governo, Bolsonaro reagiu afirmando: "Temos uma Lei de Segurança Nacional que está aí para ser usada."

"Perseguição à liberdade política"

A professora e historiadora Olga Veiga explicou que a Lei de Segurança Nacional foi promulgada durante o governo de Getúlio Vargas, em meados da década de 30, com o intuito de controlar as manifestações políticas. Ao longo do regime ditatorial, o dispositivo sofreu algumas modificações, até chegar na versão mais atual, que data da década de 80.

A professora contou que em uma das fases da Ditadura Militar, o mundo atravessou o período de Guerra Fria, e os interesses americanos estavam em ação no Brasil. Era forte o sentimento de anticomunismo e os militares usavam de forma indiscriminada o jargão "comunista e subversivo", inserindo nesse rótulo padres e freiras ligados a pastorais, assim como outros segmentos da sociedade. Entre as demais aplicabilidades, a Lei de Segurança Nacional servia para perseguir setores da sociedade civil como sindicatos e trabalhadores rurais que não se calavam diante das injustiças da época.

Ela ressaltou que, ao longo desse regime autoritário, foi

instaurada a Escola Superior de Guerra (ESG) e a Doutrina Superior de Guerra (DSG), que tiveram papel estratégico na manutenção do poder na ditadura, criando um ambiente constante de guerra frente a um inimigo interno. Segundo Olga, a ESG foi responsável por formar os militares desse período, perpetuando a ideia da Lei de Segurança Nacional.

"Sua intenção era usar de um aparato jurídico de perseguição à liberdade política a quem se opusera as ações autoritárias e, por diversas vezes, usada para barrar mobilizações de grupos opositores de esquerda. Isso gerava um controle do Estado para manter uma hegemonia do sistema capitalista e anticomunista. Sendo assim, a lei foi criticada pelo seu uso enviesado por perseguir opositores da Ditadura, causando violações dos direitos humanos em larga escala no país".

A historiadora explicou que o Brasil não experimentou uma transição efetiva entre o regime ditatorial e a democracia. "Ditadores não sofreram punições pelos seus crimes, assim como não passamos por uma reforma

nessas estruturas militares, seja nas próprias forças armadas, ou na extinção dessa lei que vigora, e volta à tona nos últimos acontecimentos políticos", completou.

Essa é uma das explicações pela qual ainda carregamos resquício desse período autoritário, "que ainda mostra-se vivo no saudosismo de alguns grupos políticos do Brasil".

Olga Veiga frisou que estamos vivenciando no país um poder executivo no âmbito federal que se mostra claramente alinhado às ideias da Ditadura Militar, e a evocação da LSN representa um perigo para a sociedade, pelo seu caráter antidemocrático. Para ela, a lei abre precedentes para ações autoritárias, uma vez que possui definições abstratas e vagas. O teor autoritário, segundo ela, está em alguns de seus artigos como o 26, que fala que está passível de reclusão de 1 a 5 anos quem "Caluniar ou difamar o presidente da República, o do Senado Federal, o da Câmara dos Deputados ou do Supremo Tribunal Federal, imputando-lhes fato definido como crime ou fato ofensivo à reputação."

PROTEÇÃO AOS PODERES

■ Ao comentar a aplicabilidade e validade da Lei de Segurança Nacional/1983, o advogado Haruanã Cardoso explicou que esse dispositivo foi publicado antes da promulgação da Constituição Federal de 1988, ou seja, em um momento em que o Brasil não estava sob a égide de um estado democrático de direito, mas sim, sob um regime de exceção, onde o governo era formado por militares. Portanto, o objetivo da LSN era e ainda é de tentar proteger os Poderes, algumas instituições de Estado e os agentes públicos com cargos nas diversas esferas do Poder, visando manter a unidade do Brasil. O advogado destacou que, com a Constituição de 1988, uma nova ordem foi criada: a ordem democrática.

Nesse contexto, o advogado questiona se uma lei da época da Ditadura Militar pode ser aplicada atualmente, na vigência de um estado democrático de direito. Ele responde que "sim". Isso porque, o Supremo Tribunal Federal ainda não se manifestou sobre a recepção da LSN. "No entanto, há indícios, em razão de casos concretos julgados pelo STF, de que os crimes definidos pela LSN foram recepcionados pela Constituição Federal de 1988, ou seja, há indicativo de que a LSN continua vigorando e podendo ser aplicada atualmente", declarou Haruanã.

Ele explicou que, à luz da LSN são consideradas condutas criminosas, ações que representem agressão ou ameaça graves aos Poderes, algumas instituições de Estado e aos agentes públicos que ocupam cargos nos Poderes. Tais ameaças devem carregar risco de ruptura ou desestabilização do regime vigente e estado democrático de direito.

Amplificação do poder pelas mídias digitais

Para Percival Henriques, presidente da Associação Nacional para Inclusão Digital (Anid) e conselheiro do Comitê Gestor de Internet no Brasil, a Lei de Segurança Nacional faz parte de um amplo debate, que envolve as mídias digitais. Segundo ele, o chamado capitalismo de vigilância, com a ascensão de plataformas como o Google, Instagram e o Facebook, amplificam o poder de opinião de indivíduos ou grupos, gerando temor em alguns casos, devido à grande repercussão que alcança. E com os adeptos da Lei de Segurança Nacional isso não é diferente.

"Me parece que algum entulho autoritário que existe nessa lei, pode ser usado por alguém que queira tolher a liberdade de expressão", frisou Percival. Ele destacou que, ao invés da LSN, deveria existir leis específicas para reprimir os discursos de ódio, de excitação à violência, a ação de extremistas enaltecendo o nazismo, constantemente vistos nas mídias, inclusive nas plataformas digitais.

Várias controvérsias

O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, seccional Paraíba, (OAB-PB), Paulo Maia, frisou que a LSN, versão de 1983, está envolta em várias controvérsias. "Sua última versão foi feita nos estertores do regime militar e, apesar de ter como um dos objetivos defender o estado democrático de direito, na verdade, foi utilizada como uma forma de perseguição aos inimigos do regime, haja vista que permite a prática de determinados atos sem a necessária observância de garantias legais da defesa do cidadão", declarou Maia.

Ao resgatar fatos da história recente, Paulo Maia citou que esta ferramenta jurídica já foi utilizada como fundamento para o Procurador-Geral da República, Augusto Aras, pedir ao STF abertura de inquérito para apurar atos antidemocráticos; o Ministério da Defesa, por sua vez, a utilizou em representação contra o ministro do STF Gilmar Mendes; já o ex-ministro da Justiça, André Mendonça, a invocou para embasar pedido de investigação contra jornalistas e o ministro do STF, Alexandre de Moraes, usou a lei para fundamentar a prisão do deputado bolsonarista Daniel Silveira. O presidente da OAB-PB declarou ainda que perante o Supremo Tribunal Federal há três ações de Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) questionando a constitucionalidade, no todo ou em parte, da lei, mas ainda não houve manifestação do caso.

Segundo ele, a OAB, em âmbito nacional, ainda não se pronunciou quanto à constitucionalidade da LSN. "Eu, particularmente, entendo que a democracia precisa ser sempre protegida, mas nunca utilizando de mecanismos antidemocráticos, pois isto é, em meu sentir, uma incoerência. Vimos isso recentemente por ocasião da Operação Lava Jato, onde, em nome da defesa da luta contra corrupção, foram praticados verdadeiros ataques contra os direitos individuais da defesa e do devido processo legal", declarou. O presidente da OAB-PB concluiu, acrescentando que "não se combate o crime, praticando outro."

Tubarão ameaçado de extinção é visto na costa da Paraíba



Pesquisadores da UFPB conseguem fazer o primeiro registro científico da espécie em águas paraibanas

Aleksandra Tavares
lejaip@hotmail.com

Um tubarão-martelo panã, macho, com 2 metros de comprimento, foi encontrado a cerca de 30 quilômetros da costa paraibana. Foi o primeiro registro científico da espécie no estado. Mas, quando se fala em tubarão circulando livremente em águas marinhas, logo vem à mente os temíveis ataques desses predadores aos humanos. Segundo os estudiosos que encontraram o animal em alto-mar no final de março, pelo menos até agora, não há risco disso ocorrer nas praias da Paraíba.

“Não temos como garantir que incidentes não aconteçam, pois o mar é onde os tubarões vivem e não é possível prever a movimentação desses animais. O que posso dizer é que incidentes com tubarões na Paraíba são muito raros. Algumas das características geográficas da costa, e um ecossistema marinho ainda equilibrado, são razões que contribuem para que esses incidentes sejam quase inexistentes”, afirmou o biólogo Wilson Marques de Oliveira Júnior, que integra o projeto Megafauna Marinha Ameaçada, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A equipe conseguiu registrar a presença do animal a 30 quilômetros da costa, a uma profundidade de aproximadamente 50 metros. O biólogo explicou que as imagens do animal foram feitas por meio de um sistema que usa uma câmera acoplada a uma caixa com iscas, chamado BRUVS.

Migratória

O tubarão-martelo panã não teria vindo de uma região específica, pois é uma espécie migratória que faz grandes movimentações entre diversos países. No Brasil, existe a presença do animal ao longo de todo o litoral, do Amapá ao Rio Grande do Sul. No Nordeste brasileiro, possui registros específicos em todos os estados, do Maranhão à Bahia, e no Arquipélago de Fernando de Noronha. “Como a espécie ocorre ao longo de toda costa brasileira, é de se esperar que ele frequente nossa costa também”, declarou Wilson.

Segundo especialistas,



Segundo o biólogo Wilson Marques, que integra o projeto Megafauna Marinha Ameaçada, já havia registros do tubarão em outros estados, mas não na Paraíba

já havia relatos de aparições dessa espécie em encalhes e pescas acidentais, mas nunca tinham registrado o tubarão em vídeo. Segundo o professor aposentado da UFPB Ricardo Rosa, que coordena um projeto colaborativo do Magafauna chamado Lixa Vivo, há algumas capturas registradas por pescadores de fêmeas grávidas. “As fêmeas se aproximam da costa para dar à luz, e é aí que ocorre a pesca incidental. A costa da Paraíba pode ser um local de berçário onde as fêmeas dão à luz, porém é necessário mais pesquisas para confirmar essa hipótese”, declarou.

O tubarão-martelo panã, macho, com dois metros de comprimento, foi visto a 30 quilômetros da costa, a uma profundidade de 50 metros.



Importância da preservação

O registro em vídeo do tubarão-martelo panã representa um importante passo para a preservação da espécie, que está sob risco de extinção, sendo avaliada globalmente como Criticamente Ameaçada pela International Union for Conservation of Nature (IUCN). “O avistamento deste indivíduo saudável na costa paraibana é muito relevante para a conservação da espécie, pois podemos delimitar a área de vida dos martelos e propor, às autoridades, áreas marinhas protegidas que envolvam sua ocorrência”, destacou o biólogo Wilson Marques.

De acordo com ele, esse animal é o maior das 11 espécies reconhecidas de tubarões-martelo no mundo, podendo chegar a 6 metros de comprimento. O biólogo frisou que, com essa informação, mais o registro em vídeo, é possível ter uma ideia melhor sobre a ocorrência do animal no estado. O grupo da UFPB dará con-

tinuidade ao estudo desse e de outros tipos de tubarões na costa paraibana. Wilson Marques declarou que a população global do tubarão-martelo panã já sofreu reduções severas, por isso está ameaçado de extinção.

Ele acrescentou que a proteção dos tubarões ainda é relevante para o equilíbrio do ecossistema marinho, visto que eles atuam no controle dos níveis mais baixos da cadeia alimentar. “Como predadores de topo da cadeia alimentar, o papel dos tubarões é manter outras espécies de animais marinhos em equilíbrio, e regular os oceanos”.

Em caso de remoção dos tubarões em determinada área, Wilson conta que esse equilíbrio seria gravemente comprometido, pois estudos indicam que a eliminação regional desses animais pode causar efeitos desastrosos, incluindo o colapso da pesca e a morte dos recifes de coral.

SAIBA MAIS

Idade do animal

O tubarão registrado pela equipe da UFPB foi classificado como sub-adulto, ou seja, estágio em que antecede a maturidade sexual. Wilson Marques frisou que, para essa espécie, somente machos com comprimento maior que 2m10 são considerados adultos. “Porém, essa é uma informação muito específica, e que difere de região pra região”, acrescentou.

Megafauna

O projeto Megafauna Marinha Ameaçada é coordenado pelo professor Bráulio Almeida Santos, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O trabalho teve início em 2019 com a finalidade de pesquisar sobre a diversidade e a abundância de animais marinhos na Paraíba. O projeto é financiado pela Fundação Grupo Boticário e conta com o apoio do Centro de Pesquisas Ambientais do Nordeste (Cepan), do Laboratório de Ecologia Aplicada e Conservação da UFPB, do Instituto Parahyba de Sustentabilidade (Ipas) e do Lixa Vivo.

Lixa Vivo

O Lixa Vivo é um projeto colaborativo do Magafauna Marinha Ameaçada, com foco nas pesquisas de tubarões. É coordenado pelo professor aposentado da UFPB, Ricardo Rosa. Os mergulhos do grupo e o lançamento de BRUVS costumam acontecer em áreas de naufrágios e recifes naturais da Paraíba. As pessoas interessadas em saber mais sobre as pesquisas e acompanhar as imagens captadas, pode acessar o perfil @projetolixavivo no Instagram.



Foto: Divulgação/Flamengo

Andressa Cavalcanti e o novo tempo no Vôlei de Praia Feminino da Paraíba

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Andressa Cavalcanti, paraibana de 24 anos que faz dupla com Vitória - atleta de 21 anos e natural de Petrópolis-RJ - é hoje o principal nome do Vôlei de Praia Feminino da Paraíba e protagonista de uma nova fornada de mulheres que promete mudar o cenário do esporte que, no estado é sinônimo de grandes vitórias, mas apenas entre os homens, com raras e esporádicas exceções.

Essa mudança de panorama que permitiu o surgimento de novos talentos entre as mulheres, começa com o trabalho do técnico Ricardo Hugo que, dentro do CT Cangaço - referência em treinamentos da modalidade no Brasil - passou a promover um trabalho específico no naipe feminino e do qual Andressa e Vitória surgem como primeiro grande time, espe-

cialmente pelos resultados da última temporada onde a dupla ascendeu ao terceiro lugar no ranking nacional.

Sobre esse ano positivo dentro das areias, mesmo em meio à pandemia e o crescimento do vôlei de praia na Paraíba, agora também entre as mulheres, conversamos com Andressa na entrevista que você confere a seguir:



Foto: Instagram/Andressa

A ENTREVISTA

Andressa, esse foi um ano atípico para todo o mundo e no vôlei de praia não foi diferente. Como você avalia essa temporada atípica e o que mais você sente falta em relação aos anos anteriores, antes da pandemia?

Realmente foi um ano muito atípico, mas com toda a nossa equipe conseguimos voltar da pandemia bem, sem lesões, não ficamos, é claro, no nosso 100%, pois não tivemos uma preparação adequada no começo devido aos treinos em casa, mas acredito que eu e Vitória estamos fazendo uma temporada especial, hoje, brigando entre as três melhores duplas no ranking nacional. Diante disso, posso dizer que estou muito feliz com o que fizemos até o momento. Em relação ao que mais sinto falta, sem dúvida alguma, é da torcida. A presença do torcedor faz muita diferença, o calor do jogo, aquele clima do pessoal gritando seu nome ou até mesmo torcendo contra você, é aquele clima a mais que nos dá uma energia grande e por isso tenho sentido muita falta.

Mesmo com tantas dificuldades, para você e Vitória, a temporada 2020 termina com um saldo positivo tendo em vista a colocação de vocês no ranking nacional. Qual o próximo passo da dupla Andressa e Vitória?

Com certeza o próximo objetivo é disputar o circuito mundial, isso é algo que eu sempre sonhei em chegar e que está ao nosso alcance. Porém, para isso, é necessário um investimento muito alto e que precisa se ter um bom patrocínio para ser viabilizado. Disputar o circuito mundial é um grande objetivo e espero que possamos conseguir nesse ano, pois é lá que a caminhada começa para que se possa buscar realizar um sonho olímpico.

Você acaba de chegar da última etapa do Sul-Americano onde vocês ficaram com a medalha de bronze e asseguraram o título para o time brasileiro. Qual a importância desse resultado e dessa disputa internacional para a dupla?

Essa etapa queríamos trazer o ouro, estávamos muito animadas para jogar essa competição, especialmente, pois foi a primeira vez que disputei esse torneio, mas infelizmente não conseguimos, pois não apresentamos nosso melhor voleibol na semifinal. Isso é algo normal e que acontece dentro do esporte e, felizmente, conseguimos nos recuperar rapidamente para ganhar a disputa do bronze. Avalio que, no final, esse resultado pode ser importante para nós, pois é nessas situações que vemos o quanto ainda é preciso trabalhar e treinar para seguir evoluindo. Sendo assim, ficamos felizes, pois a gente conseguiu assegurar o título de campeãs da temporada para o Brasil e temos uma nova experiência importante para a nossa dupla.

Hoje, no circuito nacional, há uma predominância muito forte do time formado por Ágatha e Duda que venceu com folga a disputa nessa temporada. Tendo essa dupla como parâmetro, você considera que a sua dupla com Vitória já está no estágio de pensar em disputar o título do circuito em 2021 ou ainda há uma diferença grande e degraus a serem galgados para vocês?

Para ser sincera, existe uma diferença muito grande, sim. Elas já estão há cinco anos juntas, finalizando agora um ciclo olímpico e com uma experiência que não se tem nem o que falar. No entanto, essa não é uma missão impossível. A gente sempre busca ganhar e vencer as melhores, com certeza, é algo que eu e Vitória almejamos, mas a gente entende o processo, sabemos que ainda estamos retornando ao nosso melhor, nossa dupla ainda é nova e temos muito para evoluir. A gente sempre quer e eu sempre acredito que é possível, já fizemos jogos duros com elas, já vencemos a outra dupla olímpica (Ana Patrícia/Rebecca) e estamos no caminho certo.

Depois de muitos anos sem grandes resultados para o Vôlei de Praia Feminino da Paraíba, você se destacou bastante nessa última temporada. O que falta para termos no feminino também resultados como os que temos no masculino, por exemplo, através de atletas como Álvaro Filho e George?

Na minha visão, o que faltava era investimento, ter técnicos que quisessem construir uma atleta profissional, desde a base. Felizmente, hoje temos isso graças ao trabalho do Ricardo Hugo. De uma maneira geral, para a mulher é sempre mais difícil pela falta de investimento e segurança para que se possa dedicar exclusivamente ao esporte, isso ainda permanece, mas o fato de termos um profissional focado em nos encaminhar é fundamental para termos uma mudança nesse panorama. Com esse processo, já temos aumentado muito o número de atletas no feminino aqui no estado. Hoje já se tem um trabalho desde a base com atletas como a Isabel e a Giovanna Bárbara, temos também Laura e Fernanda que não são naturais da Paraíba, mas vieram treinar aqui, enfim, hoje temos o CT Cangaço e um técnico focado em trabalhar conosco. Não será de uma hora para outra, mas acredito que a gente vai conseguir aumentar essa cultura feminina dentro do vôlei de praia.

Além de você que é uma atleta que já acumula experiência desde as competições de base, mas segue como uma atleta jovem, já há uma nova fornada de atletas sendo preparadas no CT Cangaço, onde você e Vitória também treinam, essa competitividade na rotina de treinos contribui para o desenvolvimento no feminino?

Com certeza. Quando eu comecei, iniciei sozinha treinando com o Hugo, eu era a única atleta mulher com ele. Só depois, no período que ele começou a treinar também a Tathiana Damásio, que é uma atleta paraibana super experiente (Hoje com 39 anos, segue em atividade ao lado de Erica Freitas (MG) na 13ª colocação no circuito nacional) e que aceitou que eu pudesse treinar com ela, na época, foi que eu pude realmente aprender e evoluir muito, pois comecei a compreender várias questões do jogo. Ter essa experiência próxima de alguém que já está dentro do circuito, que conhece o esporte muito bem e que está entre as melhores, foi fundamental para o meu desenvolvimento. Hoje eu me vejo, junto com a Vitória, justamente no lado oposto, pois somos a dupla que está junta das mais novas passando o que conhecemos. Isso é uma motivação a mais para elas e também para a gente, pois elas também nos ajudam muito nos treinamentos, elevando justamente essa competitividade para todas nós.

Esse ano teremos Jogos Olímpicos e um novo ciclo só será reaberto para 2024 quando você terá 28 anos, portanto, no auge da sua carreira. Podemos esperar Andressa nos Jogos de Paris? Esse é um objetivo claro ou ainda um sonho?

Eu ainda vejo como um sonho. Mas com certeza vamos galgar para alcançar. Vamos iniciar a competir internacionalmente, o que não é fácil pelo alto investimento. Mas é o caminho para disputar uma corrida olímpica. Eu acredito, acompanhei muito a caminhada de Alvinho (Álvaro Filho), sei que não será fácil, mas ele sempre buscou, sempre estava no limite dele, e estava sempre pronto para a oportunidade. Então é isso que eu busco. Busco evoluir meu voleibol, meu mental, meu físico. Busco estar no caminho certo.

Andressa (E), que joga ao lado de carioca Vitória, vem conquistando seu espaço entre as grandes jogadoras do país no vôlei de praia

Estádios estão liberados para o Paraibano

Almeidão, Amigão e Perpetão irão sediar disputas sem a presença de torcedores nas arquibancadas



Foto: Samir Oliveira/Campinense

O Estádio Amigão será palco dos jogos de Campinense e Treze pelo Campeonato Paraibano, que começa na próxima quarta-feira

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Ministério Público da Paraíba, através do Núcleo de Desporto e Defesa do Torcedor e da Comissão de Prevenção e Combate à Violência nos Estádios da Paraíba, vai liberar os Estádios Almeidão, em João Pessoa, Amigão, em Campina Grande, e Perpetão, em Cajazeiras, todos pertencente ao Governo do Estado, para a realização dos jogos do Campeonato Paraibano de Futebol 2021. A competição está programada para começar na próxima quarta-feira, dia 14. Isto será possível, porque o MPPB já recebeu o projeto de combate a incêndio e tumultos das três praças esportivas referente as três

praças de esportes. Na quinta-feira, o promotor Valberto Lira deu uma entrevista coletiva, pela internet, quando afirmou que o MP não vai permitir jogos em estádios, sem um projeto de combate a incêndios e tumultos, mesmo sem a presença do público, porque segundo ele, o Estatuto do Torcedor exige o projeto, para proteger todos os profissionais envolvidos em uma partida, e não apenas os torcedores.

O Ministério Público confirmou a entrega do material do Governo do Estado e informou que aguarda os documentos em relação ao Estádio José Cavalcanti. Sobre o Marizão, o promotor Valberto Lira disse que recebeu da Prefeitura, em caráter de urgência,

um projeto e um cronograma de obras. Os documentos foram enviados para o Corpo de Bombeiros para análise. Vale salientar, que a tabela da FPF programa para a próxima quinta-feira o jogo Sousa x Botafogo, no Marizão, e no sábado, Nacional x Perilima, no José Cavalcanti.

Segundo Valberto Lira, por causa da proibição da presença dos torcedores nos estádios, ele abriu mão, desde o ano passado, dos outros laudos, como o sanitário e o de segurança, aqueles referentes às divisões de torcida etc. Porém, disse que não pode dispensar o de combate a incêndios e tumultos.

“O Estatuto do Torcedor é claro, o cuidado não é apenas relacionado aos torcedores,

mas também a todos os profissionais presentes nos jogos, como jogadores, comissões técnicas, policiamento, arbitragem, gandulas e imprensa. Todo mundo viu o que aconteceu recentemente na Arena Castelão em Fortaleza, um incêndio de grande proporção, que só não se transformou em tragédia, porque lá existe um projeto e ele foi executado a tempo. O fogo começou nas cabines da imprensa, mas poderia ter sido em um vestiário qualquer, ou outra dependência com pessoas trabalhando”, afirmou.

Valberto Lira fez questão de ressaltar, que não tem nada contra o futebol paraibano, como andam colocando nas redes sociais, e apenas exige que se cumpra a lei para

evitar um acidente grave.

“A presidente da FPF, Michele Ramalho, tem nos pedido até que tenhamos dó com a situação do futebol paraibano, mas nós também temos as nossas responsabilidades e temos nossos limites. Em janeiro de 2020, fizemos um acordo para que apresentassem um projeto com um cronograma para a execução das obras. Em agosto, resolvemos fazer um formulário eletrônico com um questionário para facilitar a vida dos gestores de estádios e entregamos à FPF para passar para os responsáveis”, acrescentou.

Segundo o tenente cel. Oliveira, do Corpo de Bombeiros, o projeto é simples

e não exige muitos recursos para realizar. “Não é grande coisa, que demande uma quantia grande de investimento. São pequenos ajustes”, disse o tenente cel.

Sobre a possibilidade de punição da FPF, caso permita os jogos da primeira rodada nos estádios não liberados, o promotor foi claro. “Ela pode marcar e até realizar os jogos como organizadora da competição, mas estará sujeita a uma ação criminal e as punições previstas em lei. Nós não podemos continuar enxugando gelo. Se não cumprem as exigências da lei, o problema não é nosso, e sim dos infratores, dos responsáveis pelos estádios e da federação, que é a organizadora do evento”, concluiu Valberto Lira.

Paraibanos

Paratletas seguem a preparação para as disputas das Paralimpíadas de Tóquio no segundo semestre

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Na pista de corrida da UFPB e sob o olhar atento do técnico Pedrinho Almeida, Petrucio Ferreira, o paratletico mais rápido do mundo, o campeão mundial do arremesso de dardo Cícero Valdiran e o talento da velocidade, Joeferson Marinho, seguem sua rotina de treinamentos focando nos Jogos Paralímpicos de Tóquio, mesmo em meio às incertezas em relação à pandemia e a própria realização da competição que está prevista para ocorrer entre 24 de agosto e 5 de setembro na capital do Japão.

O trio de paratletismo é favorito na conquista de medalhas para o Brasil, pois além de Petrucio que já é campeão paralímpico e mundial, chegará para a disputa

tendo Cícero Valdiran como favorito no arremesso de dardo, pois ele também foi campeão no Mundial de Dubai nos Emirados Árabes, em 2019, assim como Joeferson que ficou com a medalha de prata nos 100 metros dentro da mesma competição e hoje, já possui marcas melhores do que as registradas pouco menos de dois anos atrás.

Sem competições de paratletismo no Brasil desde a primeira paralisação dos esportes por conta da pandemia da covid-19, quem vive a maior expectativa, nesse momento, é justamente o santarritense Joeferson Marinho - velocista de 22 anos que disputa a prova dos 100 metros na classe T12 -, pois ele ainda busca o índice técnico para se garantir na competição, mas com a inexistência de com-

petições até aqui e a determinação do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) de que não ocorram disputas nesse primeiro semestre, ele pode não conseguir a vaga para Tóquio.

Para Pedrinho, nesse momento não há muito o que fazer a não ser manter o planejamento de treinamentos e aguardar as definições do CPB para que se possa ter alguma tomada de tempo ou disputa que proporcione competitividade ao trio e, principalmente, a chance de Joeferson garantir sua vaga através do índice e não ficar dependendo de uma convocação ou convite pelos critérios técnicos da disputa.

“Nesse momento de tantas incertezas, nós seguimos entendendo que a prioridade precisa ser a saúde, por isso, apoiamos a decisão do CPB em paralisar

o calendário nesse primeiro semestre. Agora, estamos aguardando que o comitê entre em contato para sabermos como iremos proceder, enquanto isso não ocorre, vamos mantendo a nossa

programação preparando todos eles para que, quando for ocorrer a oportunidade, estejam todos prontos, assim também como possam chegar no auge de sua forma para a disputa das paralim-

piadas que ainda seguem sob risco de não ocorrer, mas nosso trabalho é todo focado na perspectiva de que poderemos estar lá em agosto”, explicou Pedrinho Almeida.

Foto: Divulgação



Cícero Valdiran, Petrucio Ferreira, o técnico Pedrinho Almeida, e Joeferson Marinho vão estar em Tóquio

Neurociência ganha espaço no futebol

Comissões técnicas dos times passaram a contar com um profissional especializado para melhorar nível de concentração dos atletas

Ciro Campos
Agência Estado

Além de médico, preparador físico, podólogo e nutricionista, as comissões técnicas dos times profissionais de futebol passaram a ter nos últimos anos mais um profissional envolvido. A adoção de técnicas para estimulação cerebral tem aproximado a neurociência do esporte e levado especialistas da área a atuarem mais de perto na rotina dos times. O objetivo do trabalho é melhorar o nível de concentração, a rapidez na tomada de decisão e a ajudar os atletas a se recuperarem do estresse provocado pelos jogos e pelas cobranças.

A aproximação da neurociência com o futebol teve início há cerca de dez anos. Na Europa, vários times já contam com os serviços de profissionais da área. No Brasil, a função ainda está nos passos iniciais, ao contrário da

“As técnicas são muito variadas, porque temos objetivos coletivos e individuais. Quando se trata de um atleta em recuperação de lesão, fazemos um trabalho especial para melhorar sua reabilitação”

Argentina, por exemplo. No país vizinho, neurocientistas atuam quase como um braço direito dos treinadores. No River Plate, o técnico Marcelo Gallardo pediu para ter na comissão técnica, ainda em 2014, a médica Sandra Rossi, neurocientista formada nos Estados Unidos.

“O jogador tem de saber que a cada dia de treino ele vai trabalhar o físico e também o

cérebro. Dentro do treino técnico e do trabalho tático, isso estará presente. É um trabalho integrado”, explicou Sandra. Para aproximar a neurociência do futebol não é preciso necessariamente equipamentos caros e complexos, de alto investimento. O desenvolvimento das capacidades cerebrais pode ser feito com técnicas simples.

O Corinthians usa vários desses fundamentos nos treinos para recuperar lesionados. Em um exercício, o atleta precisa se movimentar rapidamente por um tablado dando cada passo de acordo com a orientação da luz e do som emitidos por uma tela. A atividade permite praticar a atenção e a reação do músculo ao estímulo.



Ilustração: Tônio

Foto: Divulgação/Palmeiras



Palmeiras inova e aplica projeto de neurociência nas categorias de base, prática em passos lentos no Brasil, usada há muito tempo na Europa

O Palmeiras já realizou trabalho semelhante voltado ao aprimoramento de reflexos. Os jogadores precisavam se posicionar diante um painel e reagir à qual lâmpada seria acesa. Com isso, praticavam a concentração e a visão periférica. A atividade é realizada, principalmente, pelos goleiros.

A aplicação pode ser feita no futebol inclusive em atividades com bola. Em treinos de campo reduzido, a cada palma, grito ou sinal visual do comandante, a atividade passa a ter uma nova regra, como a restrição ao número de toques na bola, mudança de direção ou a substituição de alguns atletas no exercício. O técnico Tite costuma comandar esse tipo de treinamento na seleção brasileira, por exemplo.

As regras são estabelecidas anteriormente. Assim, além de trabalhar a parte técnica, o jogador passa a ter um estímulo para se concentrar mais no que está fazendo. Outro trabalho é fazer o atleta ficar parado diante de uma pessoa que segura em cada mão uma bola de tênis. Para praticar os reflexos, é preciso ficar atento para ver qual das mãos soltará a bola e então reagir para não deixá-la chegar ao chão.

O desafio dos neurocientistas é até mesmo observar particularidades de cada jogador e desenvolver um trabalho específico para quem precisa melhorar o tempo de reação, a visão periférica ou a falta de atenção durante uma partida de futebol. “As técnicas são muito variadas, porque

temos objetivos coletivos e individuais. Quando se trata de um atleta em recuperação de lesão, fazemos um trabalho especial para melhorar sua reabilitação”, explicou ao Estadão a neurocientista Andrea Ricagno, do Racing, da Argentina.

O pesquisador Caio Margarido Moreira, doutor em comportamento e cognição pela Universidade de Göttingen, na Alemanha, é um dos principais estudiosos brasileiros da aplicação da neurociência no futebol. Em 2017, ele realizou um trabalho com as categorias de base do Palmeiras, em que os garotos utilizavam um óculos de realidade virtual para avaliar atributos como tempo de reação, tomada de decisões, visão periférica, impulsividade e atenção.

Pela estimativa do seu trabalho, em uma partida de futebol o jogador precisa tomar cerca de 6 mil decisões em 90 minutos. Isso inclui o momento de dar um passe, a forma como vai chutar a bola, qual adversário marcar, onde melhor se posicionar, entre outras escolhas no gramado. Uma pessoa que não é atleta toma no máximo 3 mil decisões ao longo de 24 horas.

“O neurocientista pode ajudar a desenvolver uma capacidade decisiva no jogador de futebol e aumentar o repertório dele. Ao longo dos anos, o atleta repete bastante os movimentos, mas é importante que ele adquira flexibilidade cognitiva e esteja preparado para agir de acordo com a situação de jogo, que é sempre imprevisível”, explicou o especialista.

Artigo científico mostra experimento com jogadores do Red Bull

Um artigo científico recente coordenado pelo professor da USP (Universidade de São Paulo) Alexandre Moreira, da Escola de Educação Física e Esporte, se debruçou sobre outro benefício da neurociência ao futebol. No trabalho, os pesquisadores fizeram um experimento com jogadores das categorias base do Red Bull. Os atletas passaram por sessões de 20 minutos de estimulação de correntes elétricas leves no cérebro no dia seguinte às partidas. O equipamento utilizado custa cerca de R\$ 3,5 mil.

O objetivo foi avaliar o impacto disso na recuperação psicológica e no estresse gerado pelas partidas. Antes e depois da estimulação, os jogadores passaram por exames cardíacos e responderam a questionários sobre bem-estar. “Os atletas se sentiram melhor. Até a frequência cardíaca melhorou. Em conjunto, temos um indicador de percepção que o atleta se sente mais bem recuperado, após a avaliação”, explicou Moreira.

Para o neurologista e neurofisiolo-

gista clínico Samir Magalhães, a estimulação elétrica no cérebro tem potencial de se tornar uma grande aliada no futebol, em especial na recuperação pós-jogo. “O funcionamento da parte física depende do grau de estimulação da mente de um atleta. Não à toa, há dias em que um jogador tem performance pior e isso se deve ao caráter emocional. Por isso, estimular a área do cérebro que envolve o controle de emoções pode trazer benefícios ao atleta dentro de campo”, afirmou.

“Os atletas se sentiram melhor. Até a frequência cardíaca melhorou. Em conjunto, temos um indicador de percepção que o atleta se sente mais bem recuperado após a avaliação”



Foto: Cesar Greco/Palmeiras



Foto: Alexandre Vidal/Flamengo

Duelo de gigantes hoje pelo título da Supercopa do Brasil

Flamengo, campeão brasileiro, e Palmeiras, campeão da Copa do Brasil, jogam por prêmio de R\$ 5 milhões

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A edição deste ano da Supercopa do Brasil coloca os dois melhores times do país em um jogo de partida única. O embate entre o Flamengo, bicampeão brasileiro e o Palmeiras, vencedor da Copa do Brasil e também da Libertadores da América, na temporada passada, será às 11h de hoje no Estádio Mané Garrincha, na capital federal, em um embate que reunirá os dois últimos campeões brasileiros e continentais.

Em disputa, além do título da competição que retornou ao calendário da CBF em 2020, após 27 anos inativa - antes havia ocorrido em duas edições nos anos de 1990 e 1991 -, também está o prêmio de R\$ 5 milhões que será pago ao time vencedor, enquanto que para o vice,

restará um bom prêmio de consolidação de R\$ 2 milhões - mesmo valor pago para o campeão da Copa do Nordeste, por exemplo.

Ano passado a decisão foi entre Flamengo, campeão brasileiro, e Athletico-PR, campeão da Copa do Brasil, disputado no Mané Garrincha e vitória do rubro-negro carioca por 3 a 0.

A Supercopa, assim como no ano passado, será disputada em partida única e em caso de empate no tempo normal, terá a definição do campeão através das cobranças de penalidade, portanto, não haverá prorrogação no confronto. O jogo contará com a tecnologia do VAR que analisará, validará e corrigirá eventuais marcações da arbitragem ao longo do confronto entre Flamengo e Palmeiras que, por conta da pandemia, não contará com a presença de público no estádio.

Com 10 títulos nacionais contra 7 do Flamengo - clube considera oito, mas o de 1987 oficialmente é do Sport já que o Fla ganhou a Copa União -, o Palmeiras entrará em campo logo mais com a vantagem no histórico de confrontos contra o rubro-negro. Ao todo, as equipes se enfrentaram em 98 partidas das quais o alviverde venceu 37 contra 33 vitórias do time carioca, essa disputa ainda conta com 28 empates.

Por outro lado, se no retrospecto total a vantagem é paulista, na atualidade, o Flamengo chega com um tabu para defender, pois não sabe o que é perder para o Palmeiras desde novembro de 2017. De lá para cá foram seis confrontos entre as duas equipes com três empates e três vitórias rubro-negras, incluindo o último jogo entre as duas agremiações, que foi vencido pela equipe carioca por 2 a 0 no Maracanã.

Além da vantagem no retrospecto recente, o Flamengo, time comandado por Rogério Ceni, também chega para esse confronto com uma maior folga em relação ao jogo anterior, pois o rubro-negro fez sua última exibição no dia na última segunda-feira (5). Com isso, teve cinco dias de descanso e treinamentos para se preparar para a Supercopa.

Enquanto isso, o Palmeiras, do português Abel Ferreira, teve que viajar até Buenos Aires, na Argentina, para enfrentar, na última quarta-feira o Defensa y Justicia pela Libertadores. Desse modo, o time chega para esse confronto em Brasília tendo tido apenas três dias de intervalo entre o compromisso passado e o jogo de hoje.

Protocolo de covid

Por conta da pandemia de covid-19, a decisão não contará com

público na arquibancada. Para garantir a segurança dos envolvidos na partida, a CBF vai executar as atualizações do protocolo de combate ao coronavírus e haverá uma restrição sanitária ainda mais rígida. Como vem ocorrendo desde a retomada do futebol, em 2020, haverá testes RT-PCR antes da partida para atletas e extensivo aos profissionais da comissão técnica que trabalham no campo de jogo. Além disso, será exigida a entrega de inquéritos de todos os integrantes das delegações e profissionais responsáveis pela operação do jogo para rastreamento epidemiológico das viagens aéreas, hospedagens e relações de contatos próximos. Os protocolos de deslocamento e hospedagem serão ainda mais restritos para garantir a saúde e a segurança dos profissionais.

+ Zinho e Djalminha são os embaixadores da decisão no Mané Garrincha

Neste domingo, o Estádio Nacional Mané Garrincha receberá dois multicampeões. Mas não estamos falando apenas de Flamengo e Palmeiras. Ex-jogadores e campeões do Brasileirão e da Copa do Brasil, Djalminha e Zinho serão os Embaixadores da Supercopa Kia 2021.

A exemplo de Kleberson em 2020, Djalminha e Zinho entrarão em campo com a taça da Supercopa Kia 2021, assistirão à partida ao lado

do presidente da CBF, Rogério Caboclo, e participarão do protocolo de premiação.

Dois dos principais vencedores do futebol brasileiro nos anos 90, Djalminha e Zinho fizeram história com as camisas de Flamengo e Palmeiras. Os dois foram revelados pelo rubro-negro, e são representantes de duas gerações que são, até hoje, consideradas umas das melhores que já saíram das categorias de base do Fla. Zinho começou como pro-

fissional no Flamengo na segunda metade dos anos 80. Com a camisa do rubro-negro, venceu a Copa do Brasil em 1990 e o Campeonato Brasileiro em 1992. Depois disso, Zinho se transferiu para o Palmeiras. Em duas temporadas, Zinho foi bicampeão paulista, bicampeão brasileiro e levou ainda um Torneio Rio-São Paulo com o Verdão.

Depois de uma passagem pelo futebol japonês, Zinho retornou ao Brasil para defender o Palmeiras mais uma vez. Venceu, em 1998, a Copa Mercosul e a Copa do Brasil. No ano seguinte, o meio-campista ainda foi peça-chave na conquista da Conmebol Libertadores. Zinho teve outra oportunidade no Palmeiras antes de retornar ao Flamengo, em 2004, quando foi campeão carioca pelo rubro-negro.

Também cria do Flamengo, Djalminha foi revelado pelo clube no fim da década de 80. Em 1990, conquistou a Copa São Paulo de Futebol Júnior, ao lado de jogadores

de destaque como Júnior Baiano, Marcelinho Carioca e Paulo Nunes. Naquele mesmo ano, fez parte do elenco campeão da Copa do Brasil pelo Flamengo.

Apenas dois mais tarde, em 1992, Djalminha ajudou o rubro-negro a conquistar o Brasileiro de 1992. Do Rio de Janeiro, Djalminha foi para Campinas, onde brilhou com a camisa do Guarani. Depois de uma rápida passagem pelo futebol japonês, Djalminha

retornou ao Brasil para vestir a camisa do Palmeiras.

No Verdão, o meia armador fez parte de um dos times mais marcantes da história do clube. Rivaldo, Luizão, Cafu e Müller foram alguns dos craques que jogaram ao lado de Djalminha na campanha que terminou com o título do Campeonato Paulista de 1996. Avassalador, o Palmeiras marcou 102 gols só no Paulistão e ainda foi vice-campeão da Copa do Brasil.



Foto: Divulgação/CBF

Zinho começou como profissional no Flamengo na segunda metade dos anos 80

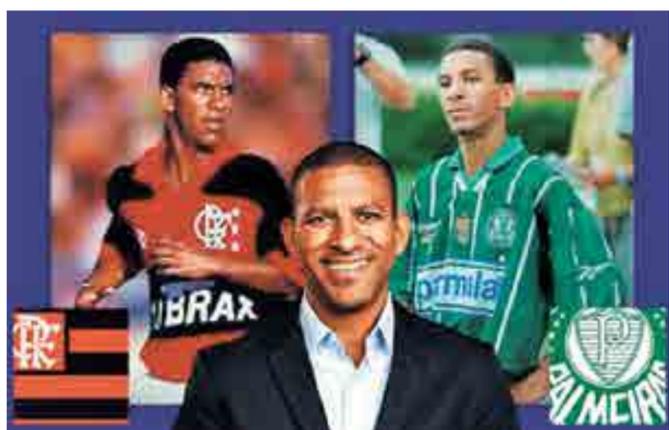


Foto: Divulgação/CBF

Djalminha fez sucesso também no Palmeiras ao lado de Rivaldo, Luizão, Cafu e Müller



Fotos: Arquivo A União

IDAS E VINDAS DA ANTIGA RODOVIÁRIA

■ Um pedaço da história da Paraíba se esconde na Rua Eugênio Toscano, paralela à Irineu Pinto, no Centro da capital. Foi um avanço arquitetônico para a época, mudou a vida da cidade, que tinha na Praça Pedro Américo o ponto de apoio informal para o transporte rodoviário. E mudou a vida das muitas pessoas que por lá passaram, entre encontros e partidas

Rodoviária da Primavera: uma viagem ao passado

Primeiro prédio construído para empresas e passageiros em João Pessoa marcou época e foi considerado avanço arquitetônico

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Laura Luna
lauraragoo@gmail.com

A antiga estação rodoviária de João Pessoa, por tantos chamada Rodoviária da Primavera, foi desativada em 1982 quando o terminal Severino Camelo foi entregue à cidade. A necessidade de um espaço mais amplo, em local mais estratégico e em uma área mais segura foram determinantes para a mudança. Atualmente, funcionam no prédio algumas lojas e pequenos comércios. Mas, no local, a aparência é de total abandono, diferente de quando o espaço estava no auge e reunia importante quantidade de passageiros que chegavam e partiam da capital para outros municípios do estado e para todo o país.

Antes de ser desativada, a antiga rodoviária marcou época, marcou empresas que lá funcionaram, marcou a vida de muitas pessoas que por lá se encontraram ou desconstruíram. Localizado na Rua Eugênio Toscano, Centro Histórico de João Pessoa, o prédio que fica paralelo à Rua Irineu Pinto, foi considerado um avanço arquitetônico para a época. Muito embora não fosse ainda o espaço ideal para aquela atividade, como lembra o historiador José Otávio de Arruda Mello. “Lembro que tinha muitos engraxates, algumas lanchonetes e também muitos pedintes. Era considerado um lugar desagradável tanto que a gente procurava chegar na hora de embarcar para não ter que esperar”, conta o entrevistado que estudava no Recife portanto usava o terminal com frequência.

Zé Otávio conta também que não havia plataformas específicas e que os ônibus estacionavam por ordem de chegada. “Aí, mais tarde foi colocado um sistema de alto falante com um locutor anunciando o horário da saída dos ônibus. Ficou melhor porque a alguns minutos do embarque o locutor começava a anunciar a partida e era muito difícil alguém perder o transporte”. Os desatentos tinham ainda outra chance, disse referindo-se ao momento da manobra. “Os ônibus saíam de ré e precisavam manobrar para sair do estacionamento sentido cidade antiga, então os retardatários corriam para não perder a viagem”, lembrou.

O fluxo na Antiga Rodoviária era muito menor que o visto na atual, mas já foi uma evolução para os passageiros da época que até então pegavam o transporte na Praça Pedro Américo. “Foi a primeira estação rodoviária que a gente pode chamar, ficava ali na altura do Teatro Santa Roza. Lá, atuava a Viação Gaiivota com ônibus para Recife, Campina Grande e Cabedelo”. Existiam algumas outras poucas empresas, mas, ainda assim, as viagens eram muito espaçadas. A praça histórica chegou a receber um apelido curioso, que o entrevistado explica. “Chamavam de Praça do Pensamento, porque as pessoas do interior, que vinham tentar

+ Vidraças quebradas em dias sem brilho

Foto: Roberto Guedes

O prédio deteriorado da antiga rodoviária da capital - da Primavera -, com muitas das vidraças do primeiro andar quebradas, e a vegetação invadindo parte das paredes, ainda é fonte de recordação para antigos frequentadores do local. Um deles é o aposentado Francisco Miguel Barbosa Filho, 71 anos, que hoje em dia costuma tomar café na lanchonete instalada no espaço onde outrora era o estacionamento dos ônibus do terminal desativado.

Ainda bem jovem, com pouco mais de 20 anos de idade, Francisco Miguel viajava em férias para São Paulo e o Rio de Janeiro, a fim de visitar os parentes. “Comprava a passagem antecipadamente, geralmente um dia antes, e pegava o talãozinho de papel, que era o comprovante. No dia marcado, chegava um pouco antes da hora, e às vezes, comia alguma coisa em uma das lanchonetes que existia na parte do térreo”, contou.

Além de várias lanchonetes e dos terminais de venda de passagens, a parte térrea da rodoviária ainda tinha um restaurante, para uso dos mais abastados, e uma espécie de cela de polícia, para deter os infratores que eram presos por algum delito cometido nas proximidades. “Nas salas do primeiro andar, os passageiros não tinham acesso. Creio que funcionava a parte administrativa”, arriscou Francisco Miguel.

Atualmente, essa área está totalmente isolada, sem nenhum trato ou uso. No térreo funcionam alguns pontos comer-

a vida na capital, desciam ali e ficavam pensando no que fazer”, explica.

Mas foi tempos depois, já na Antiga Estação Rodoviária - a da Primavera, como habituou-se a chamar - que começou a haver organização e frequência em relação aos transportes. “A disciplina dos horários dos ônibus que passaram a rodar com maior frequência. Aí os passageiros não precisavam esperar tanto”. Isso foi em meados de 70, quando o fluxo começou a crescer. Estudantes, comerciantes, profissionais liberais, o número de passageiros crescia, mas o terminal não conseguia acompanhar esse processo. “Tanto alunos quanto professores, que vinham estudar aqui ou saíam

para outras cidades, como os médicos, advogados, dentistas e outros profissionais que iam suprir a demanda do interior do estado. Os comerciantes também compravam muito no interior para vender aqui na capital”, conta José Otávio.

Os Chapeados

Entre os trabalhadores da rodoviária, havia um grupo responsável por carregar as malas dos passageiros. Eram carregadores regularizados identificados por uma espécie de chapa presa à camisa, destaca José Otávio. Os ‘chapeados’ faziam um trabalho que, à época era considerado constrangedor e até vergonhoso. “As pessoas

ciais como oficina, que desfiguraram a construção original. Ao olhar para a edificação, Francisco faz um apelo: “Esse é um prédio histórico, seria muito bom que restaurassem”.

Outro antigo frequentador do local é o alfaiate Djalma Rodrigues, 74 anos, que possui um estabelecimento no mesmo corredor de pontos comerciais situado no antigo estacionamento da antiga rodoviária. Na década de 1970, Djalma também fazia parte da lista de viajantes do terminal. “Ia para Recife ver minha família”, afirmou. Em outras ocasiões, ele ia para o interior, mas quando optava por algum destino dentro do estado, tinha de ficar atento na hora de comprar a passagem, para não perder a viagem. “Porque para o interior só tinha ônibus dia sim, dia não”, declarou.

Já o mecânico Marcelo Lourenço, 49 anos, revelou que era criança quando trabalhava na oficina do pai, nas proximidades da rodoviária desativada. “Mas ainda lembro do movimento, era grande. Na mesma rua, tinha a Feira da Primavera. Depois que a rodoviária fechou, o movimento caiu, mas muitas lanchonetes do local ficaram funcionando por muitos anos”, relembrou.



Espaço que marcou história de pessoas e empresas de todo estado hoje abriga pequenas lojas e estacionamento

Antônio Barroso Pontes

Jornalista, escritor e “o avô de Kay France”

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

O escritor e procurador do Estado José Adalberto Targino de Araújo, em homenagem póstuma publicada na internet, chamou-o de “destemido sobrevivente das secas”. E assim o descreveu: “Tratava-se de um sertanejo arrojado e forte. Fosse no tratamento com as letras, fosse no cumprimento das missões que lhe confiavam.” O jornalista e escritor Antônio Barroso Pontes era assim. Nasceu em Itapipoca (CE), no dia 16 de fevereiro de 1911, e morreu aos 100 anos de idade, no Hospital da Unimed, em João Pessoa, em 1º de março de 2011.

Já reconhecido pelos seus escritos, um outro fator contribuiu para que todos o apontassem na rua: era por ser “o avô de Kay France”. A adolescente paraibana foi, aos 16 anos, “a primeira mulher sul americana a atravessar a nado o Canal da Mancha, vencendo em 9 horas e meia os 46 Km de mar entre Dover (Inglaterra) e Calais (França). O pai de Kay era o professor de educação física e de artes marciais José Sales Barroso Pontes (In memoriam), filho mais velho de Antônio Barroso Pontes Guiomar Maia Pontes”.

Do casamento entre Guiomar e Barroso, como era chamado nas redações, nasceram mais seis filhos, depois de José Sales: o agente de publicidade José Maurício, os jornalistas e advogados José Cláudio e Antônio Barroso Pontes Filho, Maria Amélia, Maria Luíza e Maria Iolanda. Mesmo sisudo e monossilábico, Barroso tinha sempre um tratamento cortês, para quem o procurava: “As ordens, meu jovem.” Em seguida, oferecia uma cadeira ao visi-

Barroso, como era conhecido nas redações, nasceu em Itapipoca (CE) em 1911. Viveu até 2011 e, além da fama nas redações de jornal, carregava uma alcunha por ser avô da primeira sul americana a atravessar o Canal da Mancha

tante. Seus ternos claros e os óculos de grau eram inconfundíveis.

Apesar de versátil em diversos assuntos, Barroso Pontes escolhia, como tema preferencial de suas crônicas, coisas típicas do Nordeste, como a seca, os cangaceiros e o coronelismo. “Era radical quando escrevia sobre o movimento das Ligas Camponesas. Mas se tornava eclético ao festejar seu aniversário, convidando, indistintamente, quem cultivava ideias da esquerda ou da direita,” lembra o jornalista e historiador José Octávio de Arruda Mello. “Ele costumava dizer que, dentro de sua casa, não havia rivalidades ideológicas”, complementa.

José Octávio diz que “o estilo de Barroso Pontes era livre, sereno e objetivo, característico do repórter memorialista”. Era amigo dos militares mas, segundo o historiador, “ele não entregava ninguém e costumava ser genérico – não dava nomes aos bois – quando abordava assuntos que envolviam temas como o comunismo ou a segurança nacional, no agitado Brasil Pós-1964”. “Dizia abertamente que os militares agiam com democracia, mas precisavam atuar energeticamente, para manter a ordem no país”, esclarece um de seus filhos, José Maurício.



Além da atuação na imprensa, Barroso Pontes foi delegado regional da Associação dos Servidores Públicos Civis do Brasil

Foto: Arquivo

Delegado da Base Aérea de Parnamirim-RN na 2ª Guerra Mundial

Sua coragem pessoal e habilidade investigativa, de acordo com Adalberto Targino premiou-o com “elogios dos governos Brasileiro e dos Estados Unidos, por relevantes serviços prestados às Forças Armadas”. Isto aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Nesta época Barroso Pontes foi nomeado delegado da Base Aérea de Parnamirim, em Natal, e em termos de ordem e segurança pública, colocou tudo nos eixos. “As vezes Barroso era monocrático nos assuntos que abordava, mas ele nem parecia ligar para isso, pois seus leitores cativos gostavam”, explica José Octávio.

Era de uma família tradicional do Ceará. E seus amigos, incluíam o usineiro Renato Ribeiro Coutinho - na época o homem que mais possuía terras na Paraíba -, o intelectual Virgínia da Gama e Melo, o megapresidente da comunicação Assis Chateaubriand, o senador e empresário João Calmon, o renomado escritor potiguar Câmara Cascudo e entre outros, como João Agripino e Tarcísio Buriti, ex-governadores da Paraíba. Quando a missão jornalística se propunha perigosa, Calmon, o braço direito de Chateaubriand, recomendava: “Manda o Barroso que ele destrincha o assunto.”

Pontual, se apresentava com aquela aparência de quem acabara de sair de um banho. E conduzia o artigo sempre dobrado e datilografado no bolso interno do paletó. O jornalista Eraldo Nóbrega (In memoriam), brincava com esta situação:



Barroso Pontes (E) ao lado do colunista Abelardo Jurema durante evento promovido pelo jornal A União

Foto: Arquivo

“quem vir o Dr. Barroso com a roupa suja ou amassada e os sapatos sem brilhar, ganha um prêmio na loteria”. Alguns dos personagens que abordava nos temas de seus livros, tinham essas características. Escreveu: “Mundo dos Coronéis”, “Cangaceirismo no Nordeste”, “Reminiscências de um Caboclo sertanejo”, “Aguerridas Caminhadas”, “Do Nordeste Brasileiro”, “Sertão Brabo – Usos e Costumes”,

“Lembrando o Nordeste” e, entre outros, “Décima História da Sociologia.” Ao chegar a João Pessoa, em 1950, exerceu o cargo de inspetor do Banco Sul América. Depois, trabalhou simultaneamente nos jornais A Tribuna (RN), Correio da Paraíba, O Norte e A União, em João Pessoa. Foi correspondente e colunista de O Cruzeiro, a revista dos Diários Associados, que esteve em evidência nos

países da América do Sul, nas décadas de 1940, 1950 e 1960. Sem abandonar seus compromissos jornalísticos, tornou-se delegado regional da ASCB – Associação dos Servidores Públicos Civis do Brasil -, onde atuou por mais de 30 anos. Eventualmente colaborava com o Diário de Pernambuco. E trabalhou por algum tempo no Diário da Borborema, em Campina Grande.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Qual a relação entre o herói grego Pheidippides e os jornalistas?

Da Grécia antiga, nasceu a maratona, uma das mais belas modalidades esportivas já criadas até hoje. Conta a lenda que Pheidippides, soldado experiente, correu cerca de 40Km apenas para levar uma mensagem até Atenas. Já exausto, ele conseguiu dizer apenas uma palavra: “Vencemos”. E caiu morto. Hoje, bastam alguns segundos para as informações irem de um país a outro.

Enquanto um corredor paraibano cruza a linha de chegada percorrendo as ruas de Los Angeles, nos Estados Unidos, milhares de pessoas acompanham seu esforço e vitória em tempo real no Brasil. Para isso, entram em cena bits, softwares, dispositivos móveis, gadgets, aplicativos e jornalistas polivalentes preparados para levar a notícia aonde a audiência está. Antes que suspire a palavra “venci”, o maratonista do nosso tempo já terá sua imagem replicada em sites, portais e nas redes sociais. Não demora muito, e sua cara de esgar terá virado “meme”.

O tempo de circulação da informação agora é ínfimo, em comparação com a extenuante missão de Pheidippides, o herói ateniense. O campo de guerra, onde se desenvolvem batalhas contra o tempo e a precariedade da função de comunicador, também é outro e encontra no ciberespaço a principal arena para os duelos dos jornalistas com os novos dilemas da profissão.

Tal cenário não é novidade. O jornalismo sempre esteve sujeito a transformações em função das inovações tecnológicas, e duas grandes revoluções ocorridas nos séculos XIX e XX são dadas como marcos nesse processo: a chegada da rotativa e da imprensa de massa, em 1850, e a informatização, em 1970. Na contemporaneidade, a digitalização – como parte ainda desse segundo movimento –, propicia novas alterações nas empresas de comunicação social, não somente em relação ao aspecto gerencial e de estratégias de negócios, mas também com referência às



formas de lidar com a notícia e ainda às práticas jornalísticas.

No cenário atual, destacam-se importantes movimentos nos veículos de comunicação de massa, após o advento da tecnologia da comunicação e da informática. As empresas se voltam para o barateamento da produção, muda-se o perfil profissional e institui-se o modelo, muito criticado, do “jornalista universal”, no qual se exige uma capacidade redacional diversa, adaptável a qualquer editoria.

Cada vez mais, as empresas visam à convergência profissional, em que jornalistas apuram, redigem, editam, comen-

tam e produzem: tudo ao mesmo tempo e dando fim ao profissional especialista. Há múltiplas plataformas para a distribuição de conteúdo, e os profissionais de comunicação são desafiados (e forçados) a se adaptar a esse novo formato.

Tais ambientes criam novas funções e a figura do profissional “polivalente”, que se torna “malabarista das ferramentas digitais”, uma vez que as mudanças geradas por uma sociedade em rede passaram a exigir jornalistas dedicados à produção multimídia integrada, com atuação em texto, vídeo, foto e áudio, dentre outras habilidades.

As mutações vivenciadas pelo jornalismo também estão ligadas à volatilidade e instantaneidade porque passa atualmente a sociedade, com uma valorização da cultura do efêmero, da velocidade, do que é descartável. Tudo isso está relacionado às transformações socioeconômicas recentes, com reflexos nas estruturas das empresas e das profissões, de modo geral, com grande impacto no jornalismo. Todo dia, jornalistas correm verdadeiras maratonas nas redações, para tentar levar mensagens ao público. Ao fim do dia, estão exaustos e nem sempre conseguem dizer: “Venci”.

(Texto adaptado da dissertação de mestrado da colunista)

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Os Senhores dos Teclados

Talvez poucos “audiófilos” de música popular brasileira sejam aficionados pelos chamados discos orquestrados. Então, não me causa nenhuma surpresa que alguns já se não lembrem mais de Waldir Calmon, pianista de formação popular, fundador da famosa boate *Arpège*, e que nos legou uma série de doze LPs, sob o título geral de “Feito para dançar”. É bem possível, no entanto, que lhes passe pela mente uma nuvem que os faça lembrar-se da música tema do antigo Canal 100, quando, nas telonas, pelos fins dos anos 50, anunciava-se o noticiário esportivo. Ao som de “Na Cadência do Samba”, de Luiz Bandeira (*Que bonito é!*...), acostumamo-nos com o piano de Calmon que migrou e ficou, até hoje, enfeitando as resenhas esportivas de algumas emissoras por esse Brasil afora.

Um pouco mais pra cá, tivemos outros tecladistas, como Ely Arcoverde, Walter Wanderley e Ubirajara, mas estes já saindo do piano e migrando para o solovox, embrionário dos modernos teclados eletrônicos que, hoje, “só faltam falar”.

O careense Ed Lincoln (Eduardo Lincoln Barbosa de Sabóia) é dessa mesma época. Foi pianista e organista que, com o seu “órgão espetacular”, acompanhou artistas famosos, como Pedrinho, Sílvio César, Orlandivo, Tony Tornado, Emílio Santiago, Beth Carvalho e Elza Soares, nos

saudosos tempos da gravadora Musidisc, onde ele imperou como diretor artístico.

Enquanto isso, na Columbia (depois CBS), Sidney marcou época gravando, com o maestro Astor e Orquestra, a convidativa série que compôs os quatro volumes do seu “Isto é dança”.

Mais recentemente ainda, o destaque vai para o multi-instrumentista (flauta, clarinete, violão e piano) Egberto Gismonti, com formação em música dodecafônica, hoje mais reconhecido e popular no exterior do que no Brasil, onde é mais identificado como um “senhor dos sintetizadores”.

Assim como a Velha Guarda se foi, deixando-nos inenarráveis lembranças musicais incorporadas ao nosso cânone popular, começam a nos deixar os “astros” da decantada Jovem Guarda que, até pouco tempo, embalavam os nossos alegres e saudosos momentos musicais juvenis.

Dias atrás, deixou-nos o tecladista Lafayette Coelho Vargas Limp (1943-2021), carioca da Tijuca, bairro onde conviveu, entre amigos do meio artístico, com Roberto Carlos, Erasmo, Tim Maia e Jorge Ben. Ele iniciou seus estudos musicais já aos cinco anos de idade, aperfeiçoando-se no Conservatório Nacional de Música. Com apenas quinze anos, com

um grupo de amigos, criou o conjunto musical *The Blue Jeans Rock*, já migrando do piano clássico para o teclado com pedada de rock. O advento da Jovem Guarda fez com que se tornasse um organista voltado para o iê-iê-iê em cujos embalos se fixou, excursionando pela Argentina, Uruguai e Paraguai, mas foi no Brasil que se firmou no disco, tornando-se um dos mais requisitados para acompanhar nove entre dez intérpretes, como os amigos já citados e ainda por Jerry Adriani, Wanderléa, Sérgio Reis, Golden Boys, entre tantos outros...

No plano internacional, por aqui chegou a acompanhar Neil Sedaka e Jimmy Cliff, a quem emprestou seus serviços musicais quando estes estiveram se apresentando no Brasil.

Lafayette chegou a gravar cerca de trinta LPs, pelo selo da antiga CBS, alguns dos quais foram processados no sistema CD, o que o levou a conquistar, em 2004, o ambicionado Troféu Chico Viola.

teclado Hammond B-3 aos amantes do chamado som da Jovem Guarda. Em 2005, repaginou-se, fazendo parte do conjunto Lafayette e seus Tremendões, de que foi líder, chegando a gravar um CD, em 2009, com releituras de clássicos da JG e covers das músicas mais pedidas e executadas em suas apresentações em bailes e na mídia.

É tido e hávido como o organista oficial do movimento liderado por Roberto e Erasmo Carlos, em cujas gravações se destaca o seu acompanhamento em músicas como *Quero que vá tudo pro inferno*, *Não quero ver você triste*, *Quando, de RC*, e na balada sentimental *Sentado à beira do caminho*, do “seu amigo” Erasmo Carlos. O nome de Lafayette será sempre lembrado, enquanto, em nossa memória musical, ecoarem os sons que embalaram a nossa juventude.



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

A incerteza

A volta, novamente, de um novo normal gera medos e inseguranças para o ramo gastronômico e em todas as áreas do ramo de hotelaria.

Não tem sido fácil para os comerciantes e empresários da gastronomia. É um tal de estica e puxa de promoções para chamar a atenção dos clientes e tentar ter um resultado esperado no final do mês. Mesmo os restaurantes de grande nome em nossa capital têm sofrido com o reflexo da grande crise existente em nosso país perante a segunda onda da pandemia.

E, com isso, aumentou o número de desemprego nessa área. Os novos estudantes dos cursos, que estão parados, de cozinha e gastronomia sem saber para onde correr, ou seja, onde vão trabalhar, e se vão encontrar emprego futuro em um mercado interrogativo e muito preocupante pelo número de estabelecimentos que vem fechando e locais que já tinham construído uma história no Brasil todo que fecharam as portas.

Restaurantes e lanchonetes... onde antes existiam filas de espera durante a semana e nos fins de semana, tiveram que refazer tudo novamente só que com um prazo mais curto de se trabalhar e, dessa vez, um número bem mais reduzido e incerto além de horários

modificados. Muitos restaurantes estão localizados nas principais avenidas da capital, onde os custos são mais altos, estes coitados não terão seu último suspiro no primeiro reajuste de aluguel. E, fora isso, as contas não param. De fornecedores, recisão de trabalho, água, energia, contrato de motoboy... É muito grande a lista de pagamentos e a conta não fecha no final do mês. E, desta vez, tudo foi diferente, não houve auxílio, não teve bancos para ajudar, bem que foram poucos os que conseguiram esse tipo de privilégio.

Só saberemos a real situação desta volta do novo normal em dois meses, até tudo tentar se ajustar, se vai parar por um novo surto da doença. E, se isso acontecer, a coisa ainda será pior.

Onde vamos parar?

Fiquei observando novas casas que foram abertas e reformadas um pouco antes da primeira fase da pandemia como vão fazer para tentar escapar de tantas contas a pagar, porque muita delas fecharam agora nesta segunda fase. São muitas casas de pontos comerciais fechados pela crise e muitas que, meses antes da pandemia, estão sem conseguir alugar, pois já não tinham a quem alugar e, com este efeito crise, ficou ainda mais difícil alugar um ponto comercial.

Como foi bom acreditar, há doze anos, em uma política diferente, onde o reflexo hoje é de desespero desenfreado da área de hotelaria, tanto empresariado como trabalhador. Não temos ajuda do Governo Federal, não vemos as vacinas chegarem e ter um resultado na saúde até a presente data só promessas e o povo desesperado, pois criou uma crise de pânico mesmo, que não se sabe mais o futuro, nem como recomeçar e se pode recomeçar novamente.

E minha classe, tão triste de ver. São as pessoas que dão seu sangue pela empresa, são o coração, e estão com seus salários bases defasados há mais de 20 anos. Como toda categoria na área de hotelaria ou vive dos "10%" quando se recebe integral, pois muitos restaurantes não repassam o valor integral.

Neste momento não sabemos o que fazer a não ser esperar, pois é tudo muito incerto e inseguro.

Esperamos, caso tenha uma nova crise, não sermos abatidos com os horários que desta vez foi muito cruel com o delivery, espero que tenhamos mais tempo e horário ao menos para o delivery. Pois, se não, teremos muito mais famílias desempregadas maior que essa segunda fase.

É só a quem podemos pedir a proteção. Que Deus nos proteja!



Foto: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Cuscuz à moda do Chef

Ingredientes

- 1/2 xícara (chá) de azeite
- 1 colher de sopa de manteiga
- 1 cebola picada
- 2 molho de tomate
- 2 latas de água
- 1 lata de ervilha
- 1 lata de milho verde
- 1 pimentão verde
- 400g de carne de sol ou charque cortada em cubos
- Coentro a gosto
- Sal e temperos a gosto
- 200g de queijo de coalho ralado
- 5 xícaras cuscuz flocão
- 3 ovos cozidos cortado ao 1/3



Modo de preparo:

■ Coloque na panela ou uma frigideira muito grande a manteiga. Em seguida, a carne e refogue bem. Após refogada, acrescente as verduras e os molhos de tomate, misture tudo e vá acrescentando aos poucos e mexendo sempre o cuscuz flocão. Depois de ter colocado toda massa do cuscuz e verificar que está bem cozida, acrescente o restante dos ingredientes misture bem e reserve. Unte uma forma de bolo para formar com um pouco de azeite, espalhando com um guardanapo por toda forma internamente e vá acrescentando todo o recheio e apertando bem a forma para tirar todo o ar que estiver. Por fim, pegue um prato maior que sua forma e desenforme.

QUENTINHAS

Com a volta do segundo novo normal, já estamos vendo muitos estabelecimentos querendo ganhar uma nova clientela, até porque ninguém sabe do amanhã, então fica ligado nas promoções e dos serviços que cada um estão oferecendo.

O maior resultado para seu estabelecimento respirar e você não está conseguindo administrar a situação, é contratar um Chef Consultor para te dar toda a assessoria para que você tenha uma visão diferente do que você como empresário imagina, sua visão empresarial não é a certeza que está no caminho certo. E este colunista pode te ajudar com esse trabalho de assessoria. Basta entrar em contato no direct do meu Instagram @waltinhoulysses ou mandar um WhatsApp no 83-99620-0013

E, falando em consultoria, já estou pensando no primeiro curso de cozinha básica para iniciantes com o Chef Walter Ulysses, que vamos ter um número reduzido de pessoas além de todos os métodos de segurança na saúde para este curso. Aguardem!

E vamos de parceria e negócios, se você tem interesse em divulgar sua empresa seja ela do ramo de gastronomia ou não, pode entrar em contato no direct do meu Instagram @waltinhoulysses ou por telefone 83-99620-0013

PITADAS A GOSTO



Kuz-kuz, alcuzcuz ou cuscuz é um prato nacional dos mouros da África Setentrional. Inicialmente, era feito com arroz ou sorgo, e passou a ser de milho americano (Zea mayz) quando este irradiou-se pelo mundo por volta do século XVI. Para outros autores, o cuscuz é de origem árabe.

No Brasil Colonial, o cuscuz era a manutenção de famílias pobres e circulava entre os consumidores modestos. Julgava-se comida de negros, trazida pelos escravos, porque provinha do trabalho obscuro e era vendido em tabuleiros, pelos mestiços, filhos e netos de cuscuzzeiras anônimas.

No Brasil, há dois tipos de cuscuz: o do Centro-Sul e o do Nordeste. Em ambos, a massa é de milho. O cuscuz paulista e mineiro constitui uma refeição substancial e é feito com farinha de milho, recheado com camarão, peixe ou frango e com molho de tomate. O cuscuz nordestino é uma massa de milho (usa-se a fubá e hoje massas modernas como o flocão) temperada com sal, cozida no vapor de água e depois umedecida com leite de coco ou água. Cuscuz com manteiga é prato matinal ou da ceia da noite. Na verdade, cuscuz é vida para todas as refeições do nordestino raiz. Quem não gosta de cuscuz um bom sujeito não é!